



de repente **NÓS DOIS**

Da autora de Inesperadamente Você
DEBORAH STROUGO



COPYRIGHT © 2019 DEBORAH STROUGO

DE REPENTE NÓS DOIS

1º Edição — Brasil

Todos os direitos reservados a Autora.

Produção Editorial

Capa: GE BENJAMIN

Diagramação: BRUNO LIRA

Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação (cip)

Strougo, Deborah;

De repente nós dois

1. Ed. — São Paulo — SP — 2019

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. B869.3

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009. São proibidos o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os direitos reservados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

FOLHA DE ROSTO

Da autora de Inesperadamente Você
DEBORAH STROUGO

de repente
NÓS DOIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1



NICOLE

—Eu. Não. Aguento. Mais. Essa. Enxaqueca. De. Merda! – falei, provavelmente pela trigésima quinta vez naquela semana.

Minhas mãos massageavam minhas têmporas, no entanto a dor permanecia ali, como a amiga fiel que era. Excruciante, aguda e sempre presente, fazendo meu cérebro ranger em um resmungo dentro da caixa craniana, tentando inutilmente cuspir algumas palavras que fizessem sentido.

Mas nada.

Nada saía de mim há séculos.

Quase três anos, para ser mais específica, sem conseguir escrever um maldito capítulo, quanto mais um novo romance. Um que, para meu desespero, os leitores não paravam de pedir. Não

PERIGOSAS ACHERON

depois dos últimos dois terem estourado e eu ter encabeçado a lista dos mais vendidos em todo Brasil. Quando comecei a escrever minhas fanfics na adolescência, nunca imaginei que realmente acabariam com um livro em meu colo. Um não, dois.

Lembro que o primeiro saiu quase como em um espirro. Eu me sentei no computador, enchi os pulmões de ar e... puf, o manuscrito completo surgiu pronto como mágica na minha frente.

De início, preferi não mostrar a ninguém.

Acho que era medo do que poderiam achar.

Nas fanfics, eu usava um codinome. Ninguém sabia quem eu era. Meus pais sequer imaginavam que eu escrevia.

O único que sabia era Guido, meu melhor amigo desde que me entendo por gente. Como nossos pais tem uma loja de materiais de construção juntos, acabou que viramos unha e carne. Bom, é o que acontece quando obrigam duas crianças a passarem todos os feriados juntos por incontáveis anos em uma casa isolada da serra, bem no meio do mato,

sem absolutamente *nada* para fazer.

Quando Guido descobriu sobre as fanfics, ele me deu de presente um pôster do Edward Cullen de Crepúsculo.

Claro que revirei os olhos e fingi que não gostei da brincadeira, mas a verdade é que guardei o pôster na parte de dentro do armário por um ano e meio. Depois, meu novo crush era o Damon de The Vampire Diaries. O que, na minha opinião, é um enorme progresso para o meu gosto pessoal.

De qualquer forma, Guido guardou meu segredo apesar de aproveitar algumas situações para tirar uma ou outra com a minha cara. Mas, para minha surpresa, quando ele descobriu meu livro escondido em uma pasta do meu computador e leu os primeiros capítulos enquanto eu ajudava minha mãe no jantar... bom, ele não riu.

Pelo contrário.

Ainda consigo me lembrar de como voltei para o quarto e o encontrei vidrado na tela do computador. Os olhos se mexendo em um frenesi sedento pelo conteúdo, que só então eu percebi o que ele de fato

lia.

Um grito esganiçado saiu de minha garganta e pulei em cima dele em puro instinto animal. Mas Guido já era maior e mais forte do que eu com seus 20 anos – dois a mais do que eu – e 1,80m.

Minhas bochechas ficaram da cor de um pimentão, querendo morrer por dentro por saber que ele leu o que eu tinha escrito pela primeira vez. Já esperava o sorrisinho de deboche ou o comentário sarcástico, porém, nenhum dos dois vieram.

— Você precisa mostrar isso pra alguém – ele disse, mais sério do que já havia visto.

E foi assim que tudo começou.

No meio daquele ano, entrei para a faculdade de letras e Guido continuou no meu ouvido, até que eu enfim decidi mostrar meu manuscrito para uma professora. Ela me encaminhou para uma amiga, dona de uma editora e, meses depois, lá estava eu, aos 19 anos, com um livro publicado. O segundo saiu no ano seguinte, e o terceiro em exatos 412 dias depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

E foi assim também que quase três anos se passaram desde então e eu tinha três livros publicados. Agora, por alguma ironia do destino, eu vivia meus 24 anos apenas para tentar – sem nenhum mísero sucesso, devo ressaltar – escrever o quarto.

Eu era chamada de garota pródigo, romancista da década e até de máquina-humana (apelido exclusivo de Guido).

Mas do que isso me adianta agora? Porcaria nenhuma, simples assim. Era como se meu dom, minha habilidade para a escrita tivesse terminado comigo.

Pelo que parece, eu tomei um belo pé na bunda.

Recostei a testa no teclado, desejando que aquelas letrinhas miúdas se desprendessem e... sei lá... entrassem pelo meu ouvido até chegar na minha cabeça e montassem frases completas.

— Você tá só descansando ou morreu de vez? – a voz de Helô soou em meus ouvidos, o que apenas fez a cabeça latejar mais.

Acho que soltei um tipo de resmungo por causa

PERIGOSAS ACHERON

da dor, porque minha melhor amiga, companheira de apartamento *e* agente literária estalou a língua.

— Sério, Nicole, eu não aguento mais ver você nessa deprê toda. Você não....

— Deveria se cobrar tanto – completei em um suspiro, já sabendo exatamente o que Helô diria. Afinal, é a mesma frase que escuto há pelo menos um ano, desde que alugamos o apartamento juntas.

Minha amiga soltou uma lufada de ar pelo nariz e passou a mão nos cabelos curtos, tingidos de roxo. A franja longa caiu em seu olho direito, cobrindo parte de seu rosto, mas eu conhecia aquela expressão como a palma da minha mão.

— Não precisa ficar preocupada comigo – falei.

Helô se aproximou, colocando a palma da mão em minha cabeça, seus dedos começando a fazer um carinho bom nos meus fios castanho-avermelhados.

— Mas eu fico – confessou. – Não tem como não ficar, Nick. Há quanto tempo você não sai de casa? Há quanto tempo você tá estagnada nessa cadeira encarando o computador?

— Ah, eu saí pra ir na padaria ontem – respondi.

Ela negou com a cabeça.

— Não saiu, não. Eu que comprei o café ontem – retrucou, o tom se tornando repreensivo.

— Anteontem, então? – tentei, percebendo o quanto estava perdida no tempo, no próprio mundo, naquela bolha em que eu tinha me enfiado.

— Também não. Passou o dia inteiro em casa – lembrou e eu assenti.

Sorri amarelo para Helô, porque realmente não me recordava ao certo quando tinha saído de casa pela última vez ou o que eu tinha feito nos últimos tempos além de tentar escrever – e não conseguir – e sair para comer algo com Marco. Ao menos meu namorado não andava me cobrando atenção ou qualquer outra coisa. Ele estava ocupado demais com o mestrado e também andava sem tempo no último ano.

— Nick – Helô chamou, a voz de quem tem um sermão na ponta da língua. Abri a boca para falar alguma coisa, qualquer coisa, mas então ela colocou a mochila que carregava no chão e

perguntei:

— Você tava saindo? – perguntei, tendo um estalo de lembrança sobre o dia que era. – Aaah, era hoje que você e a Sabrina iam viajar pra passar o final de semana fora?

Helô hesitou. Sua boca se abriu e fechou duas vezes.

— Eu ia, mas...

Ah, não, eu conheço aquele olhar!

— Não precisa ficar só por minha causa – falei, séria, no entanto Helô torceu a boca em incredulidade.

— Não dá pra deixar você mofar aqui mais um dia. Daqui a pouco você vai fazer parte da mobília. – Os olhos castanhos se semicerraram em minha direção.

Levantei de súbito, pegando a mochila pesada e praticamente empurrando contra o corpo da minha amiga.

— Você e a Sabrina estão esperando isso há semanas, você vai nem que eu tenha que te expulsar de casa. Bora, vai – fui empurrando Helô

até a porta do apartamento, pensando em como eu tinha sorte de ter uma pessoa como ela em minha vida.

Nos conhecemos no primeiro período da faculdade. Nunca conheci a verdadeira cor de cabelo de Helô. Ela sempre está com uma cor diferente. Naquela época era verde e confesso que gosto mais do roxo que ela usa atualmente.

Ambas nos formamos em letras, mas Helô nunca gostou de escrever. Pelo contrário, curtia mais trabalhar com análise crítica e revisão. Por acaso, ela conseguiu estágio na mesma editora em que lancei meu primeiro livro e graças às suas dicas, o original ficou mil vezes melhor do que estava quando Guido leu.

Desde então, Helô se tornou minha melhor amiga e leitora oficial de tudo o que eu escrevo. Com o tempo, apenas formalizamos o que ela já havia se tornado: minha agente.

Helô cuidava de tudo, o que para mim era ótimo. Eu não me preocupava com nada relacionado a contrato, eventos e sei lá mais o que. Tudo o que eu precisava fazer era escrever.

O único problema é que há quase três anos eu não conseguia cumprir minha parte.

Ao menos Helô tinha conseguido me colocar como revisora na editora que trabalhava atualmente e esse era o meu ganha-pão do momento. Afinal, não queria viver para sempre com a ajuda dos meus pais para pagar as contas.

Helô estagnou na porta, mesmo com meus empurrões. Tentei fazer força, mas meus braços pareciam fracos demais.

Qual foi a última vez que comi?

Eu não lembrava.

— Não vou embora e te deixar sozinha. Olha isso — ela apontou para a minha cara. — Você tá tão branca que se me dissessem que era uma alma penada, eu acreditaria.

— Vou ficar bem — Helô torceu os lábios em descrença e eu bufei. — Relaxa, amiga, vai curtir sua namorada. Prometo que vou sair, fazer alguma coisa.

Talvez eu devesse mesmo. Ao menos comer algo, porque agora que percebi, a sensação de vazio no

meu estômago me deixa tonta.

— Te conheço, Nicole! Você vai é voltar para o computador e ficar lá até escurecer, se martirizando por não conseguir escrever nada. — Helô suspirou e sua mão tocou meu ombro, com carinho. — Sei que já falei um milhão de vezes, mas você realmente não precisa se cobrar dessa forma. Ter bloqueio criativo é uma coisa comum entre autores. Todos, ou ao menos quase todos, já passaram por isso. Quando passar, as palavras vão vir e fluir naturalmente. Não adianta forçar.

Engoli em seco, absorvendo aquelas palavras. Já as ouvi, de fato, pelo menos um milhão de vezes. E em todas elas, as palavras de minha amiga entraram por um ouvido e saíram pelo outro.

Não foi diferente dessa vez.

Sabia que ter bloqueio criativo é uma coisa natural. Acontece com qualquer um, tudo bem. Mas por tanto tempo assim? De uma forma em que tudo o que sinto é uma trava em minha mente? Como se ela não funcionasse mais.

Os romances sempre saíram de mim com tanta

facilidade que é até inacreditável que há quase três anos nada mais tenha escapulado dos meus dedos para o computador. E agora... agora eu simplesmente não sei o que fazer da minha vida.

— Eu fico... ansiosa – admiti, baixinho. – E com medo. – O aperto de Helô no meu ombro se intensificou, um pedido mudo para que eu continuasse a desabafar. Algo que eu evitava fazer, porque... porque se eu falasse em voz alta, talvez se tornasse real.

Balancei a cabeça, desistindo daquela frase.

“Medo de nunca mais conseguir escrever. Medo de ser obrigada a deixar meus sonhos para trás e buscar um novo.”

Eu não conseguia dizer. Minha língua se tornava grossa e pesada dentro da boca.

— Vamos deixar isso pra lá – falei, fingindo meu melhor sorriso. Helô, no entanto, não conseguiu esconder a expressão decepcionada. – Mas pode ir, de verdade, eu vou ligar para o Marco pra gente sair e fazer alguma coisa. Se eu fizer isso, você me promete que não vai cancelar com a Sabrina?

Minha amiga ponderou, parecendo indecisa.

Ela e a namorada estavam doidas para aquela viagem. Um final de semana inteiro só para as duas. Eu não podia estragar isso para ela. Helô era uma amiga boa o bastante para me colocar em primeiro lugar quando acreditava que eu precisava dela.

— Olha, já vou até ligar pra ele — avisei, pescando o celular do bolso e discando o número de Marco. Tocou duas, três, quatro vezes, e ele não atendeu. — Deve estar estudando para o mestrado, ele anda bem atolado com todos aqueles artigos pra ler — comentei.

— Nick — Helô tentou dizer, mas eu a interrompi.

— Vamos, eu saio com você. Posso ir direto pra casa dele. Alguém tem que fazer aquele garoto comer às vezes também, certo? — sorri amarelo, pegando minha bolsa que estava em cima da mesa da sala e puxei Helô comigo porta afora.

Ela acabou concordando eventualmente, mas só depois de mais uns quinze minutos de discussão e a promessa de que eu passaria o dia inteiro com

PERIGOSAS NACIONAIS

Marco fazendo o que quer que fosse.

O que seria bom na verdade, já que eu também não me lembrava ao certo a última vez que eu o vi.

Marco também fez letras na mesma universidade que eu e Helô, porém só começamos a conversar no último período, quando nos esbarramos no corredor e ele comentou que havia lido meu último livro e adorado, perguntando se eu me importaria de tomar um café com ele e conversar sobre a estória.

Lembro que fiquei muito feliz naquele dia e com sua empolgação. Não pensei duas vezes antes de aceitar o convite. Além do mais, Marco era lindo. A pele bronzeada, de um marrom dourado, com os olhos escuros e os cílios longos.

Um café se tornou dois, que se tornou em um cinema, que acabou com um beijo, que terminou com poucas semanas depois em um pedido de namoro. No início, saíamos quase sempre, falando sobre os nossos romances favoritos, séries, filmes, qualquer coisa. Eu só não podia dizer que ele era meu melhor amigo porque ainda havia Guido. Aquele posto era dele e só dele.

PERIGOSAS ACHERON

Mas Marco ficava ali, em segundo lugar. E, para minha sorte, os dois se davam muito bem.

Marco adorava Guido e mal conseguir esconder o sorriso quando ele saía com a gente de vez em quando. Eu achava até mesmo cômico quando meu namorado parecia mais interessado em ouvir as histórias de Guido com suas incansáveis peguetes do que fazer qualquer outra coisa.

Era bizarro pensar que já estávamos há três anos juntos. Meu bloqueio veio poucos meses depois de começarmos o nosso relacionamento, quando eu achei que seria bom dar um tempo e curtir a vida, o namoro, as saídas. E, desde então, parece que meu cérebro decidiu que aquelas férias deveriam ser eternas.

Suspirei fundo com o pensamento, sentindo o corpo pesado e o cansaço me atingir.

O táxi me deixou em frente ao prédio de grade cinza que eu conhecia bem e aproveitei para passar no restaurante à quilo ao lado e pegar duas quentinhas. Marco devia estar atolado com os estudos, principalmente agora que estava chegando ao fim do mestrado, e provavelmente não poderia

PERIGOSAS ACHERON

sair agora. Pelo menos poderíamos almoçar juntos e quem sabe assistir algo mais tarde no sofá.

E com esse pensamento eu subi o elevador e cheguei até a entrada de seu apartamento. Tirei a chave reserva do bolso e abri a porta.

Apenas para descobrir que meu namorado já estava no sofá.

Se agarrando com outro cara.



Havia terror, culpa e vergonha nos olhos de Marco quando ele enfim encarou os meus.

Ele deu um pulo do sofá, fechando a braguilha da calça de maneira desajeitada. Minha boca, seca, continuava aberta em pura confusão.

— Nicole, meu Deus, Nicole, eu... — ele tentou falar, o rosto perdido entre olhar para mim e para o homem que parecia tão envergonhado quanto ele no sofá.

— Desde quando... — engoli em seco e balancei a cabeça, achando que isso pudesse, de alguma forma, me fazer acordar daquele sonho maluco.

Mas meus olhos se abriram e eu ainda estava ali. Era real.

Marcos suspirou fundo e sequer vi quando sua mão pegou a minha livre.

Eu segurava a sacola com a comida com o punho fechado, as unhas perfurando a palma da minha mão.

— Me desculpa, Nick. Me desculpa. — Sua voz era pura dor e constrangimento. — Eu... eu descobri há pouco tempo o meu... — pigarreou, hesitante em continuar aquela frase. — Interesse por caras — falou, enfim.

Ali estava. E eu simplesmente não conseguia acreditar. Tudo bem, eu reparava que ele olhava tempo demais para o Guido e outros homens, especialmente quando estava sem camisa e tudo mais, só que não... nunca imaginei que...

— Mas você... — tentei organizar os pensamentos na minha cabeça, sem saber ao certo como me sentir. — Você sempre... funcionou — encarei o botão aberto de sua calça.

— Eu gosto muito de você, Nicole — Marco falou

PERIGOSAS NACIONAIS

e senti que era sincero. – Você é a melhor garota do mundo e eu sinto tesão por você ou... não sei, sentia, até que... isso tudo ainda é muito novo pra mim, eu também não sei ao certo o que tá acontecendo comigo, mas eu precisava descobrir. Me desculpa. Eu não queria te magoar, essa era a última coisa que eu queria. Apenas precisava... me entender, *saber*, pra me decidir e...

— Para – falei, soltando uma lufada de ar. – Só para.

Senti como se tudo estivesse girando de repente.

Minha cabeça parecia um furacão descontrolado e tudo em mim era apenas confusão.

Eu só não queria mais olhar na cara de Marco, muito menos ouvir sua voz.

Emoções e pensamentos brigando para ver quem tomaria conta de mim primeiro, se decidindo entre chorar ou dar um tapa na cara do meu aparentemente ex-namorado. No fim, nenhuma emoção veio à tona além do choque inicial.

Puxei de volta a mão que ele segurava e virei de costas, indo embora sem olhar para trás, sem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

derrubar uma lágrima, sem sentir absolutamente nada. Nem mesmo quando parti e ele sequer fez menção de me impedir.

Eu estava vazia, oca, como aquelas bonecas russas esquisitas que saem uma das outras.

Se Marco precisava se entender, agora era a minha vez de me descobrir comigo mesma e entender o porquê de eu não me sentir triste por ser traída daquela forma, como qualquer pessoa normal, e sim... inanimada.

Talvez até aliviada em certo ponto.

Quando cheguei na calçada, olhando os carros e pedestres passando, eu ri. Mas não havia humor naquela risada. Na verdade, acho que havia pena. Talvez até deboche de mim mesma. Percebi que eu havia levado dois pés na bunda agora, se contar com o fim da minha habilidade de escrita. E o mais engraçado era que o primeiro me doía mais. O fato de sequer sentir raiva, tristeza, mágoa ou qualquer outro sentimento que pudesse me levar até o computador e cuspir palavras de dor e ódio.

Nada. Absolutamente nada vinha.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei ambos os lados, sem saber para onde ir.

Era como se eu tivesse perdido o rumo, perdido a mim mesma. E eu não tinha a menor ideia de como me reencontrar.

Até que meu celular vibrou e eu revirei os olhos ao ver o nome na tela.

Capítulo 2



GUIDO

Porra. Como minha cabeça doía.

— Eu nunca mais vou beber — murmurei com o rosto grudado no travesseiro, um cheiro doce demais me deixando ainda mais enjoado do que eu já estava.

Flashes da noite anterior invadiram minha memória. Luzes, uma festa lotada... uma loira deliciosa sentando em mim.

Não consegui evitar que minha boca se erguesse com a lembrança, mas o mínimo movimento já fez uma pontada espetar meu cérebro, como se ele fosse a próxima carne a ser servida no churrasco de domingo.

Com muito esforço me virei no colchão e me arrependi no mesmo instante ao inspirar fundo,

porque o cheiro de um perfume feminino me atingiu em cheio e embrulhou meu estômago. Soltei o ar pela boca e esfreguei a testa. Aquela noite foi insana.

Encarei a loira do meu lado, achando que ela estaria dormindo. Não me lembrava o nome dela e nem como acabamos ali, provavelmente em sua casa, já que aquele quarto cor de rosa com ursinhos nas prateleiras definitivamente não era meu.

Estava certo de que poderia apenas me levantar, deixar um bilhete simpático e ir embora. O problema era que os enormes olhos verdes daquela menina estavam abertos e bem na minha direção.

O problema *ainda* maior é que eu conhecia bem aquele olhar.

Fodeu.

— Bom dia, querido. Dormiu bem?

A mão pequena passou por meu abdômen, fazendo círculos em meu peito. A garota se aconchegou em meu corpo e soltou um gemidinho de prazer. Se ela estivesse fazendo isso apenas por querer transar de novo, eu não me importaria nem

um pouco. Na verdade, só o fato de sentir o corpo nu dela se grudando ao meu já me faria ficar totalmente pronto para uma boa trepada pela manhã.

Mas aquela garota não queria uma rapidinha. Eu podia ver nos olhos dela. E eu sabia que aquilo não acabaria bem.

— Dormi, obrigado – falei, fazendo um carinho em sua cabeça antes de tentar me levantar. Era melhor que eu desse o fora dali antes que as coisas ficassem estranhas.

— Ontem foi... – ela começou, e eu travei. – A melhor noite da minha vida, Guido.

— Foi bem legal mesmo – respondi, um sorriso amarelo estampando a minha cara.

— Sei que você falou que não é o tipo de cara que se compromete com alguém, mas... acho que foi algo do destino, não sei. Acredito que algo cósmico e mais forte que nos juntou.

É. Fodeu mesmo.

Inspirei fundo e mesmo com a força dela sobre mim, consegui me levantar. Por sorte, encontrei

minha cueca no chão, ao lado da cama. O resto das roupas eu não tinha ideia de onde estava.

— Olha, ontem foi ótimo. *Você* é ótima – falei, buscando com os olhos minha calça. Onde aquela merda estava? – Mas como eu te falei, eu realmente não procuro nada sério. Prefiro curtir minha vida de solteiro, sem compromissos. Não é nada com você, sou eu.

A garota se levantou, acho que percebendo minha intenção de ir embora.

— Você não pode estar falando sério! – ela disse, a voz embargando. – Nossos caminhos com certeza estão conectados! O jeito que transou comigo, o jeito que me tocou, aquilo não significou nada pra você?

E aí estava, a primeira lágrima caiu.

Nicole tinha razão, eu precisava tomar mais cuidado com quem eu levava para cama.

— Não é isso, de verdade – falei, passando a mão no cabelo. A cabeça doía como o inferno e eu só queria morrer na minha cama e dormir o dia inteiro.

— Qual o meu nome?

Fodeu triplamente agora.

— Qual o meu nome? Você ao menos se lembra disso, canalha? — Agora, a garota meio que chorava e meio que estava tendo uma crise de raiva.

Ela se aproximou, batendo no meu peito, enquanto meu cérebro em plena ressaca tentava inutilmente lembrar de quando ela me disse o nome dela. Mas era tudo um borrão de luzes, sons e gemidos.

Nada vinha, então eu me mantive calado. Errar o nome dela talvez fosse ainda pior do que não lembrar.

A garota, no entanto, parecia tão puta da vida que deu um gritinho que fez todo o meu corpo vibrar de dor.

— Vai embora! — ela gritou. — Vai embora agora!

— Tudo bem — respondi, fazendo um gesto de rendição com os braços. Ela socava meu peito, sem parar. — Só preciso encontrar minhas roupas e vou.

E pronto.

Bastou ela escutar isso para me encarar com o olhar mais diabólico que já vi na vida. Não me

PERIGOSAS ACHERON

pergunte como, mas ela pegou uma tesoura e correu para o outro lado do quarto, próximo à janela. A menina se abaixou e encontrei minha calça em suas mãos.

— Ei, o que você pensa que tá...

Nem tive tempo de acabar a frase. Ela já estava fazendo picadinho da minha calça e a jogando pela janela.

Fui até ela quando tentou fazer o mesmo com a minha camisa, no entanto ela foi mais rápida e apenas tacou a roupa pela janela.

Acho que abri a boca de pura incredulidade. Eu já tinha dormido com algumas loucas, só que essa definitivamente ganharia o prêmio caso houvesse uma competição.

— Agora você não pode ir embora, não é mesmo? — debochou. — Vai ter que ficar comigo, querendo ou não.

— Você é maluca por acaso? — ralhei, massageando a têmpora. — Há dois segundos atrás tava me mandando ir embora.

— É, mas... — e então ela começou a chorar de

novo. — Você pode ser minha alma gêmea, não quero que vá embora e suma da minha vida.

Putá merda, em que cilada que eu me meti?

De jeito nenhum eu ficaria mais um segundo na casa daquela doida.

— Tô indo — foi tudo o que eu disse, antes de pescar meu celular, chave e carteira da mesinha ao lado da cama e sair porta a fora.

Agradei aos céus quando a maluca não veio atrás de mim, só consegui ouvir o choro alto dela vindo do quarto quando girei a maçaneta da sala de estar e fui parar no corredor.

De cueca.

Inspirei fundo, recostando na parede, e não pensei duas vezes antes de ligar para a única pessoa que poderia me socorrer agora.

— Se você não está na prisão ou correndo risco de vida ou morte, então eu vou desligar — ela disse assim que atendeu a chamada.

— Que tipo de melhor amiga fala isso, foguinho? — retruquei, apenas para provocá-la. Nicole odiava aquele apelido de infância que dei a ela por causa

PERIGOSAS ACHERON

do cabelo e só ouvi ela bufando do outro lado da linha.

Acabei rindo. A verdade é que, mesmo na situação ridícula em que eu me encontrava, era sempre divertido tirar uma com a cara dela.

— É sério, Guido, vou desligar – avisou e senti algo diferente na voz dela. Algo... triste, abatido.

— Ei, ei. Tá tudo bem? – perguntei.

— Não, não tá. Mas fala logo, por que ligou?

Um casal de velhinhos passou por mim no corredor, as bocas escancaradas ao me ver sem roupas. Assenti como um pedido de desculpas e voltei ao telefone:

— Preciso que pegue uma muda de roupa na minha casa e venha me buscar. Urgente, por favor!

Nicole ficou dois segundos em silêncio antes de responder:

— Você se meteu em roubada com alguma mulher, não foi?

Ah, eu podia imaginar perfeitamente sua expressão me repreendendo, aqueles olhos castanhos-esverdeados se revirando para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me ajuda nessa e eu lavo a sua roupa por uma semana, só vem logo, de preferência na velocidade do Flash, beleza?

Minha melhor amiga suspirou, parecendo mais cansada que o normal.

— Tá bom, me passa o endereço por mensagem. E duas semanas, você vai lavar minhas roupas por *duas* semanas!

— Você é uma criatura cruel, foguinho.

— E só por isso agora será um mês de roupa lavada.

Achei mais sensato apenas desligar a chamada antes que ela transformasse aquele mês em dois.



Nicole chegou quase meia hora depois, falando que pegou meu carro no meu prédio e que o estacionou na calçada. Por medo da loira maluca me perseguir ou do casal de idosos terem chamado o porteiro ou até a polícia, decidi me esconder na escada de emergência até minha melhor amiga chegar.

PERIGOSAS ACHERON

Pensei que a melhor coisa que fiz foi, definitivamente, deixar uma chave reserva do meu apartamento com ela.

Nicole me encarou com repreensão no primeiro momento, até que seus olhos desviaram para a única peça de roupa que eu usava e suas bochechas ficaram da cor de seus cabelos.

— Que merda hein, Guido. Agora essa imagem desnecessária vai ficar gravada na minha cabeça. — Ela já estava de costas, estendendo minhas roupas em minha direção.

— Qual foi, Nick? Você deveria se sentir honrada por ver meu corpinho sarado dessa forma — brinquei, ouvindo o estalar de língua que ela deu em resposta. Não consegui conter uma risada e continuei: — Ah, não é a primeira vez que você me vê sem roupa, não deveria ficar tão incomodada assim.

— Você realmente quer comparar? Eu tinha quinze anos quando você perdeu a sunga na piscina. Tive pesadelos por semanas.

Gargalhei enquanto me vestia. Nicole era sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

exagerada, mas eu não conseguia imaginar minha vida sem ela. Principalmente nessas situações, quando ela sempre me resgatava. Antes dela começar a namorar o Marco, às vezes ela topava fingir que era minha namorada para afastar algumas garotas grudentas. Bons tempos aqueles.

— Vamos embora. Quero ir pra casa – avisou, se virando e descendo as escadas.

Então ela fungou. E eu conhecia bem aquele som.

Nicole estava chorando. Ou tentando segurar o choro, na verdade.

Não pensei muito quando desci os degraus com pressa e segurei seu pulso. Quando a virei para mim, seus olhos estavam embaçados.

— Porra. – Puxei ela para um abraço e os soluços começaram no mesmo instante em que seus braços finos rodearam minha cintura. – O que aconteceu? – perguntei, afagando seus cabelos.

— E-eu... o Marco ele... ele me traiu – confessou, entre um soluço e outro. Meu peito disparou de puro ódio. Eu ia matar o desgraçado. Como aquele filho da puta pôde fazer isso com ela? Logo com

PERIGOSAS ACHERON

ela. – Com um cara.

Aí meu cérebro meio que bugou, entrou em tela azul, não sei.

Meus braços afastaram Nicole pelos ombros e minha cabeça doeu quando meu cenho se franziu automaticamente.

— Como é que é?

Ela deu de ombros e levantou os braços, como se não soubesse ao certo explicar.

— O pior é que eu nem tô chorando por estar triste eu acho. Me sinto magoada, claro, e me achando uma imbecil, mas as lágrimas são por pensar que eu tô perdida. Não consigo escrever há anos e nem fui capaz de perceber que meu namorado era gay, bi ou sei lá o quê. Parece que... parece que eu perdi o rumo, que minha vida empacou, que nada mais faz sentido.

— Calma, Nick, me explica isso direito – pedi, enxugando as lágrimas dela com as pontas dos dedos.

Eu sabia que Nicole estava passando por um bloqueio criativo há um bom tempo, só não sabia

que as coisas estavam tão ruins assim. Principalmente com Marco, que até então eu achava um cara legal e bem... ele realmente me secava de vez em quando, mas eu pensei que era só coisa da minha cabeça.

Que merda. Eu deveria ter percebido.

Puxei Nicole para sentarmos nos degraus e coloquei meu braço em seus ombros. Ela ainda chorava baixinho e soluçava. Trouxe ela mais para perto. Se tinha uma coisa que eu odiava mais do que qualquer coisa no mundo era ver minha melhor amiga chorando, tão abatida, arrasada.

Sempre fui muito protetor com ela, talvez fosse algum sentimento fraterno ou algo do tipo por termos crescido juntos e pelo fato de eu ser dois anos mais velho e ela uma garota. Nicole ficou linda depois da adolescência, eu não podia negar. Mas era Nicole. Só Nicole. Isso para mim, claro. Para os outros garotos, ela era uma tremenda gata que eles só queriam pegar.

Lembro até hoje que dei um soco na cara do idiota que tirou a virgindade dela e depois não ligou mais. Aquele olho roxo dele me dava um prazer

PERIGOSAS ACHERON

imenso. Ela nunca soube disso, já que ele inventou uma história sobre ter caído de bicicleta.

E enquanto ela começava a explicar sobre a cena que vira mais cedo, pensei que poderia fazer uma visita a Marco mais tarde. Fiquei imaginando qual seria a desculpa dele para um nariz quebrado.

Depois, Nicole explicou como aquele bloqueio estava mexendo com ela. No início, lembro dela ter falado que provavelmente seria algo passageiro e que eu não deveria me preocupar. Acho que acabei acreditando e não perguntei mais sobre o assunto. Como ela também não falou mais sobre aquilo, pensei que as coisas estavam melhores, talvez um pouco lentas já que quando nossos pais perguntavam sobre o próximo livro ela desconversava, mas achei que pelo menos algo estava andando.

Sei lá, ela poderia estar focada em um projeto maior ou até ocupada demais com o trabalho *freelancer* da editora.

Porém, ela me contava agora a verdade, que estava empacada, presa, oca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo me doeu. Ouvir ela desabafar todos os seus medos, o receio de nunca mais ser capaz de escrever, de se sentir vazia pelo resto da vida.

Cacete, como aquilo mexeu comigo. E como eu me senti um amigo de merda por não ter percebido antes.

Eu precisava fazer alguma coisa. Ajudar de alguma forma. Nicole precisava de um descanso daquela merda toda, de *férias*.

Foi então que um estalo veio na minha cabeça.

— Foguinho – chamei, carinhoso, mesmo com a feição torta que ela fez ao apelido. – Acho que eu tenho a solução para os seus problemas, mas preciso que confie em mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3



NICOLE

— Vocês vão quando? — Helô perguntou, recostada na porta do meu quarto.

— Temos que entrar no navio a partir de meio-dia — respondi, enfim terminando de arrumar minha mala.

Já havia se passado duas semanas desde o incidente na escada de emergência do prédio da loira maluca que Guido arranjou.

Quando recebi a ligação dele, de repente meu peito se apertou, como se eu tivesse enfim voltado a mim e começado a processar o que tinha acabado de acontecer, não só com Marco, mas com minha vida como um todo. E quando ele me abraçou daquela forma, eu não pude mais aguentar e desmanchei.

Por sorte, não existia lugar melhor do que nos braços do meu melhor amigo. Guido sempre foi um tipo de porto seguro, a pessoa que eu mais confiava no mundo.

Seu cheiro amadeirado tão característico me deixando ainda mais nostálgica e emotiva, me permitindo pela primeira vez desde o bloqueio admitir meus medos e receios. Sem um pinga de vergonha do meu estado patético e vulnerável, coloquei para fora tudo o que esmagava meu coração nos últimos anos.

Foi então que percebi que se um dia eu havia, de fato, amado Marco, aquela era uma realidade muito distante. Obviamente foi um choque ser traída daquela forma, principalmente com um cara, mas a verdade é que aquele relacionamento já era de fachada há muito tempo. Se não para ele com sua nova descoberta sexual, então para mim, como um tipo de refúgio onde eu fingia que tudo era normal e feliz no meu dia a dia. O que não era há um bom tempo.

Por isso que quando Guido me encarou com aqueles olhos castanhos cheios de mistério eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soube imediatamente que ele teria a resposta sobre o que eu deveria fazer com a minha vida.

— Você sempre será minha garota e pode contar comigo quando precisar. Sabe disso, não sabe? — ele lembrou, sério. Assenti, enxugando o resto das lágrimas que ele deixou passar. — Ótimo, então nunca mais esconda seus problemas de mim ou nunca mais vou levar chocolate pra você quando estiver na TPM. Isso é uma promessa, ouviu?

Guido parecia realmente incomodado por eu ter escondido todos aqueles sentimentos para mim. Ele era um bom amigo. Sempre foi.

Concordei com a cabeça mais uma vez, um pequeno sorriso escapando de mim. Guido sempre fazia com que eu me sentisse melhor.

— Depois eu que sou cruel — provoquei, fazendo ele erguer um canto da boca, divertido. — Agora me explica logo esse seu plano pra me tirar do fundo do poço.

Guido me encarou com uma mistura de diversão e malícia e, sem nenhuma premissa, um sorriso largo tomou seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que acha de me acompanhar num cruzeiro com tudo pago?

E lá estava eu, pela primeira vez em anos tirando férias e sendo espontânea. Talvez fosse isso mesmo que eu precisasse: de novos ares, novas experiências, novas aventuras.

— E vai ser tudo pago mesmo? – Helô perguntou, me ajudando a fechar a mala.

— Vai, a empresa do Guido vai bancar tudo.

— Que puta sorte hein, Nick! Essa empresa que o Guido trabalha é tão grande assim?

Assenti, apoiando a mala de mão no canto do quarto.

— Eles são uma empresa americana que chegou no Brasil há poucos anos. O Guido trabalha com eles desde a época da faculdade. Ele começou como estagiário e foi crescendo. Hoje é o coordenador da área de desenvolvimento de um aplicativo – expliquei, pousando as mãos no quadril e soltando o ar pela boca. A malinha ficou mais pesada do que eu esperava, mas a verdade é que eu não tinha ideia do que levar para um cruzeiro,

PERIGOSAS ACHERON

afinal, seria o meu primeiro.

— Mas pra que serve esse aplicativo mesmo?

Acabei rindo, porque ainda achava graça a proposta daquela empresa.

— É um aplicativo de *match*. – Helô me encarou, confusa. – A ideia deles é que as pessoas se cadastrem e possam conhecer gente com o mesmo interesse. Então, se você só quer uma transa fácil, você marca o que procura e vai aparecer um tipo de... cardápio humano pra você escolher.

— Cardápio humano... – Helô repetiu, uma mistura de curiosidade e perplexidade.

— É, tipo isso – dei de ombros. – A ideia desse cruzeiro é promover um marketing de experiência. É completamente voltado para os jovens e acho que é uma forma de propagar a ideia do aplicativo aqui no Brasil. A única regra é que casais não podem ir. É só para solteiros pelo que entendi.

— E aí você vai se enfiar em um navio cheio de gente solteira querendo pegação. Com o Guido, inclusive – minha amiga comentou, pensativa.

— O Guido ganhou um convite da empresa e tá

superanimado, você sabe como ele é. Não pode ver mulher bonita que já quer arrancar a roupa. O amigo dele da empresa também ganhou, mas ele tem namorada ou algo assim e não quer ir. Acabou dando o convite pro Guido e ele me chamou – expliquei, checando a hora no celular.

Já tinha passado das onze da noite e era bom eu dormir logo.

De repente, a expressão de Helô se tornou séria, preocupada.

— Mas você acha que é uma boa ideia mesmo ir pra uma viagem dessas? Você acabou de sair de um relacionamento de uma maneira um tanto... inesperada. — Ela mordeu a bochecha, apreensiva por tocar no assunto.

— Se estar em um cruzeiro com um bando de homem sedento por uma trepada seria minha primeira escolha? Não, definitivamente não. Mas eu sinto que vai me fazer bem, sabe? Sair um pouco da rotina, tentar algo novo, diferente. Fazer qualquer coisa que não seja ficar com a cara enfiada no computador ou pensando em como fui cega e estúpida por não perceber os... gostos do

PERIGOSAS ACHERON

Marco.

Helô se aproximou e me puxou para um breve abraço antes de dizer:

— Eu acho que vai ser bom pra você, sim. Acho que tudo o que sua cabecinha precisa é de um descanso, uma distração. — Ela acenou com a cabeça, refletindo. — Quem sabe, vai que você e o Guido não se pegam por lá também e descubrem que nasceram um para o outro.

A gargalhada que escapou da minha garganta chegou a doer meus pulmões.

— Você é louca! — bradei, ainda rindo com a simples menção de que... — Nossa, não! Não mesmo!

— Não mesmo, é? — Ela ergueu uma sobrancelha em desafio. — Porque se eu me lembro bem da história, vocês dois deram o primeiro beijo juntos.

Balancei uma mão no ar.

— Éramos pré-adolescentes e ambos queríamos ficar com outras pessoas, mas tínhamos medo de beijar mal. Foi só uma solução que encontramos de não passar vergonha quando acontecesse com

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém que importasse de verdade. Nunca nem tocamos nesse assunto, na verdade. É quase como se não tivesse acontecido.

— Sei — Helô retrucou, o canto da boca esticado de forma diabólica. — Então você nunca quis montar no Guido e quicar até o mundo acabar?

— Deus! Só... pare.

— Vai mesmo falar que não gostaria de sentar na cara e rebolar naquela boquinha?

— Cacete, Helô! Estou implorando, sério.

Ela sorriu, cheia de malícia.

— Ou chupar ele até...

— Vou mesmo ter que te jogar da janela?

Minha amiga riu mais uma vez, erguendo os braços em rendição.

Balancei a cabeça, segurando uma risada também. Ela tinha umas ideias malucas de vez em quando que só Jesus na causa.

— Só acho que ainda tem história pra rolar entre vocês dois. Sem contar que até eu, que não gosto da fruta, reconheço que ele é um pedaço de mal

PERIGOSAS ACHERON

caminho.

Ri de novo, mas dessa vez foi um pouco de nervoso, pois a lembrança de ver Guido apenas de cueca preencheu minha mente. Ele não era mais o garoto magricela de anos atrás. Guido realmente tinha se tornado um homem, daqueles que a gente confunde com galã de novela.

A academia realmente fez toda a diferença, porque agora ele tinha todos aqueles gominhos perfeitos no abdômen, além da beleza natural de sempre com os cabelos e olhos castanhos, os cílios longos, o nariz reto e o maxilar marcado. A barba por fazer e a tatuagem de duas tiras pretas no antebraço, uma um pouco mais fina do que a outra, davam um certo charme, eu precisava admitir.

No fim, não era surpresa nenhuma que tantas garotas caíam aos pés dele e muitas, como aquela loira da última vez, surtassem quando percebessem que não teriam mais do que uma casquinha do senhor-bonitão.

Balancei a cabeça, tentando tirar aquela imagem da cabeça e me lembrando de quem era o Guido. E o que ele representava: um irmão, um melhor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amigo. Só isso, nada além. O sono devia estar me fazendo pensar em coisas que não devia, em coisas extremamente erradas e que não faziam sentido algum.

Suspirei, soltando o ar pela boca de forma um pouco dramática. Estava realmente exausta e só pensando nos dias em que ficaria estirada em uma cadeira de piscina, pegando sol e tomando algumas bebidas com nomes sórdidos.

— Nos conhecemos há mais de vinte anos, amiga. Se não rolou nada até hoje, então acho que já podemos considerar que não vai acontecer nunca — falei, me espreguiçando conforme um bocejo subia por minha garganta.

— Se você diz... — Helô cedeu, com aquele tom de quem acredita estar certa. — Mas você tá aberta pra conhecer gente nesse cruzeiro? Talvez um carinha novo?

Torci a boca com a pergunta. A verdade é que eu não sabia bem a resposta.

— Acho que vou descobrir lá. Não tô indo pensando nisso, na real.

PERIGOSAS ACHERON

Helô assentiu e um novo bocejo me atingiu.

Minha amiga, percebendo que eu estava quase desmaiando de exaustão, deu apenas um beijo estalado em minha bochecha e me desejou boa noite.

Quando me aconcheguei na cama, coberta pelo edredom, acabei soltando uma risada fraca com a lembrança da sugestão de Helô. Minha amiga parecia muito com a minha mãe e a de Guido. As duas sempre sonharam com o dia em que nós dois iríamos nos descobrir apaixonados um pelo outro, como se estivéssemos em algum tipo de comédia romântica clichê...

Fiz careta com a ideia. Foi inevitável.

Guido era como um irmão mais velho, um irmão bastante protetor, inclusive. Lembrei de quando transei com o Heitor, o garoto mais popular da escola, e ele simplesmente começou a me ignorar logo depois. Não foi uma experiência boa. Na verdade, chorei por dois meses até aceitar e seguir em frente. Mas aquele olho roxo que ficou na cara dele por semanas me dava certo consolo. E eu sabia muito bem que aquilo não era por cair de uma

PERIGOSAS ACHERON

bicicleta. Guido era o único responsável por aquele hematoma e eu nunca contei a ele que sabia da verdade.

Talvez eu devesse agradecer qualquer dia.

Não só por isso, mas por tudo.

Por ele ser ele. E por ele estar sempre comigo.

Capítulo 4



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 1)

*P*uta merda!

Esse foi o meu primeiro pensamento assim que embarcamos no cruzeiro. Era enorme. Não, gigantesco. O navio tinha nada menos do que treze andares e muita, muita mulher gostosa por todos os lados.

Eu amava programação e amava muito mais o meu trabalho, mas nunca imaginei que podia ser convidado para participar de uma coisa assim. De graça ainda por cima. Todas aquelas horas extras e o esforço definitivamente valeram a pena.

O lugar era realmente luxuoso, lustres de cristal, quadros e tapeçarias que deveriam valer mais do que meu apartamento por todos os lados. A decoração era requintada, uma mistura entre PERIGOSAS ACHERON

dourado, bege e azul marinho, como se estivéssemos na casa de algum tipo de realeza. Tudo brilhava de tão bem polido e limpo que era, as poltronas de espera pareciam extremamente confortáveis e as enormes pilastras tinham detalhes que me lembravam um pouco a arte grega.

Um elevador todo de vidro daqueles panorâmicos ficava bem no meio do salão. Meu instinto de criança soou forte dentro de mim, querendo ir direto para ele, mas outros detalhes daquela área principal me chamaram atenção.

Escadas grandes e modernas levavam os convidados a um tipo de mezanino, de onde vinha o som de um piano. Provavelmente alguém contratado para tocar e entreter o público. Lá em cima, percebi que algumas pessoas que provavelmente já haviam feito o check-in conversavam enquanto bebiam champanhe.

A maioria das pessoas que passavam por nós e entravam na fila para falar com os recepcionistas eram jovens. Alguns caras e mulheres mais velhos, mas poucos. Vendo de fora, diria que a faixa etária da galera que viveria essa experiência com a gente

tinha entre 20 e 40 anos. Nada mal.

Nada mal mesmo, confirmei, quando um grupo de garotas passou por mim e uma delas me deu uma piscadinha bem safada. Caralho, eu ia me dar muito bem nesses oito dias.

Virei para trás, buscando Nicole, que só então vi que estava ajudando uma funcionária com uma mecha do cabelo que aparentemente prendeu em um pingente do uniforme. A moça agradeceu e Nicole sorriu, acenando com a mão como se dissesse que não foi nada.

Percebi que fazia tempo que não via aquele sorriso. Não daquele jeito pelo menos, tão... espontâneo, sincero. A lembrança de uma Nicole adolescente com óculos e aparelho surgiu em minha mente. A diferença era gritante para a mulher que estava ao meu lado agora. Era isso. Nicole realmente se tornara uma mulher. Linda demais, eu não podia negar. E divertida, gentil, carinhosa e cruel na medida certa.

— Tá sorrindo com cara de panaca por quê? — ela me perguntou de repente e só então percebi que era exatamente o que eu fazia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só tô pensando que esse cruzeiro vai ser uma delícia – respondi. Não era uma total mentira.

— Ih, já vi que encontrou sua próxima presa – ela riu, balançando a cabeça.

— Do jeito que esse lugar tá recheado, eu colocaria essa palavra no plural.

Nicole arregalou um pouco os olhos, comprimiu os lábios e assentiu com a cabeça. Só faltava bater palmas para ser mais sarcástica. Mas então ela parou de me olhar para observar o lugar e pude ver de camarote sua reação.

A boca cheia se abriu lentamente em surpresa, os olhos pareciam quase brilhar enquanto ela virava o rosto de um lado para o outro e ela piscou um pouco mais rápido que o normal enquanto dizia:

— Parece um hotel seis estrelas, porque cinco é até pouco.

Concordei com a cabeça e toquei seu cotovelo, atraindo sua atenção.

— Vamos logo pra fila antes que fique muito cheia. Quero deixar as coisas no quarto.

— Aposto que você só quer ver se a cama é boa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pra fazer todas as coisas sórdidas que tão passando pela sua cabeça – ela franziu o cenho, meio divertida, meio sugestiva.

Acabei rindo.

— Ah, foguinho, você me conhece como ninguém. – Beijei o topo de sua cabeça e fomos para a fila, enquanto eu me perguntava se Nicole também pensava em usar a própria cama para outras coisas além de dormir.

A situação toda com o Marco a deixou abalada, eu sabia que sim. Ela até poderia não ter ficado triste com o fim do namoro, mas foi um choque ver o namorado a traindo. Ainda pensava na opção de quebrar o nariz do desgraçado qualquer hora.

Naquele dia, quando convidei Nicole para me acompanhar no cruzeiro, achei que seria a coisa certa a se fazer, especialmente por ela. Porra, ela precisava de uma distração, de um pouco de curtição, sem se preocupar com os problemas que cercavam aquela cabecinha no dia a dia. Eu não pensei bem em relação ao que ela encontraria aqui.

Não sabia se Nicole estava preparada para festas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e caras em cima dela. Ela nunca se sentiu muito confortável nesses ambientes, preferindo ler um livro ou assistir um filme no sofá. Era o tipo de programa que eu também gostava, mas só com ela.

Agora, estaríamos em pleno oceano, em um navio que tinha a proposta apenas de fazer pessoas se conhecerem e transarem loucamente. Ao menos era para isso que vim sem pensar duas vezes quando me ofereceram o convite. Mas Nicole não era esse tipo de garota e talvez eu devesse ter pensado melhor antes de fazer a proposta.

Será que ela iria mesmo se divertir em um lugar daqueles?

Eu esperava que sim, só que não tinha tanta certeza. Principalmente quando dois babacas da fila do lado pareciam babar em cima dela.

Olhei enviesado para eles, que aparentemente entenderam o recado e se viraram para o outro lado.

Suspirei, pensando que não seria nada fácil proteger Nicole dos abutres. Por que ela não podia ter alguma verruga imensa naquele nariz arrebitado? Talvez me ajudasse um pouco no

PERIGOSAS ACHERON

trabalho de guarda-costas.

Não que eu me importasse em protegê-la. De jeito nenhum. Era completamente natural e instintivo na verdade, só que o pensamento que rondava minha cabeça sobre eu ter sido o responsável por trazê-la até um lugar como aquele começava a me incomodar.

Porém, agora já era tarde para pensar sobre aquilo. O mínimo que eu poderia fazer era manter um olho nela, estar por perto caso precisasse. Como ela sempre esteve comigo.

— Ei, Guido, a fila andou – Nicole avisou, cutucando meu ombro. – Tá no mundo da lua ou apenas viu um traseiro irresistível? Por isso tava suspirando acordando? – ela provocou.

— Você é uma criatura cruel, ruivinha – brinquei.

— E você me ama mesmo assim. – Ela deu de ombros.

— É... eu amo – admiti, derrotado.

Porque era verdade.

Nicole era minha melhor amiga, minha garota, e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada mudaria isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 1)

Treze. Treeeeze andares!

O navio tinha treze andares de puro luxo, gastronomia e diversão.

Aquilo ia além do surreal.

Quando chegou nossa vez na fila, fomos tão bem recepcionados que me senti algum tipo de realeza. Talvez a princesa de um pequeno país bem no estilo daqueles filmes de Natal da Netflix.

Em primeiro lugar, fui obrigada a instalar o aplicativo de match. Era meio que uma regra para viver a tal experiência daquela viagem. O homem bem-educado que teve toda a paciência do mundo enquanto eu preenchia aqueles inúmeros campos sobre quem eu era e o que gostava ou não de fazer,

disse que eu entenderia a importância desse dados durante os próximos dias.

No fim, quando recebemos enfim nossos cartões magnéticos e eu já imaginava que todos atrás de nós desejavam minha cabeça em uma bandeja, Guido piscou para mim de maneira sorrateira.

Encarei ele com uma sobrancelha erguida. Aí tinha, com certeza.

Ele piscou e falou que tinha uma surpresa para mim. Pela forma que ele falou, eu soube que era coisa boa.

Ainda assim, preciso dizer que eu não estava nem um pouco preparada para o quarto que me esperava.

— Puta merda! Isso é sério? — perguntei, a respiração acelerada e o coração batendo forte ao vislumbrar aquela suíte enorme.

Para mim, íamos ficar naquelas cabines de sardinha que nem janela tem. Então, aquela suíte maior do que meu próprio quarto foi uma surpresa e tanto.

— Falei com um pessoal e consegui um *upgrade*

pra gente – Guido piscou, encostando o cotovelo em minhas costelas. – Meu quarto é esse aqui do lado.

Enchi os pulmões de ar, adentrando ainda mais o cômodo, com Guido logo atrás. O cheiro de maresia me atingiu. Sal, vento e liberdade. Parecia perfeito.

As paredes eram brancas com detalhes em azul marinho. Quadros de pequenos barcos e paisagens praianas decoravam todo o cômodo.

— Sabe – comecei, me jogando na cama maior que da minha própria casa, sentindo o colchão macio e os travesseiros rechonchudos –, eu poderia fazer alguma piadinha sobre seu quarto ser grudado ao meu e eu ser obrigada a ouvir certos sons que não deveria, mas isso... – sentei, encarando o mar pela pequena varanda. – Isso tudo é incrível demais, Guido!

Ele riu, acenando com a cabeça em concordância.

— É incrível mesmo. E quanto aos barulhos... – ele piscou, sugestivo, e apontou para a cabeceira da cama, onde havia um tipo de kit com máscara de

dormir e protetores de ouvido. – Para tudo se dá um jeito e, bom, pelo que dizem... tudo tem um preço.

— Pervertido sacana – brinquei, jogando um dos travesseiros nele. Guido pegou, jogando em mim de volta.

— Você não sabe nem da metade – retrucou, divertido.

Abri a boca para responder, mas meus olhos se depararam com um balde de gelo na mesa do outro lado do quarto. Pulei da cama no mesmo instante.

— Cacete, olha isso! – Guido rapidamente estava ao meu lado.

— Champanhe e morangos com chocolate? Será que eu ganhei também? – ele perguntou, pensativo, enquanto eu pegava a fruta e colocava na boca. O sabor ácido misturado ao chocolate ao leite era delicioso.

Peguei mais um, querendo encher minha boca com eles, no entanto Guido foi mais rápido, quase comendo meus dedos juntos.

— Ei! – resmunguei, sem me importar de verdade. Já estava acostumada a ter minha comida

roubada por aquele maldito. Guido só não roubou meu leite materno por algum milagre de Deus.

De qualquer forma, eu estava bastante animada para aquela viagem e nem mesmo perder um dos meus doces estragaria isso.

Quem sabe, talvez um pouco de descanso e novas experiências me ajudassem a me sentir viva novamente. E ali, naqueles poucos minutos com Guido na enorme suíte eu já me sentia... eu de novo. Era bom. Muito bom sorrir de novo, sentir algo que não fosse ansiedade, angústia ou estresse. Parecia tudo tão... leve e espontâneo e relaxante. Férias, sim, era disso que eu precisava.

— Vai que não me deram os morangos também, né — Guido deu de ombros, pescando mais um do prato. — Preciso aproveitar antes que você devore tudo como uma gulosa insaciável. Sempre fiquei curioso sobre como você consegue comer o seu peso em açúcar e não virar um algodão-doce-humano. Pra onde será que vai tudo aquilo?

O desgraçado ainda se fingiu de reflexivo, apoiando o dorso da mão no queixo em uma imitação barata de O Pensador.

PERIGOSAS NACIONAIS

Normalmente eu ficaria irritada pelo comentário de Guido. Se fosse qualquer outro dia, eu talvez chutasse sua canela ou o chamasse de babaca. Mas, naquele momento, me sentindo tão feliz por estar ali, que meu corpo agiu por conta própria e se jogou contra o dele, os braços rodeando seu pescoço enquanto ele tentava se equilibrar para não nos deixar cair no chão.

— Foguinho, acho que você pode deixar o resto dos morangos pra mim. Já tá pesada demais – brincou, beijando o topo da minha cabeça.

— Foda-se – aumentei o aperto do abraço. – Obrigada por me trazer.

— Tá feliz mesmo de estar aqui? – Sua voz parecia um pouco apreensiva e eu me afastei.

— Por que não estaria? Sabe há quanto tempo eu não tiro férias?

Guido deu de ombros, mas eu o conhecia como a palma da minha mão. Ele parecia um pouco incomodado ou preocupado com alguma coisa.

Quis perguntar o que era, porém fui interrompido quando o som da voz de uma mulher ecoou pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabine.

— Senhoras e senhores passageiros, favor comparecer ao deck para as instruções de segurança.

— Vou deixar minha mala no meu quarto e a gente vai, beleza? – Mal tive tempo de concordar, pois Guido já estava saindo da minha suíte e indo em direção a dele.

Aproveitei para observar mais da cabine e decidi ver como era o banheiro. A enorme banheira que tinha ali me fez pensar em estrear aquele champanhe nela mais tarde.

Por algum motivo, uma voz dentro da minha cabeça sussurrou que com companhia seria melhor. Talvez fosse apenas a mente traiçoeira me lembrando que eu não fazia sexo há alguns meses. Ao contrário de Marco, pelo visto...

— Bora, Nick? – Guido surgiu, recostado no batente da minha porta e, por sorte, me fazendo dispersar aqueles pensamentos. – Se acontecer a mesma coisa que rolou no Titanic, acho que é bom a gente estar preparado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe que não tem icebergs no caminho pra Argentina e para o Uruguai, certo?

Ele deu de ombros, erguendo um canto da boca.

— Mesmo assim, precisamos ir, já que é obrigatório.

— Você só quer avaliar o cardápio humano da semana – provoquei, semicerrando os olhos.

— E o que há de mal nisso? – ele retrucou, alargando aquele sorriso malicioso.

Não respondi, porque de fato não havia mal algum.

Na verdade, até mesmo eu estava um pouco curiosa para ver quem estaria preso àquele navio com a gente pelos próximos dias.

— Você também ganhou morangos com chocolate? – questionei, passando por ele.

— Ganhei. – Seu sorriso era de pura vitória.

— Ótimo, porque dois seus são meus.

— Mas eu só comi *um* dos seus! – reclamou, me seguindo pelo corredor.

Virei o rosto só o suficiente para encontrar

PERIGOSAS ACHERON

aqueles olhos castanhos debaixo das sobrancelhas grossas franzidas.

— Não foi você que disse que tudo tem um preço? Então... — pisquei, voltando a dar as costas para o meu melhor amigo.

A risada alta e cheia de vida que ele soltou atrás de mim fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.



Os funcionários do cruzeiro separaram todos os embarcados em grupos. Éramos vinte no total, cinco filas de cinco pessoas. Eu era a primeira da minha fila e Guido o primeiro da fila ao lado.

As instruções começaram e tivemos aulas desde como usar um salva-vidas até como deveríamos nos organizar nos botes caso alguma coisa acontecesse. A ideia de algo dar errado me trazia um frio na barriga, um frio bastante desagradável.

Acho que encolhi os ombros nessa hora, pois o homem atrás de mim cutucou meu ombro.

— Esses procedimentos padrões são bem chatos, né? — ele comentou, baixinho, próximo demais da
PERIGOSAS ACHERON

minha orelha.

Tudo em mim despertou com a sensação do hálito dele em meu ouvido. Provavelmente uma reação do meu corpo, lembrando que ninguém me tocava há algum tempo, desesperado por contato.

Virei o rosto para encará-lo e ele era bem bonito, apesar de ser da minha altura, no máximo uns dois centímetros mais alto que eu. Nada contra os baixinhos, mas eu costumava preferir os mais altos.

O cara sorriu para mim e percebi que seu queixo mexeu lentamente, como se fosse uma reação de aprovação para o que via.

— Se continuar me olhando desse jeito, acho que meu coração pode parar, gata.

Meu rosto esquentou no mesmo instante.

Ele estava flertando comigo. Ou tentando pelo menos, porque tudo o que eu conseguia fazer era arregalar os olhos e oferecer um sorriso amarelo daqueles bem estranhos.

Cacete, eu realmente tinha perdido a prática.

— O tempo tá ótimo, né?

Ah, que maravilha! Agora eu ia falar do tempo...
PERIGOSAS ACHERON

Ele abriu um pequeno sorriso charmoso antes de dizer:

— Tá sim. E o mar parece calmo, então o navio não deve chacoalhar.

— Amém! – bradei, um pouco alto demais do que gostaria. Eu estava nervosa, me sentindo patética e sem saber como agir. – A última coisa que eu queria era... sei lá, passar a noite abraçada à privada vomitando.

Merda! O. Que. Diabos. Eu. Acabei. De. Falar?

Meu Deus, eu ainda coloquei o dedo na boca e fiz aquela cara de quem está com refluxo. Aparentemente eu queria que ele imaginasse com perfeição como seria a cena.

E pelo visto ele imaginou, pois fez uma careta de nojinho.

Eu, Nicole Graham, era um perfeito fracasso na arte da flertagem. Primeiro falo sobre o tempo, depois comento sobre colocar as tripas para fora. Ótima abordagem... só que não.

A maior prova foi quando ele riu baixinho e murmurou algo como “é, isso seria bem ruim” e se

PERIGOSAS ACHERON

virou para falar com um amigo do lado. Tentei colocar algo como um sorriso no rosto e me virei para frente o mais rápido que pude. Era melhor parar de pagar mico antes que as coisas ficassem piores.

Olhei para o lado, desejando que Guido não tivesse ouvido aquela conversa patética, pois ele me zoaria pelo resto da vida. Mas ele parecia ocupado demais falando com uma morena daquelas que para o trânsito, o corpo violão, os cabelos ondulados até a cintura e os olhos escuros com um brilho selvagem. Guido não brincava mesmo em serviço.

Apesar de me sentir à deriva ali naquele deck, suspirei aliviada.

Pelo menos meu melhor amigo não tiraria sarro com a minha cara. Ele parecia entrosado demais na conversa com a garota de vestido amarelo justo, provavelmente já decidido a levar ela para a sua cama qualquer dia. Talvez naquela mesma noite.

Agradei aos céus pelos protetores de ouvido. A voz da garota era fina e aguda e eu sentia os órgãos doerem só de pensar como seria ela gritando no

PERIGOSAS ACHERON

sexo.

Foi então que a minha ficha caiu. A maioria das pessoas – provavelmente todas, exceto eu –, vieram para esse cruzeiro para conhecer gente nova e fazer sexo. Muito sexo. Sexo com todo o tipo de gente. Porque era isso que os jovens solteiros e festeiros esperavam. Era isso o que *Guido* queria.

Se era o que *eu* queria, ainda não tinha me decidido. Uma parte de mim pedia por aquilo, por experiências, tentativas e erros, por um... toque. A outra parecia receosa. Eu nunca tinha dormido com alguém por dormir. Até mesmo com o garoto babaca que eu perdi minha virgindade teve sentimento, mesmo que só da minha parte.

Agora, a ideia de sair com qualquer um só para me satisfazer me parecia... estranha. Mas também excitante de alguma forma, eu precisava admitir.

Talvez eu devesse dar uma chance, me permitir tentar. Eu poderia fazer sexo casual, não poderia? Se tanta gente fazia, por que eu teria dificuldade?

Tudo bem que era bizarro pensar em transar com um desconhecido, mas se ele tivesse um papo legal,

as coisas poderiam fluir naturalmente, certo?

Eu queria uma confirmação. Uma confirmação de que eu seria capaz, de que tudo ficaria bem.

Olhei para o lado mais uma vez, mas Guido ainda falava com a bonitona. Ele fazia parecer tão fácil que não posso negar a pontinha de inveja que me atingiu.

A morena da cor do pecado passou a língua nos lábios, umedecendo-os, e tudo o que eu pensava era “tá vendo, Nicole? É assim que você flerta, sendo sexy. E não falando sobre vômito”.

Guido se aproximou um pouco mais da garota, parecendo hipnotizado. Eu não o julgava. Ela era linda de doer e claramente estava interessada. Ele também.

Aquela era a confirmação de que eu precisava. Se não por mim, então por Guido.

Independentemente se fosse para transar ou não, seria bom mesmo eu me deixar conhecer gente nova para passar o tempo durante aqueles oito dias. Caso contrário, serviria não só de vela, mas de um castiçal inteiro para Guido. E, conhecendo bem o

PERIGOSAS NACIONAIS

meu melhor amigo, ele acabaria se sentindo péssimo e ficaria comigo o tempo todo.

Aquilo não parecia certo.

A última coisa que eu queria era estragar a viagem dele. A segunda última coisa era me transformar em uma empata-foda.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 1)

Viviane.

Esse era o nome da morena gostosa que eu ia fazer gemer meu nome naquela noite.

Além de bonita era ousada, eu pude perceber. Afinal, foi ela mesma que veio puxar papo e aquele sorriso cheio de malícia não negava o que estava procurando. A mesma coisa que eu, sem dúvida alguma.

E eu daria tudo o que ela quisesse em cima da cama e ainda mais. Já fazia duas semanas que eu não transava, desde a maluca que me colocou para fora do apartamento só de cueca, e a ideia de meter bem fundo naquela morena me parecia atraente demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez eu a prendesse na parede e... Ou melhor não.

Pelo menos não na parede que ligava meu quarto ao de Nicole.

Um meio sorriso despencou em meu rosto.

Claro que brinquei sobre os abafadores de som, mas jamais atrapalharia seu sono. Não de propósito pelo menos.

Pensando nisso, quase como de forma automática, meus ouvidos pararam de escutar o que Viviane dizia, apesar de minha cabeça se mexer em afirmação nas horas corretas. Sem querer, comecei a ouvir aquele papo aleatório que ela estava tendo com o baixinho de trás.

Só Deus sabe o quanto precisei me controlar para não gargalhar quando ela sugeriu que poderia vomitar abraçada à privada.

A cena veio instantaneamente na minha cabeça. Com o cara não deve ter sido diferente.

Puta merda, quem é que fala esse tipo de coisa para alguém sem intimidade nenhuma? O que Nicole estava pensando?

PERIGOSAS ACHERON

Falar para mim, beleza, até vai.

Já até presenciei uma cena dessas quando ela bebeu demais em uma choppada da faculdade, mas para um cara que poderia estar interessada?

Errou feio.

Errou rude.

E eu sabia que precisaria dar um jeito para que ela não fizesse outra besteira dessas. Nem nessa viagem, nem nunca.

Obriguei minha atenção a retornar para Viviane, que agora falava sobre como ela e amiga – acho que ela falou que se chama Paloma – eram próximas.

A piscadela que ela me ofereceu em seguida apenas me provava que ela se referia a outra conotação de “próxima” e eu não podia negar que gostava de como aquilo soava.

— Senhores, por favor, prestem atenção nos procedimentos de emergência – uma moça de uniforme pediu, voltada para o grupo como um todo, mas seu olhar era diretamente para mim.

Acenei com o queixo e sorri como um pedido de

PERIGOSAS ACHERON

desculpas. Ela corou e parou de me olhar. Nicole cutucou minhas costelas, meio que me repreendendo, meio que se segurando para não rir.

As instruções terminaram depois de vinte minutos e Viviane havia sumido na multidão de gente que começou a se retirar. Não que isso fosse um problema. Ainda teríamos muito tempo para curtir aquela viagem.

Naquele segundo, eu tinha algo mais urgente para fazer.

— Por favor, me diz que você falou de vômito só pra afastar o cara – pedi, esfregando a testa com os dedos.

— Você tava ouvindo? – Os olhos de Nicole se arregalaram tanto que eu pensei que eles poderiam simplesmente pular de órbita.

— Infelizmente, sim. – Suspirei. – E você não respondeu a minha pergunta, foguinho.

— E-eu... bom, eu não tava mesmo interessada nele nem nada, mas... mas saiu sem querer. Não era pra... você sabe.

Suas bochechas conseguiram atingir o mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

tom que seus cabelos e Nicole ficava muito fofa com o rosto vermelho. Mas nem assim eu consegui evitar a gargalhada que escapou da minha garganta.

— Puta que pariu, você é péssima – provoqueei. Minha mão no peito para controlar o coração disparado pelas risadas incessantes.

A risada era exagerada só pelo fato de adorar quando ela franzia o cenho e ficava puta da vida comigo. Era minha diversão particular.

— Ah, vai se foder, Guido! – ela ralhcou, socando meu ombro e andando a passos rápidos.

Mal precisei acelerar para alcançá-la. Era uma vantagem de ser mais alto e ter pernas mais longas.

Cutuqueei suas costelas e ela bateu em minha mão.

— Você é pior no flerte do que... sei lá, uma foca prena.

— Se não vai se foder, então me deixa em paz e vá foder alguém!

— Isso parece tentador – ponderei, seguindo-a. – Mas acho que temos algo mais importante pra fazer no momento.

PERIGOSAS ACHERON

Nicole parou no lugar e eu quase a atropelai. Seu rosto vermelho, agora de raiva, estava erguido para cima para que seus olhos pudessem se cruzar com os meus.

As íris castanhas com detalhes verdes pareciam puro fogo.

— Tipo o que? Você continuar me zoando? — Ela colocou as mãos no quadril, igualzinho a mãe dela quando nos dava bronca anos atrás por termos comido biscoito escondido antes do almoço.

— Isso seria *mais* tentador ainda — ela bufou e tentou se virar e eu segurei seu pulso. — Mas acho que seria bom a gente conversar sobre algumas coisas.

Nicole semicerrou os olhos, do jeito que fazia quando estava desconfiada. Um canto da minha boca se ergueu e eu a puxei para dentro do navio, um lugar com menos gente passando.

— Olha, Nick — falei, baixinho. — Os caras vão cair em cima de você aqui no cruzeiro, isso é um fato.

Ela pendeu a cabeça para o lado, parecendo

confusa.

— Você é bonita e gostosa – sussurrei, porque falar aquilo em um tom de voz normal parecia... difícil. E estranho. Definitivamente estranho. Pelo visto, ouvir aquilo também não foi fácil para Nicole, que agora mordiscava o lábio inferior da mesma forma que sempre fez quando ficava envergonhada. Tentei ignorar a vontade de fazer mais algum comentário provocativo e continuei: — Enfim, eles vão querer puxar assunto contigo e tentar algo além. É pra isso que eles estão aqui.

— Eu sei – resmungou, torcendo os lábios, me fazendo lembrar da Nicole de cinco anos, que fazia bico toda vez que eu a chamava de “foguinho”.

— O que eu preciso saber é: o que *você* quer? – expliquei.

— Como assim, o que eu quero? – ela também falava baixo, como se estivéssemos conversando sobre algum segredo de Estado.

Enchi os pulmões de ar e soltei em uma lufada.

— Se você me disser que não tá afim de conhecer ninguém, nem fazer nada, então eu vou afastar

qualquer um que chegue perto. Mas se você tá afim de... – fiz uma careta.

Não era agradável pensar na Nicole com outro cara. Levei seis meses para me acostumar com Marco e só consegui depois de ver que ele era gente boa e a tratava bem. E eu quase não os via juntos. Principalmente não em clima de intimidade pelo menos. Marco sempre pareceu meio... distante. Na verdade, acho que nunca vi eles se beijando em público. Nem um selinho.

Bom, agora já sabíamos pelo menos uma parte dos motivos.

— ... você entendeu, né? – perguntei. Ela assentiu devagar, desviando o olhar. – Então, se for esse o caso, a gente precisa mesmo dar um jeito no seu papo. – Nicole suspirou umas três vezes, até que eu perguntei: – E aí, qual vai ser?

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes no mesmo instante que um filete de sol entrou no cômodo que estávamos pelo vidro ao nosso lado, deixando ainda mais aparente as pequenas sardas que Nicole tinha no nariz e bochechas. Senti pena de todos os homens daquele navio que buscavam

PERIGOSAS ACHERON

apenas curtição. Nicole não era garota de uma noite só. Era garota para a vida toda.

E caso algum deles tivesse a chance de ficar com ela, estariam condenados pelo resto de seus dias, disso eu tinha a mais absoluta certeza.

— Acho... — ela começou. A voz saiu falha e pigarreou antes de recomeçar: — Acho que independente do que eu decida ou não fazer nesses próximos dias, umas dicas sobre como não pagar mico seriam... bem-vindas.

Ela sorriu sem graça, as bochechas corando mais uma vez.

Tive vontade de apertá-las.

Talvez mordê-las.

Mas apenas pisquei um olho e avisei:

— Suas aulas começarão hoje à noite, então.

Capítulo 7



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 1)

Seria muito patético confessar que senti um friozinho na barriga quando Guido avisou que naquela mesma noite eu teria aulas de como paquerar?

De qualquer maneira, a verdade é que eu estava um pouco nervosa com tudo aquilo, com a perspectiva de flertar com um desconhecido e, quem sabe, fazer algo além.

Aquela era uma decisão que precisava ser pensada com calma e honestidade comigo mesma.

— Beleza – respondi, soltando um longo suspiro.
– Mas e você? Até quando vai ficar só nas paqueras de uma noite só?

Guido torceu a boca e coçou o queixo, parecendo

pensativo.

— Pra sempre? – Sorriu, cheio de sarcasmo.

Fiz minha melhor expressão de incrédula.

— Olha, sei que não deu certo com a Miriam.

— Ou com a Fabiane – ele completou, cruzando os braços sob o peito, balançando a cabeça de cima para baixo.

— Mas...

— Ah, e com a Susana também.

Revirei os olhos pela interrupção.

— O que eu quero dizer é que...

— Também não podemos esquecer a Rafaela.

— Tá, já entendi seu ponto – bufei, olhando feio para Guido em uma ameaça clara de que se ele me interrompesse mais uma vez, sua língua seria cortada e jogada ao mar. Ele pelo visto entendeu, pois engoliu em seco e manteve os lábios bem coladinhos um ao outro. – O que eu quero dizer é que mesmo que não tenha dado certo com nenhuma delas, não quer dizer que não vai dar certo com ninguém nunca. Além do mais, você não tenta algo

duradouro com alguém há pelo menos quatro anos.

Guido estalou a língua e colocou as mãos nos bolsos da calça.

— Tô muito bem solteiro, Nick. Não tem enrolação ou dor de cabeça. Fico só com a parte boa da coisa e acho ótimo. A relação sempre acaba caindo na mesma e fica tediosa. Sem falar que todas elas me ensinaram que as mulheres em geral simplesmente não acreditam que um cara pode ser amigo de uma garota sem estar trepando com ela às escondidas.

— Aah! – arfei, surpresa. – Foi mal, eu não sabia que...

Ele estalou a língua, parecendo incomodado.

— Não tem que se sentir mal por isso – avisou.

— Certo.

Foi minha única resposta antes de ver aquela mesma morena que estava praticamente comendo meu melhor amigo com os olhos durante as instruções de segurança aparecer atrás dele.

Ela tocou seu ombro e Guido se virou.

Mesmo de costas para mim, pude sentir seu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso sedutor assim que colocou os olhos na gostosona.

Precisei conter o impulso de revirar os meus.

— Acabei te perdendo na multidão – ela disse, um biquinho meloso se formando nos lábios generosos.

— Tinha muita gente mesmo – Guido se virou. – Essa aqui é a Nicole, minha amiga. Nick, essa é a Viviane.

Eu estava ocupada demais tentando descobrir se o peito dela era siliconado ou não e só percebi que ele estava nos apresentando quando ela se aproximou, os olhos castanhos arregalados e a boca escancarada.

— Você é quem eu penso que é?

Entortei a boca.

Que pergunta maluca...

— Depende – ergui um ombro. – Se você achar que eu sou a Nicole Kidman, então definitivamente não sou quem você está pensando.

Guido me encarou com repreensão.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo bem, eu estava julgando a morena atirada.

Sorri amarelo como um pedido de desculpas.

— Você é a escritora! — Viviane bradou, estalando os dedos quase que na minha cara. Precisei dar um passo para trás, o que fez Guido rir baixinho. Babaca!

— É você sim, tenho certeza. Nicole Graham, certo? — Ela continuou e olhou para Guido em busca de confirmação, mas ele apenas comprimiu os lábios. Parecia preocupado agora. — É claro que é você! — Viviane bateu palminhas, puxando minha mão e segurando entre as suas. — Meu Deus, eu amo seus livros! Tenho todos os três. Caramba, a Paloma vai surtar quando eu contar pra ela.

— Obrigada mesmo! Fico feliz que goste deles — confessei em um sorriso tímido.

Ainda me sentia a mesma boba de sempre quando alguém elogiava meus livros. Meu julgamento cedeu no mesmo instante e senti vontade de abraçá-la.

— Nossa, eu adoro romance! E suas histórias são incríveis, passei noites em claro até acabar —

PERIGOSAS NACIONAIS

Viviane suspirou, nostálgica. Guido deu um passo em minha direção, quase como se pudesse prever o que viria a seguir: – E quando sai o próximo? Não vejo a hora de ler um livro novo seu.

Agora eu entendia a cara de preocupação dele.

Aquela pergunta me doeu. Na carne, no âmago e na alma.

Minha respiração travou e minha boca ficou subitamente seca.

Tudo porque eu não sabia a maldita resposta. Se é que havia uma no final das contas.

Guido percebeu e acho que falou a primeira coisa que veio em sua cabeça apenas para mudar de assunto.

— Hoje vai rolar o discurso de boas-vindas, né? Vão falar sobre a programação da semana e tudo mais.

Viviane pareceu esquecer completamente minha existência assim que ouviu a voz rouca e masculina de meu amigo.

Agradei a ele imensamente em meus pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

— Ai, é verdade! — ela falou. — Tô mega curiosa pra saber o que vai rolar por aqui. Você também?

— Claro — Guido respondeu e eles começaram a conversar sobre o cruzeiro e sei lá mais o quê, já que eu apenas me excluí enquanto torcia para que mais ninguém me reconhecesse.

Um vazio que parecia adormecido por todo aquele dia pareceu voltar com força total ao meu estômago.

Eu não tinha previsão para um novo livro. Sequer sabia se teria um algum dia. Do jeito que meu bloqueio não cedia, eu estava quase certa de que não, não haveria uma nova estória a ser contada. Meus dias de escritora poderiam ter realmente acabado.

E aquilo acabava *comigo*.

— Vou dar uma volta — avisei e Guido me encarou, os olhos preocupados.

Fingi um sorriso e cochichei em seu ouvido que só queria dar espaço para eles dois, quando na verdade eu precisava de um espaço para mim.

Bati em suas costas e me despedi de Viviane, que

PERIGOSAS NACIONAIS

me sorriu em resposta. Ela não era de todo mal assim. Talvez eu apenas estivesse com ciúminho fraternal. Afinal, apesar de saber da vida de solteiro muito bem aproveitada de Guido, não saíamos juntos para alguma festa desde a adolescência, então desde então eu nunca o vira de fato flertando com uma garota.

O pior era que o desgraçado parecia realmente ser bom nessa arte. Viviane estava caidinha por ele e só faltava babar quando meu amigo abria aquele sorriso de canto.

Bom, eu não podia julgá-la. Era o tipo de sorriso que faz qualquer mulher ficar com as pernas bambas.

Exceto eu, claro.

Acho que quando passamos tanto tempo com uma pessoa e presencia certos momentos constrangedores de sua vida, você simplesmente não consegue vê-la com olhos românticos.

Ainda lembrava nitidamente de quando amarrei o dente de leite do Guido com um barbante e preendi na maçaneta da porta antes de usar toda minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

força para fechá-la. A imagem de seu sorriso ensanguentado e com um buraco bem no meio me dava vontade de rir até hoje.

Deixei os dois conversando e decidi passear pelo navio, conhecer cada cantinho dele e anotar mentalmente todos os lugares que desejava ir naqueles oito dias.

As opções gastronômicas eram variadas e pareciam deliciosas. Tinha restaurante oriental, francês e italiano, além do principal que era à lá carte e de comida contemporânea. Meu estômago roncou. Daqui a pouco seria um bom momento para começar a comilança.

Comida de graça era sempre muito, muito bem-vinda.

Caminhei sem pressa pelos corredores, avistando uma enorme sala de jogos de tabuleiro, outra que nada mais era do que uma academia bem equipada. Isso sem contar a quantidade de bares e lounges que eu via nas placas em todos os lugares.

E mais ao fundo tinha até um spa.

Meu Deus, um spa cairia muito bem qualquer dia

PERIGOSAS ACHERON

desses!

Talvez até colocassem em mim uma daquelas máscaras gosmentas de pepino que só gente chique usa.

Quando vi, estava na parte externa do navio, próxima à piscina retangular de água salgada. Achei engraçado imaginar marinheiros bonitões subindo baldes de água do mar para encher aquele buraco.

Mas a graça sumiu no instante em que avistei as quatro hidromassagens. Duas de cada lado da piscina.

Alguns passageiros já estavam nelas. Pelo que percebi, cabiam seis pessoas em cada e as quatro estavam praticamente lotadas já.

Eles não eram bobos nem nada, com certeza. Se eu estivesse de biquíni, já estaria me encaixando em qualquer espaço que encontrasse dentro delas. Parecia extremamente relaxante e relaxar era tudo o que eu mais precisava.

Era por isso que topei estar naquele antro de sexo e safadeza, não foi? Encontrar um lugar para esfriar

a cabeça, me divertir e descansar.

— Deve ser uma delícia transar em uma dessas — uma voz masculina fez meu estômago se contrair.

E não foi de um jeito bom.

Olhei para trás e uma dupla estava atrás de mim, falando entre si e revezando seus olhares entre ao que parecia minha bunda e a hidro à nossa frente.

A cara de nojo que fiz foi involuntária, no entanto muito digna para mostrar como eu me sentia com aquele comentário desnecessário.

— Você não concorda? — um deles, o alto de cabelos pretos, perguntou me encarando. Um sorriso pervertido surgindo no canto da sua boca.

— Com licença — falei, me achando até mesmo uma idiota por simplesmente não ficar quieta e ir embora. Maldita educação!

— Ei, espera aí, ruivinha — o outro, o moreno de cabeça raspada, que identifiquei como sendo aquele que fez o primeiro comentário, me seguiu.

Não gostei daquilo. Meus dentes rangeram e eu acelerei o passo.

— Que isso, gata, não precisa ter medo da gente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só queremos conversar – falou, o que me deixou assustada.

Praticamente corri, quando sem querer bati de frente a uma superfície rígida.

Cambaleei e quase caí para trás. Só não estatelei a bunda no chão porque mãos fortes seguraram meus ombros e me colocaram de pé.

— Ei, tá tudo bem? – Olhei para cima, me deparando com os olhos mais verdes que já vi. O cabelo cacheado loiro estava se movimentando com a brisa fresca. Um raio de sol quase me cegou, mas deixou os fios dele ainda mais claros, quase como se tivesse uma áurea divina acima da sua cabeça.

— Foi mal – disse, me endireitando.

— Opa, gata, essa foi por pouco hein – o moreno comentou, se aproximando. – Yuri e seu reflexo ninja. – Ele bateu no ombro do loiro.

Eram amigos, então.

Dei dois passos para longe deles, em defensiva.

Não curtia nem um pouquinho o jeito que aquela dupla me olhava, como se eu fosse um pedaço de carne e eles estivessem de jejum há semanas.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês tavam implicando com ela? – O tal Yuri estalou a língua.

— Só estávamos querendo puxar papo – o de cabelo preto piscou.

Revirei os olhos e saí andando.

Dessa vez sem pedir licença para os babacas. Toma!

Mas não andei nem mesmo até o outro lado da piscina quando uma mão segurou meu pulso.

Puxei o braço com força na mesma hora.

— Desculpa – Yuri falou, massageando a nuca. – Não queria te assustar. Só queria pedir desculpas pelos meus amigos idiotas, seja lá o que tiverem falado.

— Se você sabe que eles são idiotas, fico me perguntando se você anda com eles por ser um também – disparei, mesmo que soasse bastante grosseiro. Mas era aquela história do “me digas com quem tudo andas e te direi quem és”.

Ele, no entanto, apenas riu.

— Às vezes penso exatamente isso – admitiu, divertido. – Mas conheço eles desde o colégio,
PERIGOSAS ACHERON

então fica difícil acabar do nada com uma amizade de quase vinte anos. Porém, prometo que vou adestrar melhor aqueles dois. – Apontou com o polegar para trás, onde seus amigos conversavam animadamente com outras duas garotas que pareciam interessadas na mesma coisa que eles.

— Te desejo toda sorte do mundo, então – falei, me virando para ir embora. A fome estava ficando cada vez mais forte e vi que no andar de cima tinha um restaurante no estilo self-service que cairia superbem.

— Espera! – pediu e virei novamente para encará-lo. Os olhos verdes cruzaram com os meus e percebi que suas pupilas estavam dilatadas. – Me chamo Yuri. – Ele estendeu a mão. Acabei apertando em cumprimento. – Você é?

— Nicole.

— Nicole – ele repetiu, erguendo um canto da boca de uma maneira bastante charmosa. O maldito era mesmo bonito com aquele rosto angelical, os ombros largos e os braços malhados por debaixo da camiseta branca levemente apertada. – Espero te ver qualquer hora por aí. Quem sabe posso te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mostrar que sou bem diferente dos meus amigos.

Não respondi.

Não tive tempo.

Ele simplesmente acenou com a mão e foi de encontro aos dois paspalhos, enquanto eu tentava ignorar a sensação de formigamento no meu baixo-ventre conforme caminhava até onde o cheiro de comida quente vinha.

O navio zarpou poucos minutos depois, assim que me sentei com um prato que faria qualquer pedreiro sentir inveja, observando a gente se afastar da costa e ser engolido pelo oceano.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 1)

Viviane era gente boa e o papo fluía bem. Um pouco narcisista, reparei, já que volta e meia falava algo sobre si com um positivismo exagerado.

Era como se eu estivesse em um supermercado e ela tentasse vender a si mesma como o melhor filé mignon da prateleira.

Ainda assim, não me importei.

Principalmente quando ela passou a mão pelo meu ombro e desceu até meu antebraço em uma tortura lenta, como uma promessa do que poderíamos fazer naquele mesmo instante, em um lugar mais privado, é claro.

A ideia de começar aquela viagem com o pé direito me agradava.

Porém, sequer tive tempo de sugerir de sairmos daquele lugar. Sua amiga, a tal Paloma, bem bonitinha também com os cabelos castanho-claro medianos, a boca fina e óculos redondos que mais parecia uma daquelas professoras sexys, surgiu chamando a Viviane para ver o navio zarpar.

Empolgada, Viviane me convidou para ir junto e, apesar de achar bastante tentador, um fio de voz de consciência disse que eu deveria procurar por Nicole e ver se estava tudo bem. Afinal, ela andava sozinha pelo navio há algum tempo e sem sinal de celular lá dentro, talvez eu demorasse mais do que gostaria para encontrá-la.

— A gente se vê mais tarde na recepção de boas-vindas no Salão Pinguim? — Viviane perguntou, se aproximando.

— Mas é claro. — Ergui um canto da boca.

Ela se aproximou e beijou minha bochecha, se afastando com um sorriso mais malicioso que o meu próprio.

Putá merda.

— Até mais tarde então — falou, me dando as

costas.

Passei a mão pelos cabelos e soltei o ar pela boca, amaldiçoando o maldito capitão que poderia muito bem esperar mais meia hora para zarpar.

Do jeito que eu estava, talvez apenas quinze minutos bastassem...

Levei menos tempo do que esperava para encontrar Nicole. Bastou sentir o cheiro de comida fresca que eu soube exatamente para onde aquela esfomeada havia ido.

Encontrei-a com um prato imenso cheio de batata frita, arroz, feijão e carne.

— Pedreirinha – murmurei em seu ouvido pelas costas. Ela quase pulou de susto, me fazendo rir. — Quem não deve, não teme.

Nicole encarou o próprio prato e sorriu amarelo para mim conforme eu puxava a cadeira à sua frente para me sentar.

— Com esse prato, acho que devo a mim mesma algumas horas de academia depois – comentou.

— Realmente. Mas também existe outra solução, sabe? – falei, pescando uma batata do seu prato.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicole me encarou feio. Ela odiava dividir comida desde pequena.

Meus lábios se esticaram quando falei:

— Eu posso te ajudar a comer isso aí pra você não virar um bujão.

Quando estiquei minha mão para pegar outra batata, ela deu um tapa rápido, afastando o prato de mim.

— Nem pense nisso ou eu arranco seu braço.

Sua ameaça era séria.

Acabei gargalhando.

— Você não muda nunca, foguinho.

E aquilo era, na verdade, um alívio.



A noite chegou e já estávamos no Salão Pinguim, sentados na terceira fileira do enorme teatro que devia comportar facilmente mais de 1.500 pessoas. O tamanho daquele lugar era surreal. As poltronas revestidas em veludo vermelho, subindo degraus e mais degraus acima de nós, além de um mezanino

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com mais cadeiras logo acima. O palco também era grande, todo em preto, enquanto as pilastras e detalhes eram todos em dourado.

Se me dissessem que era ouro de verdade, talvez eu até acreditasse pelo luxo que aquele lugar inteiro esbanjava sem nenhum pudor.

E quando o relógio marcou oito em ponto e o teatro estava lotado, as luzes se apagaram e apenas o palco estava iluminado.

— Boa noite, senhoras! — um homem de terno e gravata surgiu por detrás dos bastidores.

— E boa noite, senhores! — agora, era uma mulher em um vestido longo vermelho brilhoso que surgia.

— Estão todos animados para essa experiência? — falaram em uníssono e os gritos e palmas de todos naquele teatro ressoaram em eco pelas paredes.

Até Nicole sorria em animação.

— Ótimo, ótimo! — o apresentador falou, encarando a companheira de palco. — Porque hoje vamos falar sobre a nossa programação para os próximos dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hoje e amanhã estaremos navegando antes de desembarcarmos em Montevideu, onde vocês terão o dia livre para passear. Inclusive, em todas as nossas paradas em Buenos Aires e Punta del Este vocês poderão sair e conhecer as cidades, mas lembrem-se de retornar às cinco da tarde em ponto para poderem aproveitar todos os eventos que preparamos para todos durante a noite – a mulher avisou.

— Alguma dessas atividades incluem festas em nossas boates e lounges, jogos no Cassino e até gincanas em grupos – o apresentador explicou, levantando o próprio celular. – Como vocês podem ver, nossos celular não tem sinal em alto mar, isso é comum. Por isso foi essencial que vocês repassassem seus dados e contas na recepção na hora do check-in. Esse cruzeiro tem o objetivo de fazê-los viver experiências únicas e que sejam capazes de fazer com que conheçam pessoas que sejam seu *match*.

— Aaah, por isso tivemos que cadastrar a digital e aquilo tudo na recepção? – Nicole murmurou ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — respondi. — A ideia é que quando entrarmos em algum lugar, coloquemos a digital em um sensor e ele vai nos dar informações sobre as pessoas que também estão no lugar e tem gostos parecidos com os nossos.

Nicole riu baixinho.

— Isso que eu chamo de serviço de cupido de luxo. — Acenou a cabeça em aprovação.

— A empresa pensou em tudo. É uma forma de fazer com que as pessoas vejam a eficácia do aplicativo. Nos Estados Unidos já é sucesso, mas como chegou no Brasil há pouco mais de um ano, ainda está em fase de experiência — expliquei.

Bem ou mal, eu tinha um baita orgulho de todo aquele trabalho, já que eu fiz parte dele desde o início, muito antes do próprio aplicativo lançar de fato. É uma ideia inovadora, diferente, que tinha tudo para dar certo.

Aquela viagem lotada de gente, sendo que a grande maioria de fato pagou para estar ali, era a maior prova disso.

— Hoje, daremos à noite para que descansem e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conheçam o navio e tudo o que ele oferece – o apresentador continuou. – Conversem com outros passageiros, façam amizades, talvez até algo a mais – ele piscou, sugestivo, fazendo a plateia rir. – Amanhã de manhã já teremos algumas surpresas preparadas para vocês na área da piscina. Então não percam e venham preparados!

— Em seus quartos, vocês encontrarão toda a programação detalhada – a mulher avisou. – E não deixem de checar os dias e horários para certas atividades limitadas. Um exemplo é o restaurante de encontro às cegas – ela abriu um sorriso maroto, fazendo alguns segundos de suspense enquanto os burburinhos rolavam soltos.

— Você sabe do que se trata? – Nicole perguntou, tão próxima ao meu ouvido que senti cócegas com sua respiração em meu pescoço.

— Na verdade, não. Meu chefe disse que eu não deveria saber das atividades que iriam rolar, porque eu também precisava viver a experiência como qualquer um – expliquei. – No final, vou ter que fazer um relatório completo da viagem com informações detalhadas e sugestões de melhorias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicole me encarou com um sorriso divertido nos lábios. Minha testa franziu sem entender o que se passava naquela cabecinha oca.

— Desembucha – mandei.

— Nada – deu de ombros, se afastando e se recostando na poltrona. – Só fiquei imaginando você detalhando para o seu chefe como foi trepar com aquela morena peituda.

— Puta que pariu. – Não aguentei e precisei colocar o punho na boca para não rir alto.

Nicole teve que fazer o mesmo.

Era incrível como a gente era capaz de se divertir juntos. Só então percebi que sentia falta de passar um tempo com ela. Desde que entrei de cabeça no trabalho e ela começou a namorar e mal saía de casa, fazia um tempo que não podíamos ser... apenas nós dois.

— Não me lembro de você ter uma boca tão suja assim – murmurei, recebendo um olhar cúmplice, mas que logo se virou para o palco, onde a apresentadora explicava o tal encontro às cegas.

— Durante uma noite, e apenas *uma* noite, o

PERIGOSAS ACHERON

restaurante francês do quarto andar terá uma proposta diferente.

— E como o nome já diz, vocês poderão participar de um encontro às cegas – o engravatado disse. – O lugar estará um breu completo e vocês serão guiados e servidos por pessoas com deficiência visual, que irão colocá-los em mesas de dois com seu match ideal daquela noite.

— Cacete, que foda! – Nicole falou, mais para ela mesma do que para mim.

A ideia era realmente muito diferente de tudo o que já vi.

— Você quer participar? – perguntei.

— Nossa, quero. Quero muito! – ela bradou, animada. – Parece divertido! E a ideia de que a outra pessoa não vai saber quem sou eu caso eu fale alguma merda e pague um mico é bastante tentadora. – Ela sorriu, meio divertida, meio sem graça.

Concordei com a cabeça, sorrindo de volta.

— Beleza, então a gente sai daqui e já garante nosso lugar. Mas antes da gente entrar lá vou te dar

PERIGOSAS NACIONAIS

umas dicas pra não pagar nenhum mico como falar sobre coisas nojentas, especialmente quando se vai jantar algo que não pode ver e a imaginação rola solta.

Fiz uma careta feia só para provocá-la. Deu certo, porque Nicole estalou a língua e resmungou algo sobre eu ser um babaca.

De repente, ela me encarou, curiosa.

— Espera. Você vai participar também?

Dei de ombros.

— Por que não?

— Achei que você não era do tipo que ia em encontros – falou, desconfiada.

— Não sou, mas alguém precisa estar por perto caso alguém aproveite a escuridão pra te apalpar – ergui um canto da boca e Nicole empurrou meu ombro com o dela.

— Você é muito protetor – resmungou.

— Só porque você é a minha garota.

Ela sorriu e encostou o ombro no meu de novo.

Dessa vez, como um gesto de carinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 1)

Logo depois de fecharem a apresentação de boas-vindas, fomos fazer nossa reserva para o tal encontro às cegas, que descobrimos ser depois de amanhã.

Tivemos sorte de ir às pressas até lá e garantir nossos lugares, pois era realmente um evento mais limitado, e assim que saímos a fila de espera já estava virando o corredor.

— E agora, o que quer fazer? — perguntei.

— Acho que eu comeria alguma coisa – Guido respondeu, erguendo um ombro.

Eu poderia fazer alguma zoação e chamar ele de glutão, como ele fazia comigo. Mas a verdade é que... bem, eu também poderia comer alguma

coisa.

Já passava das oito da noite e encher minha barriguinha de comida e um ou dois pedaços de torta de mousse de chocolate parecia ideal antes de me retirar para a cabine e dormir até o dia seguinte.

Provavelmente Guido tinha planos de ir atrás da morena boazuda ou qualquer outra carne ambulante com seios e bunda para começar aquela viagem com o pé direito.

Graças a Deus o navio disponibilizava protetores de ouvido...

— Pode ser então – falei. – Onde quer comer?

— Os restaurantes devem estar lotados. Acho que é melhor irmos pra aquele do buffet mesmo, a vista é legal também.

— Beleza.

A vista era mesmo legal.

O restaurante ficava no último andar, na parte da frente do navio, e todas as “paredes” eram de vidro, então podíamos ver o horizonte à nossa frente conforme navegávamos por ele, quebrando as ondas e adentrando o oceano.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enquanto isso, que tal eu te dar a lição número um?

— De quê? – Fiquei confusa.

— De como não falar merda quando um cara dá em cima de você, por exemplo? – Provocou, arqueando uma sobrancelha.

Acho que meu rosto ficou vermelho, porque minhas bochechas pareciam quentes demais.

Guido cutucou minhas costelas, divertido.

— Isso não é engraçado. – Pelo menos não para mim.

— Lição número um – ele começou, me ignorando. – Não falar sobre vômito, fezes, suor ou qualquer assunto que faça o estômago de alguém embrulhar.

Ele fez uma careta zombeteira e eu olhei seu tornozelo.

Pobrezinho, tão exposto, tão vulnerável ao...

— Nem vem com esse pé pra cima de mim! – Guido se afastou, me encarando com desconfiança. Eu deveria saber que depois de todos esses anos ele saberia o que se passava na minha cabeça na PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maioria das vezes.

Suspirei, derrotada.

— Lição número dois... — resmunguei.

Ele abriu um sorriso vencedor.

— Lição número dois – Guido repetiu, puxando meus ombros e me colocando de frente para si. – Olhe nos olhos da pessoa. Isso é essencial. Ela precisa saber que você tá prestando atenção nela, que tem interesse no que ela diz.

— Olha só, você sempre teve essa pintinha preta no olho? – comentei, perplexa por nunca ter reparado nela antes. Mas também, acho que nunca olhei para Guido tão de perto assim.

Ele deu de ombros, me soltando.

— Provavelmente – falou, continuando a andar. Precisei correr um pouco para voltar ao seu lado. Malditas pernas enormes as dele! – Lição número três: mantenha o papo leve, divertido. Tente conhecer melhor a pessoa, sem forçar a barra ou parecer *creepy*. Use perguntas pontuais sobre o que ela faz da vida, o que gosta de fazer no tempo livre, e vai fluindo conforme ela responde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hummm – murmurei. Não é que estava interessante aquelas dicas?

— E pelo amor de Deus, seja bem-humorada! Sorria para o cara de vez em quando – ele apontou meu rosto com o dedo. – Nada de comentários debochados que podem deixá-lo sem graça ou suas típicas caretas irônicas.

— Ei, eu não faço isso!

Guido me encarou com um sorriso torto e as sobrancelhas arqueadas.

Droga...

— Tá, vou evitar... – falei baixinho.

Ele acabou soltando uma risada baixa.

— Lição número quatro, use da linguagem corporal.

— Linguagem corporal? Isso é sério? – debochei. Ops.

Guido me olhou enviesado.

— O que eu acabei de falar sobre isso?

— Ah, qual é! Com você eu posso agir naturalmente, não posso? – perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele soltou uma lufada de ar.

— Tá legal, tá legal. Mas é sério, a linguagem corporal conta muito. Se você ficar com os braços cruzados por exemplo, significa que está na defensiva e o cara vai achar que você não tá interessada e quer manter ele afastado.

— Tá, isso até que faz sentido – ponderei.

— Claro que faz, eu sei o que tô falando – Guido estufou o peito.

— Beleza, então continua, Sr. Pavão.

Ele fez uma careta, mas obedeceu:

— Se você estiver interessada de verdade, um bom indício é mexer no cabelo. Fazer um charminho, sabe? – Assenti. – Contato físico também é muito bem-vindo.

— Tipo colocar a mão no braço ou algo assim?

— Isso aí! Tá vendo? Até que você sabe uma coisa ou outra, foguinho.

Dei a língua para ele e só então percebi que havíamos chegado no restaurante.

O cheiro de comida era ótimo e não perdemos

PERIGOSAS ACHERON

tempo. Fomos direto nos servir e procurar uma mesa para nos sentarmos. O lugar estava lotado. O navio em si estava abarrotado de gente.

— Ei, Guido! – Ah não... era Viviane com o braço estendido do outro lado do salão.

Guido acenou de volta e ela mostrou os dois lugares vazios em sua mesa.

— É melhor do que comer em pé, vai – Guido comentou baixinho apenas para mim.

Infelizmente eu não tinha tanta certeza disso, mas acabei seguindo-o mesmo assim.

Porém, ao que parecia, o destino estava se sentindo bastante divertido naquela noite e passamos por uma mesa onde logo reconheci Yuri e os dois amigos babacas.

— Nicole, oi! – Yuri saudou com um sorriso aberto.

Guido se virou para me olhar. Apontei com o queixo para que ele fosse indo até os lugares vazios. Ele hesitou por um segundo, mas acabou indo.

— Hã, oi – respondi Yuri, enfim, ignorando
PERIGOSAS ACHERON

completamente a presença dos outros.

— Seu namorado? – Ele foi direto ao ponto.

— Não! Pelo amor de Deus, não – contive uma gargalhada. – Somos só amigos.

— Bom, falando assim, não tenho nem porque duvidar. – Seu sorriso se alargou ainda mais e então seus olhos se revezaram entre meu prato e o buffet. Por sorte, dessa vez eu tinha maneirado na quantidade e não assustaria as pessoas ao meu redor.

— Muita comida boa, né? – Olha só, ele estava tentando puxar assunto ou era impressão minha?

— Muita mesmo – remexi a bandeja e arfei quando meu copo de suco quase virou.

Yuri se levantou na mesma hora e como um perfeito cavalheiro, pegou a bandeja da minha mão.

— Deixa que eu te ajudo.

— Ah... valeu – agradei, sem jeito.

— A gente vai dar uma volta – um dos amigos comentou, sem sequer me olhar. Yuri acenou em despedida para eles e continuou me levando até onde apontei.

— Você adestrou eles mesmo ou foi só impressão?

— Prometi que se eles sequer olhassem pra você, eu falaria pra todas as mulheres do cruzeiro que eles se pegam quando estão sozinhos no quarto.

Chocada.

Essa era a palavra que definia bem minha reação: a boca escancarada e os olhos arregalados.

— O quê? – Minha voz saiu esganada.

Yuri riu alto assim que seus olhos verdes cruzaram com os meus.

— Não é verdade – explicou, erguendo um ombro. – Mas ninguém teria tanta certeza disso depois que o boato rolasse solto.

A risada que escapou da minha garganta foi completamente espontânea e foi nesse instante que chegamos à mesa e Guido me encarava com os olhos semicerrados. A bandeja foi colocada na mesa e eu sorri em agradecimento. Talvez ele fosse mesmo diferente dos dois panacas que chamava de amigos.

— Esse é o Yuri. Nos conhecemos mais cedo –
PERIGOSAS ACHERON

avisei, apontando Guido. – Esse é o Guido.

— O amigo – Yuri disse, estendendo a mão em cumprimento.

— O *melhor* amigo para ser mais exato. – E apertou forte a mão do Yuri.

Eita. Eles se estranharam ou foi só impressão minha?

— Ai. Meu. Deus – a menina de cabelos curtos e óculos falou, pausadamente, enquanto se levantava da cadeira. – É você mesma!

— Eu te disse, amiga! – Viviane bradou, animada. – A melhor romancista da década vai passar oito dias com a gente.

Senti vontade de sair correndo e me jogar no mar. Se alguma delas comesse a falar sobre quando sairia meu próximo livro, talvez eu realmente fizesse uma loucura dessas.

Guido percebeu meu desespero. Mas, incrivelmente, Yuri pareceu perceber também e engoliu a clara curiosidade que estampava seu rosto para tomar uma atitude.

— Muito prazer! – Yuri disse, estendendo a mão

PERIGOSAS ACHERON

para as duas e capturando a atenção de ambas.

— Oi, tudo bem? Yuri, certo? Me chamo Paloma.
— E puf. A garota sequer lembrava que eu existia, pois agora umedecia os lábios e só tinha olhos para o garoto ao meu lado, apertando sua mão de uma maneira que parecia um tanto obscena. — E essa é a Viviane — apontou a morena com o queixo. — Por que não se junta a nós?

Yuri me olhou de soslaio, como se esperasse meu convite.

— Senta aí — falei, me acomodando de frente para Guido e ao lado de Paloma.

A mesa era para quatro pessoas e Yuri pediu uma cadeira que estava sobrando à galera do lado e sentou na cabeceira. Se tudo naquele lugar não fosse incluso, talvez alguém fizesse a piadinha sobre ele ser o responsável por pagar a conta.

Por fim, comecei a comer, vendo que Guido já estava praticamente finalizando seu prato.

— Agora que temos um público — Viviane cochichou, se inclinando sobre a mesa, como se fosse contar um segredo. — O que acham de a gente

curtir a primeira noite com estilo?

Paloma abriu um sorriso travesso e tirou debaixo da mesa uma garrafa de vodca.

Parei a garfada no ar e a comida caiu de volta no prato.

— Eita – Guido falou, surpreso.

— Conheço um cara que trabalha no bar – Paloma deu de ombros, simplesmente.

Voltei a comer enquanto eles sugeriam o que poderíamos fazer com aquele líquido diabólico em nossas posses.

— Podíamos jogar CS composto. – Dessa vez foi Yuri quem falou.

— Adoooooro esse jogo! Topam? – Viviane parecia empolgada.

— Nunca joguei – comentei, agradecendo com um sorriso quando a moça da limpeza retirou meu prato vazio e em seguida recolheu o prato de Guido.

— Como assim? É um clássico – Yuri falou, levando a mão ao peito em falsa ofensa. – Você precisa corrigir esse erro agora mesmo.

— Ele tá certíssimo, Nicole! — Viviane concordou, balançando a cabeça. — Então tá decidido. CS composto será.

Pensei sobre o assunto. Eu não estava mesmo com muito sono e jogar um pouco não seria tão ruim assim, mesmo que com aquele grupo... hã... peculiar.

Depois, quando todos estivessem bêbados, eu poderia sair de fininho e deixar que Viviane atacasse Guido e Paloma sequestrasse Yuri. Apesar de que a ideia de ser a única... bem, terminando a noite sozinha, me trazia certo incômodo.

Talvez um tipo de invejinha.

— Beleza, me expliquem as regras — pedi.

Guido me encarou e eu conhecia aquele olhar. Ele dizia “tem certeza?”.

Assenti com o queixo e ele torceu a boca em um sorriso desafiador antes de começar:

— O jogo gira em sentido horário, onde alguém vai falar uma palavra e a pessoa seguinte tem que falar outra palavra que tenha a ver com a palavra anterior. Por exemplo: se alguém falar “peixe”, eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

posso falar “anzol” e a pessoa seguinte pode dizer, sei lá, “linha”. A questão é que você não pode usar palavras com C, S ou palavras compostas.

— Só isso? — Minha testa se franziu automaticamente. — Não parece ser tão difícil.

Guido ergueu o canto da boca em ironia.

— Teoricamente não é, até que você erra sem querer e começa a beber. Com o número de *shots* aumentando, fica mais difícil ainda raciocinar que palavra você tá falando. E do jeito que você é competitiva, Nick, não duvido que cuspa a primeira porcaria que vier à cabeça, sem se dar conta das regras.

Abri a boca para soltar um grande e sincero “vá para o inferno”, quando Yuri se virou para mim e disse:

— Quer dizer que você é do tipo competitiva? Interessante... — E sorriu. Um sorriso torto charmoso, daqueles que faz os pelos da nossa nuca se arrepiar.

Acho que corei. Não lembrava da última vez que alguém sorria para mim assim...

PERIGOSAS ACHERON

Paloma não pareceu ter gostado muito, pois pigarreou chamando atenção para começarem o jogo. Guido, percebi, estava com o semblante levemente fechado agora.

— Eu começo — Viviane avisou, piscando para Guido. Ele relaxou a expressão no mesmo instante.
— Renda.

Não quer ser mais direta não, minha filha?

— Lingerie — Paloma disse, fitando Yuri. Ele não a olhou de volta.

— Peitos. — Foi a vez de Guido. Balancei a cabeça, meio rindo, meio achando besta aquela escolha de palavras nem um pouco sutis.

— Bunda. — Yuri me encarou. Seus olhos eram realmente bem bonitos, um tom de verde que nunca vi e... — Nicole?

Ah, era minha vez!

— Coxa. Não! — Merda, não acredito que me distraí. Puta que pariu! — Espera, falei errado, foi um erro!

Pior que a outra palavra que rondava minha mente era bem feia. E também começava com C...

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas todos já riam, especialmente Guido.

— Regras são regras, foguinho – Guido avisa, pegando a garrafa de vodca da mesa e finalizando o resto de suco de seu copo antes de me servir uma dose.

Sem ter muito para onde correr, tomei em uma golada só.

A garganta ardeu e minha cabeça deu um giro.

Pela Lua, eu acho.

Depois voltou.

Ou mais ou menos.

Só sei que Guido tinha razão e depois que a bebida entra na jogada, parece que nossa boca é mais rápida que o cérebro e na minha cabeça só apareciam palavras com C, S ou... inferno... compostas!

Não sei quantos *shots* bebi, mas me sentia estragada.

Já não bebia há anos. Marco não gostava de beber.

Marco... babaca! Me traiu com um cara. E ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por cima um cara gato de morrer!

Senti o mundo girar. Minha língua parecia pesada e embolada.

Olha! Tinham dois Guidos no recinto.

Ferrou! Os dois estão me olhando com repreensão.

O Guido número um falou:

— Acho que já deu.

O Guido número dois soltou uma lufada de ar.

— Que isso, lindo, a noite é uma criança. – Eu diria que era a voz da Viviane, mas não tinha muita certeza.

Algo pesado se acomodou nos meus ombros, que arriaram. Franzi a testa.

Ah, era o braço do Yuri. Ufa!

Achei que... sei lá, eu estava diminuindo estilo a Alice no País das Maravilhas.

— Acho que é melhor parar de beber mesmo. Que tal eu te levar para o seu quarto? – Yuri era tão cavalheiro, que fofo!

Acho que sorri, assentindo. Paloma bufou e eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

semicerrei os olhos para ela. Ora, um gostoso desses com cara de anjo não pode ter olhos para mim só porque você tá por perto, dona professora sexy que parece gostar de um chicote?

Chicote... que palavra engraçada.

Não, não é engraçada! Porque começa com C e eu não quero mais beber.

Ué, por que o Guido tá levantando? Acabou o jogo?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 1)

— Eu mesmo faço isso. – Levantei da cadeira e fui até o outro lado da mesa.

Nicole estava bêbada como um gambá, caso gambás ingerissem seu peso em álcool.

— Mas o Yuri disse que ia me levar – ela retrucou com um beicinho e eu a olhei feio.

Porra, por que essa cabeçuda acha que ele queria deixá-la no quarto? Com certeza não era para colocar ela na cama e ir embora. No mínimo iria tentar ganhar um beijo ou dois.

Yuri até podia se fazer de gentil na frente da Nicole, mas eu era homem e definitivamente sabia muito bem o que aqueles olhares dele significavam.

Ele a queria.

PERIGOSAS NACIONAIS

E bom, não posso culpá-lo... Nicole é linda de morrer.

Mas quando um cara olha dessa forma para minha melhor amiga bêbada e vulnerável, tudo o que sinto correr em minhas veias é um ódio profundo e a vontade insaciável de socá-lo naquele rostinho de bebê.

— É, pode deixar que eu levo ela sem problemas — o desgraçado insistiu, se levantando.

Se eu tivesse superpoderes, acho que a cabeça dele já estaria bem longe do corpo.

— Não.

Ajudei Nicole a se levantar, ignorando a expressão decepcionada de Viviane. Sem sexo para mim hoje pelo visto...

Desejei boa noite aos três e coloquei o braço de Nicole por cima dos meus ombros, mesmo que eu precisasse andar um pouco curvado para isso.

Fomos para o quarto em seguida, com minha melhor amiga resmungando sem parar que tinha estragado a minha noite.

— Para de falar besteira — falei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se o Yuri tivesse me trazido, você ainda estaria com a morena boazuda e a professora sexy.
— Sua língua estava embolada, os olhos sem foco.

— Se o Yuri tivesse te trazido, ele provavelmente tentaria transar com você – apontei.

Nicole me encarou feio.

— Ele não faria isso!

— Você realmente queria tirar a prova nesse estado? – Franzir o cenho e Nicole pareceu pensativa. Depois, negou com a cabeça.

Pelo menos ainda devia restar um minúsculo fio de consciência ali.

— Onde tá o cartão do quarto? – perguntei.

— No bolso de trás.

Certo...

Pesquei o cartão magnético com um pouco de dificuldade, já que Nicole não parava de se mexer em uma mistura de lamúria e comentários bêbados.

Assim que entramos no quarto, acendi as luzes.

Ela semicerrou os olhos, parecendo confusa sobre onde estava. Se ela dissesse que não lembrava o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próprio nome, eu poderia acreditar.

Suspirei fundo.

Não devia ter deixado ela beber daquele jeito.

— Vem, vamos deitar. Você precisa dormir. —
Comecei a levá-la até a cama.

Nicole me encarou com a mesma expressão de quando éramos crianças. Estripulia e sagacidade percorrendo as íris castanhas-esverdeadas.

— Não quero dormir — bradou, abrindo um sorriso largo.

— Mas vai — avisei, me aproximando.

Ela começou a dar pulinhos para trás, fugindo de mim.

— Foguinho, facilita meu trabalho, vai. — Passei a mão pelo cabelo.

— Não tô com sono. — Um biquinho fofo surgiu na boca dela. Não consegui deixar de sorrir com a lembrança dela fazendo aquela mesma cara quando sua mãe dizia que não podíamos abrir os presentes antes do Natal.

— Você vai acordar destruída amanhã. Sabe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disso, não sabe? Sua ressaca vai ser monstruosa. —
Arqueei uma sobrancelha.

Ela arregalou os olhos e, de repente, sorriu travessa ao avistar o garrafa de champanhe no balde em cima da mesa.

— Se eu continuar bebendo, não terei ressaca.

Ai Deus...

— Nã-nã não! Chega de bebida pra você por hoje —
— avisei, chegando até ela em três passos largos. —
Talvez pelo resto da vida.

Enlacei sua cintura e ela disse meu nome em um gritinho agudo. Joguei Nicole na cama no segundo seguinte.

— Onde tá a sua nécessaire de remédio? —
perguntei, vasculhando sua bolsa. Ela ia precisar de aspirina com certeza. — Esquece, já achei.

Peguei a bolsinha azul e separei dois comprimidos e um copo de água em cima do criado-mudo ao lado da cama.

— Toma isso quando acordar amanhã — pedi, sério.

O biquinho dela tremeu.
PERIGOSAS ACHERON

Eu ri.

— Não faça tanto drama, foguinho.

— Eu tava me divertindo – ela murmurou embargada.

— Tudo é divertido quando se está bêbado.

Ela soltou uma lufada de ar.

— Não vou dormir. – E cruzou os braços no peito.

Anotei mentalmente que Nicole bêbada virava uma criança de cinco anos.

— É mesmo? – Torci a boca, tentando segurar o riso, dos bocejos que ela tentava segurar. Ela ia cair no sono já.

— É, sim.

— Bom, tudo bem – dei de ombros. – Eu vou.

Comecei a andar para longe da cama. Tinha certeza de que assim que apagasse as luzes, ela derreteria na cama e só acordaria na manhã seguinte. Como se um mamute a tivesse atropelado, claro, mas faz parte...

— Boa noite, fogui... – tentei dizer, porém quem

estava sendo atropelado por um maldito mamute era eu. — O que diabos você tá fazendo? — questionei, tentando tirar Nicole das minhas costas.

Suas pernas estavam enlaçadas na minha cintura, o corpo prensado em minhas costas e os braços rodeando meu pescoço.

— A noite é uma criança! Vamos fazer alguma coisa, Guido — ela falou, mordiscando minha orelha.

Um arrepio esquisito percorreu minha espinha e não pensei muito bem quando joguei a nós dois na cama para que ela me soltasse.

— Isso foi divertido! O mundo parece que tá girando ainda mais agora. — Nicole gargalhou.

E então parou.

Seu rosto ficou verde e os olhos arregalados.

— Ai, merda! — falei antes de vê-la pular da cama e correr para o banheiro.

Não demorou nem dois segundos para ouvir o barulho dela colocando as tripas para fora. Joguei as pernas para fora da cama e corri até o banheiro.

Soltei o ar pela boca e não demorei para encher

PERIGOSAS ACHERON

minhas mãos com os cabelos ruivos, levantando-os acima da cabeça dela.

— Obrigada — ela murmurou, antes de vomitar mais uma vez.

— Quando você falou sobre passar a noite abraçada à uma privada mais cedo, achei que estava só brincando. Quem diria que você ia levar isso a sério, hein.

— Não enche — ela resmungou, mas seu corpo tremeu pelo que parecia uma risada.

A ironia do destino era ótima.

Assim que os espasmos acabaram, Nicole elevou o rosto. Ajudei minha amiga a se levantar e entreguei a ela a escova de dente com pasta. Ela escovou meio desengonçada e enxaguou a boca.

— Você tem razão, bebi demais. — Ela suspirou, cansada. Não estava totalmente sóbria ainda, mas com certeza parecia melhor do que há alguns minutos.

Ou foi o que pensei antes dela...

— Nicole, o que você tá fazendo? — Virei de costas no instante em que a blusa dela passou pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça e caiu no chão do banheiro.

— Preciso de um banho, me sinto suja — explicou, a voz afetada, e eu ouvi o som de sua calça sendo aberta.

Meu coração disparou. Culpa dos hormônios, com certeza.

— E não podia ter avisado antes? — retruquei. — Não sou obrigado a te ver pelada, cacete.

— Eu também não deveria ser obrigada a ver você de cueca em uma escada de emergência, mas fazer o que, né?

O barulho do chuveiro atraiu minha atenção.

— Não dá pra esperar eu sair? — Mas minhas pernas nem se mexeram. Eu era um hipócrita.

— Você já me viu tomando banho antes. — Sua voz era arrastada, um pouco... sexy.

— É, só que eu tinha dez anos! — E você não tinha peitos!

Passei as mãos no cabelo de forma nervosa.

Por Deus, eu jamais iria conseguir tirar a imagem dela com aquele sutiã branco rendado da cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, porra, era a Nicole!

Certo... era *só* a Nicole. E eu estava cheio de hormônios porque achei que ia transar com a Viviane e vou acabar passando a noite sozinho, provavelmente com a minha mão.

Não tem nada a ver com a Nicole. Nada. Absolutamente nada.

Repeti aquilo como um mantra até que meu corpo esfriasse. Ele estava irritantemente quente. Pelo vapor do chuveiro, é claro. Por nenhum outro motivo. Nenhum!

O som da água caindo cessou e eu engoli em seco.

Por que diabos eu ainda estava no banheiro? Por que minhas pernas não se mexiam como deveriam?

— Guido.

— Quê? — Minha voz saiu mais alta do que eu gostaria.

— Mala. Pijama. — Ela falava de forma tão lerda e exausta que temi que dormisse dentro da banheira.

— Tá, espera aí. — E saí, deixando a malinha de
PERIGOSAS ACHERON

mão na porta enquanto Nicole se vestia.

Achei mais sensato ir para a varanda esperar. A brisa fresca da noite me traria alívio e me ajudaria a esquecer a porcaria esquisita que aconteceu comigo agora há pouco.

Só uma mistura maluca entre hormônios e expectativas frustradas.

Nada mais.

— Tô pronta — a voz de Nicole atrás de mim era sonolenta. O cheiro de sabonete se misturou com o cheiro do mar e confundi meus sentidos.

Passei as mãos pelo rosto e virei para vê-la, me arrependendo no mesmo instante.

Sua camisola era fina, curta e levemente transparente. Nenhuma margem para a imaginação.

E ela não usava sutiã algum agora.

Putaquepariu.

— Credo — ela resmungou, revirando os olhos. — Nem quando a gente perdeu o BV juntos você fez essa cara feia pra mim.

— É melhor você ir dormir logo — segurei seus

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros e a coloquei de costas para mim, deletando a imagem dos seios redondos e naturais.

Para meu alívio, ela pareceu aceitar o cansaço e se acomodou na cama.

— Você lembra disso? — ela riu baixinho. Os olhos tentando se manter abertos sem muito sucesso.

— Disso o quê? — perguntei, cobrindo-a com o cobertor.

— De quando a gente se beijou pra treinar só pra não fazer feio com as outras pessoas. — O canto de sua boca se ergueu de uma maneira nostálgica.

— Lembro. — Mas não queria lembrar. Não naquele momento constrangedor.

— Foi nojento — ela riu.

Eu a acompanhei, mas era de nervoso.

— Foi. — Foi?

— Você é o meu melhor amigo, Guido. — O sorriso se desfez, dando lugar à uma expressão pacífica e relaxada. — Obrigada por cuidar de mim sempre que precisei — ela sussurrou antes de cair em um sono profundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E eu fiquei ali, me sentindo um idiota traidor, esfregando a testa com força. Um sentimento amargo de culpa me consumindo.

Eu era mesmo seu melhor amigo. E ela, a *minha* melhor amiga.

Nunca fomos mais do que isso, nunca sequer cogitamos essa possibilidade.

Porque era errado e não fazia sentido. Porque éramos nós.

Porque ela era Nicole. A mesma Nicole que cresceu comigo, que é como a irmã que nunca tive. E meu pau *não* deveria pulsar por vê-la seminua.

Suspirei fundo, sentindo o vento frio da varanda preencher o cômodo. Era melhor que eu fosse para o meu quarto dormir também e esquecer aquela merda toda.

O amanhã traria um novo dia e seríamos os mesmos amigos de sempre.

Um sentimento de alívio me atingiu com aquele pensamento. Era melhor assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 2)

Minha cabeça dói como o diabo e meu corpo está pesado como chumbo.

Flashes da noite anterior trazem físgadas ao meu cérebro e tudo parece confuso, embaçado. Não me lembro de muita coisa, na verdade.

Porcaria! Jogo idiota. CS Composto é o cacete!

Essa brincadeira maldita deve ter sido inventada quando o Diabo e as almas penadas dos políticos corruptos estavam no tédio lá pelo inferno e querendo encher o cu de álcool.

Mas ao contrário deles que são seres imortais, demoníacos e acostumados com todo tipo de droga ilícita, eu tinha apenas um estômago fraco e zero costume de beber.

PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que, depois de tanto tempo sem encher a cara daquele jeito, eu já deveria saber que ficaria destruída.

Destruída... acho que me lembro de Guido falando algo a respeito.

Certo, ele me trouxe até o quarto. Lembro vagamente dele segurando meu cabelo.

Depois, acho que entrei no banho ou algo assim. Sim, foi isso. Guido reclamou de alguma coisa sobre não ser obrigado a me ver de sutiã e calcinha.

Mordi uma bochecha, um pouco constrangida. Mas é foda, uma pessoa bêbada e vomitada só quer tomar um bom banho.

E provavelmente nem me liguei que ele continuava no banheiro.

Estava desesperada demais pela sensação de me sentir limpa de novo que ignorei todo o resto.

Independentemente disso, estalei a língua, o ego levemente ferido.

Tudo bem me ver como uma irmã, mas não precisava deixar tão claro o quando me achava feia e desprezível. Ridículo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esfreguei o rosto, me sentindo tão exausta que poderia passar o dia na cama, absorvendo aquela ressaca diabólica.

Será que depois daqui ele foi para o quarto ou voltou para continuar a jogar com o trio? Ou, mais especificamente, jogar algo com Viviane. Do jeito que apaguei, eles poderiam ter feito uma suruba com rave no quarto ao lado que eu sequer ouviria.

Caralho, como minha cabeça latejava!

Forcei meus olhos se abrirem, mesmo que fosse apenas um filete. A luz que vinha da varanda fez tudo girar e doer ainda mais.

Soltei um grunhido que mais poderia ser comparado a um rugido de um dinossauro mórbido e tentei abrir os olhos mais uma vez. Inspirei fundo, o estômago estava sensível. Consegui ver o copo de água e os comprimidos no criado mudo ao meu lado.

Por um segundo, perdoei Guido pela cara feia.

Pesquei os remédios e tomei os dois de uma vez, rezando para que algum milagre divino fizesse com que o efeito fosse imediato.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quase uma hora depois eu pelo menos me sentia bem o suficiente para me levantar. O enjoo já estava bem melhor, apesar do meu cérebro ainda se sentir esmigalhado por uma bigorna. Chequei meu celular e não foi surpresa nenhuma ver o pontinho do sinal zerado.

Já passava das dez da manhã e pensei que um café forte pudesse me ajudar com a ressaca.

Fui até a varanda e apoiei as mãos na sacada, inspirando fundo. A brisa era fresca e o cheiro de sal e mar me trouxe tranquilidade. Foi um sentimento bom, apaziguador.

O sol estava forte e o clima agradável.

Olhei minhas mãos. Eu poderia facilmente ser confundida com uma estátua de cera de tão branca. Passar a tarde pegando uma corzinha em alguma espreguiçadeira me pareceu uma ótima ideia.

Coloquei um biquíni vermelho com detalhes brancos, um short jeans e uma camisa branca de gola V. No rosto, enfiei um óculos escuros, até porque a luz machucava minha vista.

Ressaca dos diabos!

PERIGOSAS ACHERON

Com os cabelos penteados e os dentes escovados, saí do quarto, parando em frente à porta do Guido.

Bati três vezes. Nenhuma resposta.

Bati de novo. Nada.

Já devia ter ido tomar o café da manhã e achou melhor me deixar dormindo. Foi uma boa decisão.

Sem pressa, fui até o restaurante self-service do último andar, me servindo de um copo cheio do líquido escuro. O cheiro quente e característico fez meu estômago se acalmar e meus sentidos despertarem. Bebi com calma, sem pressa. A última coisa que eu queria era colocar tudo para fora na primeira oportunidade.

Comi alguns biscoitos de água e sal com manteiga apenas para não desfalecer a qualquer momento e fui direto para a área da piscina.

Seria legal curtir uma hidromassagem também, pensei comigo mesma.

Fiquei animada assim que vi que uma delas não estava tão cheia. Tinha apenas três pessoas, então isso queria dizer que caberiam mais outras três.

Isso teria sido ideal se eu não reconhecesse quem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava naquela banheira gigante cheia de bolhas.

Guido.

Com Viviane e Paloma grudadas nele.

Como um impulso, coloquei as mãos na boca e estagnei no lugar. Eles estavam há uns três metros de mim. Perto demais. Poderiam me ver.

Droga!

Já tinha estragado a noite do Guido, não queria estragar também a manhã.

Os três riam de alguma coisa e as garotas passavam as mãos nos ombros dele. Contato físico, como ele me disse no dia anterior, era uma das lições sobre como mostrar interesse.

E, Jesus, elas estavam realmente bem interessadas em sentar nele.

Guido parecia bastante satisfeito.

Balancei a cabeça.

Tarado...

Mas eu não poderia atrapalhá-lo. Não de novo.

Por isso, girei sob os calcanhares, decidida e me afastar antes que me vissem. Só que...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aaaaaah! – E tchibum!

Eu estava na água. Na piscina.

Braços agarraram minha cintura e me ajudaram a emergir.

Meus pulmões batalhavam para sugar oxigênio, ofegantes.

— Você tá bem? – Dois olhos verdes me encaravam, preocupados. A voz era familiar.

Abri os olhos, ainda controlando a respiração. Acabei engolindo água no processo de susto pela queda e o sal arranhava minha garganta. Desejei imensamente que a piscina fosse de água doce, mesmo que o gosto de cloro também não fosse tão agradável.

— Nicole? – Yuri chamou. Assenti freneticamente com a cabeça.

— Tô bem. – Tossi. – Tô bem.

E só então percebi que nossos corpos estavam colados. Ele não vestia camisa. Apenas uma bermuda verde com detalhes pretos.

— Cacete – ele começou a rir, divertido. – Que susto que você me deu quando esbarrou em mim.

PERIGOSAS ACHERON

Merda! A culpa tinha sido minha, não é mesmo? Eu me virei rápido demais, sem me ligar que tinha alguém bem atrás. Nossos corpos se chocaram e no segundo seguinte eu estava dentro da piscina.

Que vergonha!

— Foi mal mesmo! – pedi, sem graça.

— Relaxa, não foi nada – respondeu. E nossos olhares se cruzaram. O sorriso que surgiu em seu rosto estava cheio de malícia e acho que ele se aproximou um centímetro antes de ouvir um outro “tchibum” bem atrás de mim.

— Porra, Nicole, não me assusta assim. – Era Guido.

Yuri tirou as mãos da minha cintura no mesmo instante.

Tive uma crise de tosse. A sensação de queimação na garganta ainda incomodava para cacete.

— Vem, vamos sair da água – Guido disse, se aproximando e me erguendo pela cintura. Sentei com as pernas cruzadas na beirada da piscina. Guido e Yuri fizeram o mesmo, cada um de um

lado.

— Engoliu muita água? Como tá a ressaca? — meu melhor amigo perguntou, afagando minhas costas.

— Engoli um pouco só. — Tossi de novo e Guido arqueou uma sobrancelha. — Vou ficar bem.

— É melhor você se secar e tomar um copo de água — Yuri interveio, se levantando. Guido fez o mesmo.

Ambos ofereceram a mão para me ajudar a levantar. Os dois se olharam de soslaio.

Suspirei fundo, percebendo que estava no meio de algum tipo esquisito de luta por território.

Peguei uma mão de cada um e rapidamente estava de pé.

Olhei para a hidromassagem que Guido estava antes. Viviane e Paloma estavam de pé na banheira. Fiz um joinha com a mão, sinalizando que estava tudo bem. Elas voltaram a se acomodar em seus lugares, conversando entre si agora.

— Vamos pegar uma toalha e tomar alguma coisa? — Yuri perguntou e vi a boca de Guido se

PERIGOSAS ACHERON

abrir. Ele ia se oferecer para ir comigo como o bom amigo que era.

— É uma boa ideia – respondi, oferecendo um sorriso que dizia “me desculpa e obrigada” ao mesmo tempo. Toquei o antebraço de Guido, um pouco acima da tatuagem. – Pode voltar para as meninas, tá tudo bem. De verdade.

Vi ali, nos olhos castanhos, que ele estava indeciso sobre o que fazer. Uma confusão mental sobre me deixar sozinha ou não com alguém que aparentemente ele não ia muito com a cara.

Yuri pareceu nos dar privacidade, se afastando alguns passos enquanto torcia o tecido da bermuda.

— Fica tranquilo, tô sóbria e raciocinando muito bem – falei baixinho para que apenas Guido me escutasse.

Ele torceu a boca e estalou a língua.

— Se ele tentar qualquer merda inapropriada, dê uma joelhada nas bolas. – Seu tom era sério e a expressão carrancuda.

Acabei rindo e não contive o impulso de lhe dar um pequeno tapa no peito rígido, só então

prestando atenção no fato de que ele também usava apenas uma bermuda vermelha e nada mais.

— Ih, estamos combinando – comentei, abrindo os braços.

Minha camisa era pura transparência e estava colada ao meu corpo, o biquíni vermelho estava aparecendo com nitidez.

Guido pareceu desconfortável. O corpo enrijeceu e sua mandíbula travou. Aquela mesma cara feia da noite anterior surgiu em seu rosto.

Qual é, eu não podia ser tão repugnante assim, certo?

Bufei em resposta, atraindo seu olhar. Ele piscou algumas vezes e voltou à expressão descontraída de sempre.

— Que foi, foguinho? Treinando pra soltar as chamas pela boca? – brincou.

— Engraçadíssimo você – revirei os olhos.

— E aí, bora? – Yuri perguntou, se aproximando.

— Bora.

Mas Guido fechou a cara e revezou o olhar entre

PERIGOSAS NACIONAIS

mim e as garotas que agora o chamavam para retornar à hidro.

Dei um tapa de leve em suas costas e pisquei antes de dizer:

— Se elas tentarem qualquer merda inapropriada, diga que os poros delas são enormes.

E então saí. Os pelos de minha nuca se arrepiando com a risada cheia de vida de Guido atrás de mim.



— Aqui. — Yuri estendeu uma toalha branca felpuda com a logo do cruzeiro enquanto esperávamos nossa bebida no bar lateral da piscina.

— Valeu! E sem amigos babacas hoje? — perguntei.

— Não dormiram no quarto ontem. Devem ter encontrado garotas loucas o suficiente para passar a noite com eles — balançou a cabeça em negativa.

— Tem louco pra tudo nesse mundo — ergui um ombro e Yuri assentiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei a toalha pelo tronco, mas com aquela blusa molhada não adiantaria nada. Acabei tirando ela e o short e esticando numa cadeira ao lado. Aproveitei para me enrolar na toalha enquanto passava os dedos nos cabelos completamente embaraçados.

Yuri secou o que pôde dos fios loiros, que mais pareciam dourados embaixo do sol, e sorriu.

— Acordou bem hoje? Você sabe, depois da bebedeira de ontem...

— Nossa, não! Acordei me sentindo um lixo ambulante – falei, sorrindo amarelo. – Mas obrigada por se preocupar e por se oferecer ontem também.

— Não foi nada, mas acho que seu amigo não gosta muito de mim – comentou, pensativo.

Acenei com a mão, torcendo a boca.

— Ele me vê como a irmãzinha que precisa ser protegida, não é nada pessoal.

— Posso entender. Eu tenho uma irmã mais nova também – ergueu os lábios em um meio sorriso. – Mas e você? Tem algum irmão de sangue?

Neguei com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filha única.

Yuri assentiu e o moço do bar apoiou nossos sucos no balcão.

Foi um enorme alívio sentir o gosto de laranja fresca e gelada descer a garganta, mandando embora quaisquer resquícios de água salgada.

— Posso te perguntar uma coisa? – Yuri perguntou, parecendo indeciso.

— Manda. – Voltei a sugar o líquido alaranjado pelo canudo.

— Você é escritora ou algo assim?

E... engasguei. É claro que engasguei!

Merda.

Acho que Yuri percebeu o terror em meu rosto, pois logo apoiou o próprio suco no balcão e arregalou os olhos.

— Foi mal, não queria te deixar nervosa. – Começou a bater em minhas costas. – É que as garotas de ontem falaram algo sobre você ser romancista e tal, aí fiquei curioso.

A tosse passou e inspirei fundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada – agradei pelos tapinhas nas costas e apoiei o copo quase vazio ao lado do dele. – Hã... bom... é, mais ou menos isso.

Eu já fui escritora, sim. Se eu era atualmente?

Isso eu já não sabia responder.

— Parece legal – comentou, oferecendo um pequeno sorriso. Seus olhos verdes pareciam brilhar e eu não duvidaria que ele começasse a fazer mais perguntas sobre o assunto, então me adiantei.

— E você? Faz o quê? – Isso, Nicole, boa defensiva! Perguntar dele para ele não perguntar de você. Apesar de que... de acordo com as lições de Guido, isso poderia dar a entender que eu estava interessada e...

E eu estava?

Bom... talvez. Yuri parecia legal e era inegavelmente bonito. Aqueles braços fortes eram bastante atraentes, eu não podia negar. Minha boca secou com a lembrança dele me segurando na piscina.

— Trabalho na fábrica de colchões do meu pai –

PERIGOSAS NACIONAIS

explicou, pegando o suco e bebendo o resto. – Consegui um ingresso para o cruzeiro por causa disso.

— Os colchões dos quartos...

— Sim, são da nossa fábrica – ele assentiu, mostrando um pequeno sorriso. – Alguma reclamação que eu deva anotar?

— Não. Definitivamente, não. Tirando a ressaca, acordei muito bem. Meu corpo agradece – brinquei.

Yuri abriu o sorriso. De orelha a orelha.

— Gostei do biquíni – apontou com o queixo. – Fica bem em você.

Olhei para baixo e acho que corei. A toalha tinha descido e eu nem percebi que agora estava presa só na minha cintura.

— Na verdade, acho que qualquer coisa ficaria bem em você.

— Ah, valeu. – Sorri sem jeito pelo elogio inesperado. E minhas bochechas deviam estar da cor da estampa. – E... que tal a gente pegar um pouco de sol? Tava querendo me bronzear um pouco, tirar a cor de defunto.

PERIGOSAS ACHERON

Ele riu, assentindo, e sua mão tocou a base da minha coluna enquanto voltávamos para a área central da piscina.

Avistei Guido na hidromassagem, os braços estendidos na borda da banheira. Viviane de um lado, Paloma do outro.

Ele tinha uma expressão safada no rosto. Nenhuma careta... como aquela que ele fez ao me ver de biquíni mais cedo. E olha que o meu era ainda bem mais comportado do que o daquelas duas.

Estalei a língua, ignorando o ciúmes que me atingiu. Era besteira.

Além do mais, eu estava mais atenta à mão quente do Yuri em minhas costas. Ele era realmente gentil e... bom, parecia interessado, certo?

Eu não era louca, não podia estar imaginando coisas.

— Tem dois lugares vazios ali — ele apontou com a mão livre para duas espreguiçadeiras.

— Opa, ótimo!

Mas assim que nos acomodamos nos lugares uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

música alta começou a tocar e a voz do apresentador da noite passada soou em meus ouvidos.

— Bom dia, bom dia, bom dia, tripulantes! – ele saudou, animado, com uma blusa de botões florida e uma bermuda azul. – Que tal começarmos as brincadeiras da manhã?

Urros e palmas ressoaram ao nosso redor e o apresentador sorriu de uma maneira quase diabólica para seu público.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 2)

Aquela loira maluca que me deixou de cueca no corredor fez algum tipo de magia negra contra mim. Eu tinha certeza!

Por qual outro motivo o Universo teria para simplesmente não me deixar fazer um belo de um ménage com a Viviane e a Paloma?

Tudo bem que na noite passada a culpa de eu ter dormido sozinho foi da Nicole. Porém, agora, enquanto eu era obrigado a sair da hidromassagem pelo apresentador irritantemente alegre bem no momento em que Viviane sugeriu de irmos para um lugar mais reservado, eu começava a pensar que era alguma zoeira galáctica.

— Vamos, bonito. Será divertido! — o desgraçado falou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Viviane e Paloma começaram a rir e bater palmas. Não tive outra opção além de ir atrás dele.

Menos de três minutos depois, eu estava na beirada da piscina junto com mais três caras. Yuri era um deles.

Meus olhos automaticamente procuraram por Nicole, mas nenhum sinal dela.

— Senhoras e senhores, especialmente senhoras, o que acham de darmos uma apimentada nesse cruzeiro?

Gritos femininos agudos quase me deixaram surdo. Viviane e Paloma batiam palmas no ar e apontavam para mim, gritando “gostoso” e coisas do tipo.

Dei a elas o meu melhor sorriso sem-vergonha, apenas para que lembrassem dos nossos planos para depois de qualquer que fosse a palhaçada que eu seria obrigado a fazer na frente daquele monte de gente.

— Muito bem, muito bem! — o apresentador disse. — Minha querida amiga e parceira do entretenimento aqui já buscou as nossas voluntárias

PERIGOSAS ACHERON

do dia. – E apontou com o polegar para trás de nós.

Então me virei, apenas para encontrar Nicole sentada entre cinco garotas em cadeiras de plástico.

Franzi o cenho em sua direção. Ela só sorriu, dando de ombros.

— Nossas voluntárias já sabem o que esperar, mas acho que os rapazes ainda não – a apresentadora brincou, fazendo um biquinho forçado.

— Não seja por isso! – o cara que nos recrutou disse. – Meninos, vamos lá, é muito simples! Tudo o que vocês precisam fazer é seduzir essa garotas bonitas – esticou a mão para mostrar as quatro voluntárias. – Colocaremos uma música bem sensual e deixaremos que façam o seu trabalho. Elas poderão tocá-los, mas somente se o participante permitir e sempre do tronco para cima, viu, meninas?

Um coro de uivos dominou o local. Os apresentadores riram em cumplicidade.

— Também não será permitido falar, de nenhuma das partes – a mulher avisou. – No final, o nosso

querido público decidirá quem será o vencedor na arte de sensualizar.

— E molhar calcinhas – um dos homens ao meu lado gritou, umedecendo os lábios e piscando na direção das garotas.

Putá merda, devia ser um depravado dos grandes.

— É claro que, caso queiram desistir de participar, agora é o momento – o apresentador disse.

Encarei Nicole, esperando que ela levantasse a mão e desistisse, mas não. A bonitinha ficou ali sentada, com uma feição meio animada e as mãos ansiosas para tocar todos aqueles caras.

Porra.

— Porém – a mulher do entretenimento começou, parecendo misteriosa. – O participante que vencer o desafio, ganhará ingressos para o grande show de Tango com churrasco argentino que terá na primeira noite em que pararmos em Buenos Aires.

Opa, aí vejo vantagem.

Nicole pelo visto também, pois sorriu em minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

direção como se acreditasse que o prêmio seria meu, apesar de sentir meu ego ferido quando ela olhou Yuri de soslaio e mordeu o canto da boca.

Encarei meus concorrentes: o depravado esquisito, um magrelo que parecia desesperado e Yuri. Bom, ele era malhado e tinha aquela carinha de bebê que fazia as garotas suspirarem.

Tudo bem. Eu podia lidar com aquilo.

— Todos prontos? — o apresentador perguntou para nós. Yuri e eu assentimos. O depravado deu um grito de guerra e o magricela começou a suar frio.

Eu não era do tipo que gostava dessas situações comprometedoras, mas eu queria aquele prêmio e sabia que minhas chances de ganhar eram altas. Então... por que não?

Além do mais, eu estava ali para viver toda a experiência, não estava? Para criar boas lembranças e curtir o momento.

— Então, vamos começar! — Ele fez um gesto para que nos aproximássemos das garotas e mexi os braços e pernas para aliviar a tensão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O apresentador ergueu a mão para cima e a música surgiu.

Era aquela *Pony* do Ginuwine, que ficou famosa depois do filme Magic Mike. Sei disso porque fui obrigado a ver esse filme quando Nicole ganhou na aposta de quem comia mais torta e ficou com a posse do controle remoto em um Natal que passamos juntos alguns anos atrás. Tradição de família e tal.

— Não sejam tímidos, meninos – a apresentadora disse e percebi que o depravado já se aproximava de Nicole.

Merda!

Senti Yuri se movimentar no mesmo instante que eu, mas minhas pernas foram mais rápidas e eu ultrapassei o depravado, parando de frente para Nicole.

Ele riu e balançou a cabeça, fazendo gestos com as mãos no ar, me incentivando a dançar.

Merda dupla.

Olhei para trás. Muita atenção sobre mim. Mas... churrasco argentino. Eu queria. Droga, queria

PERIGOSAS ACHERON

muito.

Então, puxei das profundezas da minha mente as poucas cenas que me lembrava do Channing Tatum naquele filme maldito e ondulei o corpo.

Os gritos foram instantâneos e eu comprimi os lábios. Nicole alargou o sorriso, rindo e acenando com a cabeça em aprovação.

Tudo bem, eu conseguia fazer isso. Era só a Nicole. Só eu e ela.

Foquei minha atenção nela. Eu só precisava fingir seduzi-la, certo? Não é como se eu não estivesse acostumado a isso.

Continuei me mexendo. As pernas, o quadril, o tronco. Os gritos aumentaram e não consegui não rir.

Que porra brega do cacete!

Nicole se remexeu desconfortável na cadeira e por um segundo gostei daquela reação. Como uma pequena vingança pelo que ela fizera comigo ontem à noite. Pelo jeito ridículo que me deixou quando...

Minha boca secou com a lembrança daquele maldito sutiã branco rendado.

Minhas mãos tomaram vida própria e pegaram as dela, colocando em meu peito. Ela arfou, suas unhas se cravaram em minha pele. A sensação foi melhor do que eu podia imaginar.

A música continuava e os gritos femininos às vezes tentavam se sobressair. Mas eu só conseguia prestar atenção nela, me tocando, me olhando.

O que diabos tá acontecendo?

Balancei a cabeça, espantando aquelas ideias aleatórias. Eu precisava me concentrar naquele teatro, em ganhar a competição e encher minha barriga com a melhor carne do mundo.

Então, como se o próprio Channing Tatum tivesse encarnado em minha pele, eu me senti confiante e determinado.

Foda-se. Simplesmente foda-se.

Coloquei as pernas ao redor de Nicole, ainda me movimentando, fingindo que meu corpo era uma onda ou qualquer merda assim. Fingi que iria sentar em seu colo e ela riu. A desgraçada estava mesmo se divertindo.

Segurei seu queixo, nossos olhos se cruzaram por

um breve segundo antes de me afastar alguns centímetros.

Ela arranhou todo o meu abdômen em uma tortura lenta e um frio percorreu minha espinha.

Porra. Não era eu quem tinha que seduzir ela e não o contrário?

Levantei uma perna e parei ao lado dela, indo para detrás da cadeira. Era mais seguro assim.

Coloquei meus dedos em seus cabelos e girei sua cabeça. Minhas mãos desceram por seus ombros e braços. Ela os levantou, como se quisesse me tocar. Eu também queria que suas mãos me tocassem. Muito.

Nicole pendeu o rosto para trás, encostando a cabeça em minha barriga. Sua boca estava entreaberta, os lábios vermelhos e um pouco inchados, como se ela os tivesse mordido.

Minha garganta começou a coçar.

E então ela sorriu, daquele jeito travessa que eu conhecia desde pequeno.

Balancei a cabeça em negativa. Não conseguia continuar. Meu corpo travou, mas acho que ela não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

percebeu. Nem ela nem ninguém, pois a música acabou e os apresentadores pediam salva de palmas aos participantes.

Graças a Deus!

Não prestei atenção na performance dos outros três, mas quando ficou apenas eu e Yuri conforme os apresentadores pediam para a plateia escolher um de nós, me senti satisfeito quando os gritos com o meu nome se tornaram mais altos.

— Pelo visto temos o nosso ganhador! — o apresentador bradou, batendo em minhas costas. — Parabéns, garoto! Mandaremos os ingressos para a sua cabine.

Recebi um aperto de mão dos outros concorrentes e meus olhos acompanharam Yuri quando ele foi abordado por outros dois caras que pareciam ser seus amigos.

— Que merda hein. Mas quem sabe a ruivinha não te dê algum conforto pela sua perda. Aquela boquinha deve fazer um trabalho dos bons — um deles falou, erguendo um canto da boca.

Meu sangue ferveu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Yuri se virou em minha direção, percebendo que eu tinha ouvido o comentário porco, e sorriu.

O babaca sorriu. Como se *ele* fosse o vencedor.

— Você deveria comemorar sua vitória com as garotas – falou para mim, apontando com o queixo Viviane e Paloma que acenavam para que eu voltasse a me juntar a elas.

É, eu deveria...

Mas Nicole olhou para mim e em seguida para Yuri. Ele empurrou os amigos para que fossem embora e um deles desejou “boa sorte” enquanto ele deu um passo na direção dela.

Boa sorte o caralho, esse foi o meu pensamento antes de ir até ela às pressas e falar:

— Bora almoçar? Tô morto de fome.

— E as garotas?

— Minha fome de comida é maior.

Ela assentiu, rindo baixinho, e acenou para Yuri em despedida.

O sorriso vencedor que ele tinha no rosto morreu na mesma hora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 2)

Eu sabia que o Guido devia ter um bom sexy appeal pela quantidade de garotas que caíam aos seus pés, mas eu definitivamente não estava preparada para *aquilo*.

De uma maneira muito estranha, senti meu corpo inteiro se arrepiar. Uma reação que eu não conhecia até então. Talvez por nunca ter... bem, um homem se esfregando em mim daquele jeito.

O toque das suas mãos era quente em minha pele e aquele abdômen definido tão perto de mim fez coisas esquisitas passarem em minha cabeça. Por um segundo, esqueci completamente que era Guido.

Esqueci completamente quem *eu* era.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ou onde estávamos.

Ou o que éramos.

Então eu o toquei. Simplesmente porque quis, simplesmente porque podia. E ele pareceu... gostar.

De repente, uma voz de alerta ressoou em meus ouvidos.

Era como se eu estivesse entrando em um terreno perigoso, quase mortal. Culpa dos hormônios, claro. Eu precisava transar. Com qualquer outro cara que não ele, óbvio.

Afinal, era o Guido. *Só* o Guido.

Por isso, engolindo em seco, espantei aquela sensação desconhecida para longe.

Passei os segundos seguintes levando tudo aquilo na brincadeira que era. Ele estava se esforçando para ganhar os ingressos e eu tinha certeza de que o prêmio já tinha seu nome.

O mais engraçado é que aquela dança me lembrava muito do Channing Tatum em Magic Mike e agora tudo o que eu conseguia pensar era se ele tinha realmente prestado atenção no filme quando assistimos alguns anos atrás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas sem dúvida alguma que se eu perguntasse, ele negaria até a morte.

— Então, você ganhou — comentei, enquanto chegávamos no buffet do almoço.

— *Nós* ganhamos. — Guido piscou. — Vamos nos entupir de churrasco argentino e assistir um show maneiro. O mico valeu a pena.

Ri baixinho, porque aquela dança dele estava longe de ser um mico.

Tão, tão longe...

— Hã... e o Yuri — ele pigarreou, se servindo de uma costela cheia de barbecue. — Vocês parecem bem próximos.

— Gosto de conversar com ele. O Yuri é legal. — E bonito. E gostoso. E simpático.

Já disse gostoso?

— Se você gosta de caras que parecem que vão babar em cima de você, tudo bem. — Guido deu de ombros, se servindo de batatas coradas.

— Você acha mesmo que ele tá afim de mim? — perguntei, mesmo já sabendo a resposta. Eu não era tão sonsa assim, né.

PERIGOSAS ACHERON

Porém, a ideia de ter algum tipo de comprovação me parecia... animador. Como se uma porta de possibilidades se abrisse para mim. A chance de viver alguma experiência diferente e... excitante, começava a ser muito bem-vinda.

Um sentimento de nervoso se instaurou na minha barriga. Depois daquela... humm... dança e tal, era meio impossível não sentir falta de ser tocada. Não por Guido, claro! Deus, não!

Mas Yuri parecia uma boa opção, quem sabe.

— Ele tá de quatro por você – bufou, torcendo a boca. – E por algum motivo, não vou com a cara dele.

— Isso é só implicância sua, esse instinto protetor de irmão mais velho psicopata – acusei, colocando algumas batatas no meu prato também. Porra, para quê tanta comida gostosa em um só lugar?

— É... deve ser.

Guido não insistiu no assunto. Nem eu. Mesmo que eu tenha achado estranho ele ignorar a parte do “psicopata”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas diferente de receber alguma nova provocação ou comentário sacana como eu esperava, o clima ficou... sei lá, pesado de repente.

Tentei me convencer de que foi apenas impressão e apenas o segui até a mesa de dois lugares vazia no meio do salão.

— Achei que você ia voltar pra hidro com as garotas – comentei.

— Talvez depois. – Pescou uma batata e jogou na boca. – Ou já tá querendo se livrar de mim e voltar para o carinha de bunda de neném?

Um meio sorriso sarcástico tomou o rosto do meu melhor amigo. O mesmo sorriso que ele usava quando éramos adolescentes e eu ficava vermelha quando um garoto que eu achava bonito da escola vinha falar comigo no intervalo.

O nome dele era Daniel, mas Guido carinhosamente o chamava de “carinha de quem comeu e não gostou”.

— Achei que você já tinha superado a fase dos apelidos.

Ele ergueu um ombro, continuando a comer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não respondeu minha pergunta, foguinho.

Seus olhos agora me encaravam. Tinha algo diferente nas íris castanhas que eu não soube identificar.

— Talvez eu que devesse te perguntar isso. — Suspirei. Guido franziu o cenho, confuso. — Sei lá, parece que tô te fazendo perder tempo comigo quando podia estar se dando bem com as bonitonas lá.

— Fala sério, Nicole. Vou ter muito tempo pra trepar nesse cruzeiro. Não preciso fazer isso em cada segundo que estiver aqui — ele piscou, comendo a última batata e analisando as do meu prato.

— Nem pense nisso! — avisei, séria.

Guido abriu um sorriso gaiato e precisei praticamente abraçar meu prato conforme sua mão tentava roubar uma das minhas batatinhas.

— Deixa de ser mão de vaca — falou, rindo, enquanto buscava uma brecha entre os muros que fiz com os braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem uma travessa inteira no buffet – bati em sua mão. – Sai fora.

— Mas tá tããão longe – ele fez um biquinho falso e fofo.

— Argh, tá! Mas você vai pegar a sobremesa pra mim depois – avisei, apontando o dedo em sua direção.

— Com todo prazer – e pescou não uma, mas DUAS batatinhas. As maiores ainda por cima!

— Desgraçado! – reclamei, indignada. Ele riu, me mandando um beijo cínico no ar. – Enfia esse beijo na bunda!

— Na sua?

Os pelos da minha nuca se arrepiaram e aquelas sensações completamente erradas se apossaram de mim mais uma vez.

Que porra?

— De jeito nenhum – falei, mas minha voz não saiu com tanta convicção quanto eu gostaria. – Você tem duas opções: Viviane ou Paloma. Só escolher uma delas e vai na fé.

— Ora, pra que escolher quando posso beijar a
PERIGOSAS ACHERON

bunda das duas? E fazer muito mais também. – Seu sorriso era pura safadeza.

Deus...

Minha garganta pareceu o deserto do Saara imediatamente.

— Depravado – resmunguei, me sentindo desconfortável.

Falar sobre essas coisas despertava certas... vontades.

Ok, quem era a depravada agora, não é mesmo?

— Você ficou vermelha! – apontou, rindo. – Qual é, foguinho, tá pensando em sacanagem, é?

— Ah, não me enche, Guido!

Eu podia sentir meu rosto queimar de vergonha. É, eu estava mesmo pensando em sacanagem, mas... porra, minha imaginação era fértil. O que diabos eu podia fazer?

— Que tipo de sacanagem você tá pensando, foguinho? Preliminares ou o ato em si? – ele coçou o queixo, pensativo. – Você parece do tipo que gosta de preliminares longas e torturantes. Especialmente com a língua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Guido! — exasperei, sentindo meus pulmões falharem.

Merda, eu estava ficando ofegante?

Ele gargalhou.

— Ah tá, vai me falar que não gosta de um oral?

Sua sobrancelha arqueou e a expressão em seu rosto não ajudou em nada no comichão que sentia iniciar no meu baixo ventre.

Que ridícula que eu era!

Estava com as emoções à flor da pele e um tesão dos infernos acumulado que fazia eu parar de raciocinar direito somente com o assunto sexo.

— Sei lá, não sei — murmurei, meio envergonhada, meio confusa.

A testa dele enrugou e eu sabia qual seria sua pergunta antes mesmo dele dizer:

— Como assim, você não sabe?

Meu tronco se remexeu desconfortável na cadeira dura. Já tinha feito sexo, óbvio. Afinal, namorei Marco por anos e ele funcionava. Com uma certa demora e tal, mas eu achava que era natural, sei lá.

PERIGOSAS ACHERON

Só que nem ele nem ninguém nunca tinha... hã... com a língua... lá.

— Nicole, pelo amor de Deus, ninguém nunca...?

Sua pergunta morreu no ar e minhas mãos correram para o meu rosto. Puta merda, eu estava com muita vergonha.

Claro que eu me sentia à vontade para falar de qualquer coisa com Guido. Qualquer coisa mesmo, *exceto* sexo. Sobre aquilo, nunca falamos de forma tão aberta, com tantos... detalhes.

Detalhes sórdidos demais!

— Puta merda! — ele praticamente rosnou e descobri meu rosto apenas para vê-lo bagunçar o cabelo em um ato nervoso. — Óbvio que tinha algo de muito errado com o Marco. Nem pra retribuir o favor o cara servia? Porra, que imbecil!

Achei melhor esconder o fato de que não tinha bem um favor que ele pudesse retribuir, já que eu também nunca tinha chupado um pau. Marco não parecia muito interessado e antes dele só estive mesmo com o panaca que tirou minha virgindade. Nem preciso dizer que não foi uma experiência

nem um pouco prazerosa. Até Marco durava bem mais do que um minuto e meio.

Bom, talvez fosse porque ele fechava os olhos e precisava se concentrar, o que demorava um bom tempo. Agora fico imaginando se ele estava pensando em outros caras.

Pooooorra, como me sinto uma gigantesca otária nesse momento!

— É... — Arranhei a garganta, buscando firmeza para minha voz. — É tão bom assim?

Guido me encarou como se eu fosse um alienígena. Eu não poderia julgá-lo, já que de fato me sentia como um. Mas se tínhamos entrado na porcaria do assunto, agora eu queria saber mais.

A curiosidade é uma grande bosta. Uma grande bosta irresistível.

— Claro que é. É bom pra caralho! Fazer uma mulher gozar com a boca antes de meter nela é de lei.

Ofeguei, minha imaginação brincando com meus sentidos.

Céus! Isso parecia... parecia... bom. Bom demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu cérebro travesso agora tentava imaginar como seria uma língua quente e molhada em mim, me lambendo, me chupando...

— Porra, Nicole, não faz essa cara — Guido grunhiu, parecendo aflito.

Seus olhos estavam arregalados e a boca entreaberta, puxando o ar com força. O peito largo subia e descia com dificuldade.

A vergonha retornou com força e senti todo o sangue do corpo correndo para o meu rosto.

Entrei imediatamente na defensiva e estalei a língua antes de resmungar:

— Ah, me esquece, Guido!

— Tô tentando. Tô tentando...

Acho que foi isso que o ouvi sussurrar para si mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 2)

Provocar Nicole sobre sexo oral entrou em primeiro lugar na minha lista de arrependimentos dessa vida.

Eu nem sei porque diabos toquei no assunto, apenas saiu.

Começou como uma brincadeira, só mais uma provocação rotineira. Mas a sensação que tive é que o feitiço virou contra o feiticeiro, porque quem se sentia provocado agora era eu.

Porque, quando vi, Nicole me contava que nunca tinha...

Nunca tinha sido...

Porra!

Como é que ninguém nunca passou a boca nela

inteira? Qual o problema desses homens de hoje em dia? Não consigo entender!

E a cara que ela fez logo depois... puta que pariu! Como se estivesse pensando, imaginando, provando...

Os olhos castanhos esverdeados tinham um brilho diferente, misterioso, excitante. Ela sequer deve ter percebido que passou a língua nos lábios. Mas meu pau percebeu muito bem, porque do nada ele decidiu que deveria crescer dentro da minha calça e latejar como louco imaginando coisas que jamais deveriam ser imaginadas.

Puta merda, eu estava perdido. Completamente perdido, alucinado, fora de mim. Imaginando como seria Nicole tendo um orgasmo. Ou que tipo de sons faria enquanto... Inferno!

Tentar controlar as imagens que choviam na minha cabeça foi uma das tarefas mais difíceis que já vivenciei na vida, mas o pânico de Nicole descobrir que eu estava duro só por causa daquela conversa aleatória e a expressão sexy que fez, cacete, aquilo bastava para foder toda a nossa amizade.

PERIGOSAS NACIONAIS

E eu jamais deixaria que isso acontecesse.

Existiam muitas mulheres para eu me enterrar naquele cruzeiro. Minha melhor amiga com certeza não era uma delas!

— E qual a boa de mais tarde? – disparei a primeira coisa que veio na cabeça. Precisava me distrair urgentemente.

— Tava pensando em ir no Cassino. Sempre quis brincar naquelas máquinas que roubam dinheiro.

Ela abriu um sorriso divertido e acho que meu cérebro registrou o fato de que Nicole era Nicole, a mesma de sempre, e fez meu corpo esfriar.

— Pode ser uma boa. Faz um tempinho que não testo minhas habilidades no pôquer.

— Então partiu! Prometo te dar apoio moral e te levar uma bebida quando perder todo o seu dinheiro e chorar em algum canto qualquer.

— Porra, isso só aconteceu *uma* vez e não foi minha culpa! – Mais precisamente quando meus pais viajaram para o Chile e eu chamei a galera do último ano da escola. Acabei perdendo feio porque estava muito bêbado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha acabado de fazer 18 anos e queria ter meu primeiro porre. Não foi uma boa ideia...

Nicole jura que passei a noite chorado esparramado no sofá, dizendo que meu pai ia acabar com a minha raça quando soubesse que tinha gastado toda a mesada do mês.

— Foi o suficiente pra eu nunca esquecer. Você tava ridículo demais. Ainda não acredito que não tirei nenhuma foto pra usar como chantagem. — Deu um longo suspiro, chateada.

— Você é cruel, foguinho. Muito cruel.

Ela mordeu a língua, segurando a risada.

De repente, o clima de sempre estava de volta.



Nicole avisou que eu poderia ir na frente, pois queria aproveitar um tempo na banheira do quarto com o champanhe que ganhamos de brinde. Aquilo foi o suficiente para eu me enfiar na primeira mesa de pôquer que encontrei e beber duas doses de uísque conforme os outros jogadores se acomodavam.

PERIGOSAS ACHERON

Dez minutos depois, éramos seis na mesa de pôquer revestida de courino creme, com acabamento em madeira muito bem polida. Tão luxuosa quanto aquele Cassino em si.

O lugar era enorme, repleto de dezenas de máquinas caça-níqueis, todo acarpetado em vermelho com círculos amarelos, e cheio de cadeiras com estofamento creme e detalhes pretos.

No bar central, dois *barmans* com blusa social branca e um colete preto ajustado ao corpo brincavam com coqueteleiras de um lado para o outro, dando um ótimo entretenimento para o grupo de mulheres nas banquetas altas.

Pelas vielas do Cassino, outros apostadores perdiam dinheiro nas máquinas de sorte. Os murmurinhos eram altos e as risadas nem um pouco contidas. Todos tinham um copo de alguma bebida em mãos.

O clima era descontraído, uma música ambiente praticamente passava despercebida e o cheiro era uma mistura de perfumes e lugar fechado. Um tanto quanto claustrofóbico para o meu gosto, mas, ainda assim, era melhor do que estar vidrado naquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espaço escuro da minha mente que me levava até uma banheira alguns andares acima.

— Podemos começar, senhores? – o mediador perguntou assim que mais três caras se juntaram a nós na mesa.

Éramos nove, então. Ótimo. Era o número ideal para o jogo.

Dando uma olhada ao redor, a impressão que tive era que sete deles eram amadores, sendo que quatro já pareciam estar mais tortos do que a Nicole no jogo do CS Composto e os outros três tentavam entender o jogo entre si. Os dois que restaram pareciam ter alguma experiência, já que me encaravam com o queixo erguido e um olhar sagaz.

Bom. Pelo menos eu teria alguém para me distrair.

Todos assentiram na direção do mediador e ele sorteou quem seria o Dealer.

Eu fui o sortudo da vez.

O homem de fraque e cabelos ralos entregou para mim o botão do Dealer e eu não resisti brincar com ele entre os dedos. Já havia ganhado o show com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

churrasco em Buenos Aires, uma graninha extra para gastar durante a viagem parecia ainda melhor.

Eu tinha um Rei e um Dez de paus em mãos. Na posição do Dealer são ótimas cartas!

O Small Blind e o Big Blind colocaram suas fichas no pano, só que pareciam meio perdidos sobre o que deveriam fazer.

Aquilo seria mole.

Em seguida, a mesa rodou e mais três entraram na jogada só pagando as apostas. Os dois que pareciam saber o que estavam fazendo aumentaram as apostas e, quando chegou minha vez de entrar ou recuar, o pote já tinha bastante ficha e eu não perderia essa oportunidade. Paguei.

A hora do Flop chegou e o mediador virou as três cartas para cima.

Putá que pariu!

Uma rainha, um valete e um oito, sendo que duas eram de paus. Eu tinha diversas possibilidades agora.

Precisei segurar um sorriso satisfeito que queria sair e dançar por cada cantinho daquele Cassino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora, eu poderia jogar agressivamente como gosto de fazer. Era como se a sorte decidisse que deveria andar no meu ombro como uma amiga íntima.

Aparentemente, se eu estava tendo dificuldade para transar naquele cruzeiro, em contrapartida não tinha problema nenhum em ganhar nas competições.

Uma nova rodada de apostas começou. Éramos seis apostando, mas três dos amadores começaram a suar e decidiram recuar. Aqueles dois que sobraram se mostraram confiantes e o pote praticamente teve seu valor dobrado.

Eu já conseguia até imaginar no que poderia gastar aquele bônus da noite.

Então, o Turn virou e era um oito.

Certo. Agora tem carta dobrada na mesa, mas continuo tendo boas chances.

Observei os dois jogadores que ainda participavam da partida. Um deles tinha o cenho franzido, o outro, permanecia com a expressão neutra, sem demonstrar qualquer reação.

O de testa enrugada passou, desistindo da aposta.

PERIGOSAS ACHERON

O que ficou, me encarou com cautela antes de colocar mais mil em fichas.

Retribuí com um erguer de lábios. A disputa estava mais interessante do que eu esperava considerando a mesa inicial.

Então, chegou a hora. Era minha vez, minha chance.

— Senhor. — O homem de fraque aguardava pacientemente minha resposta.

A atenção de todos estava em mim, meu estômago rebulicando de ansiedade, aquele jogo era meu.

Ou seria, se eu não tivesse olhado por acaso para a entrada do Cassino e visto Nicole caminhar até mim em um vestido preto justo demais e um sorriso largo no rosto, que não me fez analisar com cuidado a ponta da língua que meu concorrente passou pelo lábio inferior.

— Pago — murmurei, rezando para acertar minha carta.

Mas aí eu já sabia que tinha cometido um erro. Eu não fui agressivo como deveria, deveria ter

apostado mais em cima dele, que erro merda, por simples falta de atenção, por me distrair em um mísero segundo.

E quando o mediador virou o River, denunciando um outro oito, meu concorrente abaixou suas cartas com um sorriso pleno de vitória. Um perfeito Four. Eu não tinha nem chance.

Só que eu não ligava tanto assim para a derrota naquele momento.

Não quando Nicole chegou e rodeou meus ombros com o braço fino, seu perfume misturado com o cheiro de sabonete me envolvendo e a boca próxima demais do meu ouvido a ponto de fazer cócegas somente com sua respiração.

— Acho que te prometi uma bebida e um ombro amigo nesse caso, não foi? — E sorriu, cínica.

Desgraçada.

Desgraçada cruel e... linda.



— Já falei que não vou chorar, cacete — reclamei, enquanto ela me oferecia um guardanapo no bar.

Nicole mordeu o lábio inferior, segurando uma risada e se divertindo completamente com minha a irritação, crente que eu estava daquele jeito por ter perdido no pôquer, quando na verdade só estava puto comigo mesmo por... bom, por tantas coisas. Coisas relacionadas a *ela*, na verdade.

O que diabos estava acontecendo comigo? Parecia que minha cabeça e meu corpo assumiram identidades próprias e decidiram que deveriam agir como quisesse quando minha melhor amiga aparecia.

Era insano.

E perturbador.

Putá que pariu, era *muito* perturbador!

Mas foda-se, era só algum tipo de insanidade que deveria ser causada pela quantidade de sal do mar que eu andava inspirando. Essa era a única explicação plausível.

— Vai mesmo ficar a noite inteira tirando uma com a minha cara? — perguntei, arqueando uma sobrancelha.

— Tá bom, desculpa. É que eu realmente não

PERIGOSAS NACIONAIS

consegui resistir. Isso me trouxe muita nostalgia – ela ofereceu um sorriso sem mostrar os dentes. Suspirei, acenando no ar com a mão. – Vamos tomar alguma coisa?

— Você quer mesmo beber depois da outra noite?

A última coisa que eu precisava era passar por *aquilo* de novo.

E eu não me refiro ao vômito...

— Só vou beber um drink. Sem exageros e sem perder a linha.

Assenti, chamando o garçom.

Pedi mais uma dose de uísque, enquanto Nicole escolheu a bebida mais rosa e doce que eu já tinha visto na vida.

Era quase como um milk-shake versão para maiores de 18 anos.

Deus, tinha chantilly e até uma cereja no topo.

— Como você consegue beber essas coisas?

— Eu gosto – se defendeu, sugando mais da bebida pelo canudo. – Tem gosto de sobremesa e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mal dá pra sentir a vodca.

— Aí que mora o perigo – alertei.

Ela apenas deu de ombros.

Olhando ao redor, Nicole comentou:

— Nunca fui em um Cassino, mas é igualzinho mesmo como nos filmes.

— É, sim. – Virei o resto da dose de uma vez.

— E o bebezinho toparia jogar naquelas máquinas caça-níqueis comigo ou tá com medinho de perder de novo? – O bico de pura provocação que se formou em seu rosto foi irritantemente adorável.

— Se você continuar com isso, eu não respondo por mim – ameacei, mas Nicole riu.

Ótimo. Agora eu era motivo de piada.

— É mesmo? E o que você faria? Me colocaria de castigo?

Porra, eu poderia fazer muitas, *muitas* coisas com ela. Um belo de um castigo envolvendo a minha boca e minha língua por todo aquele corpo...

Não, espera! Quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Balancei a cabeça tentando expulsar aqueles pensamentos malucos e engoli em seco. Três doses de uísque eram o suficiente para me fazer perder a razão, aparentemente.

— Vamos logo — resmunguei, sentindo que minha cara tinha se transformado em uma carranca.

Nicole não comentou nada, apenas me seguiu.

Trocamos dinheiro por algumas fichas e, de repente, a Nicole de sete anos surgiu, completamente animada para brincar naqueles jogos de sorte e azar. Mais azar do que sorte, se formos ser bem sinceros.

Paramos de frente a uma máquina simples, daquelas mais antigas e tradicionais que basta puxar a alavanca e as imagens começam a rodar incansavelmente e Nicole começou a balançar as mãos e soltar lufadas de ar, como se isso fosse fazer alguma diferença no resultado final.

— O que você tá fazendo, maluca? — perguntei, tentando não rir das caras e bocas exageradas que ela fazia.

— Tentando espantar qualquer energia negativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tentando... o quê?

— Sei lá, é uma parada que a Helô falou uma vez, que se mandamos a energia negativa embora, então ficamos apenas com a energia positiva e temos mais chances de coisas boas acontecerem.

— Puta que pariu. — É, acabei rindo.

Porra, como não rir?

— Não enche, Guido — ela resmungou, fechando a cara. Levantei as mãos em defesa. — Quando eu ganhar uma bolada, quero ver se vai continuar rindo como um panaca.

— Tudo bem, então vamos fazer o seguinte... — Nicole me encarou com os braços cruzados no peito, uma expressão desconfiada e a sobrancelha perfeitamente erguida. — Se você ganhar um dólar que seja nessa máquina, eu assisto aquelas comédias românticas idiotas com você.

— Opa! Isso parece uma tortura interessante. — Seus braços foram parar na cintura e um sorriso sagaz preencheu seu rosto. — Você sabia que já tem o segundo filme de Magic Mike?

Revirei os olhos, ignorando aquela informação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inútil.

— Maaas – continuei –, só vale jogar *uma* vez.

— Humm, ok. Beleza.

— E se não ganhar nada, vai ter que me deixar escolher a sobremesa do próximo Natal.

— Porra, mas você vai pedir aquele pudim sem graça!

— Você que não sabe apreciar um bom pudim de leite – retruquei.

— Pudim de leite é um saco, principalmente quando podemos comer pavê ou mousse de chocolate.

— Essas merdas são muito doces – fiz careta. – E não é você que tá toda confiante nessa baboseira de energia aí?

— Tá, tá. Eu vou ganhar. A Helô sabe dessas paradas e tenho certeza de que consigo ganhar pelo menos alguma coisinha.

Juro que tive vontade de rir da inocência dela. Meu Deus, todo mundo sabe que essas máquinas são programadas para que a pessoa nunca ganhe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É a mesma coisa que acreditar no Papai Noel depois de reconhecer aquele tio bêbado fantasiado puxando a barba para baixo porque derrubou cerveja nela.

Em vez disso, decidi ser solidário.

— Vamos fazer o seguinte, vou ser bonzinho com você. Te dou três chances, beleza?

— Ok. Ok. Eu vou conseguir.

Nicole recomeçou aquela palhaçada toda de inspirar e soltar o ar pela boca, balançando pernas e braços no ar, proferindo algumas palavras baixinho que mais parecia uma reza.

E então puxou a alavanca.

Nada.

— Merda! – ela bradou, enchendo os pulmões e torcendo a boca. – De novo.

E... nada.

Nicole estalou a língua.

— Já consigo até sentir o gosto de pudim na boca – cantarolei.

Ela me olhou como se pudesse arrancar minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça com os dentes.

— Agora vai, tenho certeza! – Puxou a alavanca e... – PORRA!

— Você só pode estar de sacanagem... – Foi tudo o que consegui murmurar conforme a máquina soava como uma sirene e moedas começavam a jorrar como se a maldita estivesse cuspiendo tudo o que tinha dentro dela.

— EU GANHEI! PORRA, EU GANHEI! – Nicole bradou, fazendo uma dancinha ridícula, enquanto as moedas continuavam caindo pelo chão. – Pudim é o cacete! Vamos ter homens gostosos e seminus dançando enquanto nos entupimos de mousse de chocolate com sorvete de chocolate e calda de chocolate no Natal!

Caralho.

Eu ficaria diabético *e* cego antes do Ano Novo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 3 – PUNTA DEL ESTE)

Helô merecia um abraço de urso assim que eu voltasse para casa. Sempre fui um pouco incrédula com essas paradas de energia e etecetera, mas não é que a porcaria deu certo?

Agora, eu tinha cem dólares para gastar como eu bem entendesse e eu me sentia rica como a princesa de Mônaco considerando como a conversão andava absurdamente alta.

Além do mais, eu consegui evitar a catástrofe de precisar comer pudim de sobremesa no Natal.

Cacete, como o Guido pode ter um gosto tão ruim assim para sobremesa? Juro que não entendo.

E falando em Guido, guardei na minha memória a cara incrédula e retorcida que ele fez quando a

PERIGOSAS NACIONAIS

máquina começou a apitar e cuspir moedas. Aquela expressão deveria virar um meme!

O dia seguinte chegou e prometi a ele que pagaria seu almoço para ajudar a melhorar seu humor. Guido parecia um pouco preocupado com o que eu pediria para ele fazer. Eu estava pensando em fazê-lo lavar meu banheiro, mas parecia cruel demais.

Decidi deixar a decisão para depois.

Enfim, ancoramos em Punta Del Este e nos juntamos a um grupo de turismo que estava saindo do porto em direção a Punta Ballena. O guia nos levou diretamente para a Casapueblo e parecia que eu estava naquelas casinhas brancas da Grécia, mesmo que eu nunca tenha de fato ido para lá.

A arquitetura era linda, diferente, única. As paredes grossas, que me lembravam argila moldada por um tipo de gigante. Detalhes em azul escuro nas janelas e portas traziam uma calma a mais ao lugar.

A vista, então, de tirar o fôlego. Um mar extenso e brilhante nos rodeava e o cheiro de água salgada já me parecia comum.

PERIGOSAS ACHERON

O clima estava morno, agradável, e decidimos sentar para tomar um café e apreciar o local.

Fechei os olhos quando uma brisa fresca tocou meu rosto. Os raios solares esquentavam minha pele, a sensação era boa.

— Acho que esse é o lugar mais bonito que já vi — comentei, suspirando. Eu estava tão relaxada que poderia simplesmente dormir em algum canto qualquer.

Isso talvez também se desse ao fato de termos voltado para nossas cabines quase uma da manhã e termos acordado às sete.

— Aqui é bem legal mesmo — Guido respondeu, elevando o queixo para sentir o sol no rosto.

Não sei porque, mas minha atenção se fixou nele como se não pudesse evitar. Desde aquela manhã em que ele dançou no concurso na piscina, tem sido difícil ver Guido como antes. Como se... como se eu não conseguisse mais vê-lo como um... não-homem.

Merda. Isso não fazia nenhum sentido, só que eu não conseguia evitar e continuava prestando mais

atenção do que deveria em coisas que normalmente eu ignorava com facilidade.

Sua barba, por exemplo, estava para fazer, a pele do queixo parecendo um pouco áspera no maxilar marcado. Seus cabelos mexiam conforme o vento passava, transformando os fios castanhos em uma bagunça perfeita.

Nunca tinha percebido que no sol o cabelo de Guido formava algumas mechas mais claras. Era uma cor bonita, uma mistura de mel profundo com dourado.

Fiquei me perguntando quando foi que Guido virou aquele... homem. Em que momento deixou de ser o garoto magricela e desproporcional que era?

Encarei seu pescoço, descendo pela clavícula, a blusa branca em V dando uma espiada no peito largo. De alguma forma muito estranha, ele parecia... completamente proporcional agora.

— Quer um babador, foguinho? — ele perguntou de repente.

Os olhos castanhos tinham um brilho de diversão, assim como o canto da boca que estava levemente

esticado em um meio sorriso sacana.

— E por que eu precisaria de um?

— Por que você tá me olhando com a boca aberta e uma expressão bem suspeita – provocou.

Ridículo egocêntrico...

— Há há, até parece – murmurei, um pouco sem graça, porque de certo modo, eu estava mesmo olhando para ele de uma maneira... diferente. – Deixo isso para as loucas que vão pra cama com você.

— Pois saiba que elas ficam loucas *depois* que vão pra cama comigo. – E piscou, arteiro.

— Pobre mulheres que precisam lidar com seu ego do tamanho de Júpiter.

— Engraçado... – Guido sorriu, misterioso.

Estalei a língua.

— O que?

— Por um momento você pareceu muito querer ser uma delas – deu de ombros, um sorriso provocativo tomando a sua boca.

Um sorriso que causou um rebuliço no meu

estômago.

Revirei os olhos em resposta. Minha língua parecia pesada e seca demais para responder, porque, por dentro, a ideia de... de ser uma delas e provar a sensação de transar com o...

Não. Claro que não. Credo, que viagem!

Para meu alívio, o guia veio nos alertar em seguida que tínhamos apenas mais vinte minutos antes do ônibus sair. Espantei aqueles pensamentos ridículos para o buraco mais profundo do meu cérebro e me juntei a Guido na saga de tirar algumas fotos antes de partir.

— Vem, vamos tirar umas selfies também — Guido sugeriu, me puxando pela cintura e grudando meu corpo ao dele. Era quente e confortável, seu cheiro amadeirado e de homem rondando meus sentidos e me deixando um pouco alheia. — Por que não está sorrindo, foguinho? — Sua voz era baixa, quase como um sussurro, perto demais do meu ouvido. A barba por fazer pinicava minha orelha e um arrepio subiu pela minha coluna.

O que diabos era aquilo?

Forcei minha boca a obedecer e escancarei o melhor sorriso que pude. Guido tirou várias fotos, mas tudo o que eu conseguia pensar era que eu devia estar enlouquecendo pela abstinência para me sentir daquele jeito perto de Guido.

Logo Guido.

Céus, o que tinha de errado comigo?



O resto da tarde foi completamente corrida. Passamos por outros pontos turísticos de Punta como La Mano e os bairros San Rafael e Beverly Hills, que seriam os mais luxuosos da cidade.

Como prometido, paguei o almoço para Guido e ele se acabou de comer chivito e chorizo, pratos uruguaiois típicos. Eu, por outro lado, me afoguei em doce de leite e alfajor, porque a vida é muito curta para não se entupir de maravilhas açucaradas e cremosas.

De volta ao navio, Guido lembrou que tínhamos marcado aquele encontro às cegas para aquela noite. Eu já tinha até esquecido, mas assim que

lembrei, me senti um tanto aliviada e ansiosa pela experiência.

Eu só tinha tido encontros com Marco na época que estávamos nos conhecendo, mas nunca foi um jantar. Como estávamos na faculdade, não tínhamos muita grana para gastar, então normalmente íamos ao cinema ou uma cafeteria.

Pela primeira vez eu teria um encontro de verdade, daqueles com direito a entrada, prato principal e sobremesa. Talvez... talvez algo a mais.

Isso me deixou cheia de expectativas e receios. Expectativa de ter uma experiência daquelas e o receio de ser com um babaca que só pensa com a cabeça de baixo.

De qualquer maneira, tentei pensar positivo, imaginando que fosse uma pessoa interessante que estaria do outro lado da mesa no completo breu.

E mesmo que a tal pessoa ou qualquer outra não pudesse me ver, não pensei duas vezes antes de colocar um vestido vinho de um ombro só e um salto preto. Se eu ia ter um encontro de verdade, então eu queria aproveitar ele como um todo, com

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo o que eu tinha direito, me baseando, claro, em todas as comédias românticas que já vi na minha vida.

No rosto, usei um pouco de blush, delineador, rímel e um batom de um tom parecido com o do vestido.

Porra, eu me sentia ótima, um arraso.

Três batidas soaram na porta e, já sabendo que era Guido, peguei minha bolsa e fui atender. Já estava mesmo na hora de irmos.

Minha autoestima estava tão para cima – como eu não a sentia há tanto tempo –, que não consegui evitar fazer uma pose fingida sensual no batente da porta assim que a abri, apenas por diversão.

Mas no rosto de Guido não havia diversão alguma.

Os lábios estavam separados e os olhos não estavam focados nos meus, mas passeando por todo o meu corpo. De repente, meu rosto queimou e um desconforto de instaurou no meu estômago, subindo pela garganta.

Me endireitei e arranhei a garganta.

PERIGOSAS ACHERON

— E aí – falei.

— Oi. – A voz saiu baixa e rouca. Ele pigarreou, agora encarando tudo, menos eu.

Ele usava uma calça preta e uma camiseta social acinzentada, o primeiro botão aberto, denunciando um pedaço de pele do peito. As mangas estavam dobradas no antebraço, mostrando a tatuagem em um deles. Suas mãos estavam nos bolsos da frente, em uma posição descontraída. O cheiro de perfume e homem dançava pelo ar, brincando com meus sentidos.

Sexy. Ele estava sexy de verdade.

Mas... desde quando Guido podia ser... assim?

Deus!

— Hã... Vamos? – ele perguntou, mexendo no cabelo de maneira nervosa e deixando os fios naquela bagunça charmosa.

Minha boca parecia pura areia, então preferi somente menear a cabeça.

Andamos juntos pelos corredores luxuosos do navio. Os assuntos eram esparsos e aleatórios, como sobre a comida que almoçamos e o tempo

morno do Uruguai. Um clima incomum e distante, que me incomodava profundamente, rondava nós dois.

Porém, em poucos minutos chegamos ao restaurante e logo nos separaram em filas. Mulheres em uma, homens em outra.

Foi então que uma mão pousou em meu ombro e eu me virei para encarar Viviane.

— Oi, linda – ela saudou, animada. – Que bom te ver por aqui. Também tá animada com esse encontro às cegas?

— Tô sim. – E ofereci meu melhor sorriso.

— Nossa, eu dei uma passadinha pra ver a fila dos homens e... – Ela se abanou como se estivesse quarenta graus e soltou o ar pela boca. – Uau, tem muito cara gato. Inclusive... o Guido veio também?

Aí estava o que ela realmente queria saber.

— Veio, sim.

Ela abriu um sorrisinho contente.

— Espero que coloquem a gente junto. Sinto que temos uma boa química e... meu Deus, você sabe, né? Ele é muito gostoso. Fico pensando o que deve

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saber fazer com aquelas mãos fortes. – Viviane piscou um olho para mim em cumplicidade.

Assenti e sorri amarelo, tentando *não* pensar no que as mãos deles saberiam fazer.

— Sabe quem eu vi na fila também? – Seu cotovelo cutucou minhas costelas. Não consegui evitar que a curiosidade tomasse conta do meu rosto. Ela abriu um sorriso malicioso. – Aquele loirinho. Yuri, certo?

— Jura? – Ok, não consegui fingir desinteresse. Seria legal ter um encontro com o Yuri. Bem ou mal, já nos conhecíamos e eu me sentiria mais à vontade do que com um completo desconhecido.

— Sim. – Viviane alargou o sorriso. – Até a Paloma já se ligou que vocês tão naquele vai-não-vai e se arranjou com um outro carinha por aí. Quem sabe hoje as coisas não avancem, né?

Soltei uma risadinha nervosa, porque não sabia o que mais fazer ou dizer.

Para minha sorte e alívio, uma das funcionárias do restaurante veio até nós para explicar como funcionaria o jantar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de qualquer coisa, nos deram tablets para logar com nossas contas do aplicativo e responder algumas perguntas sobre preferências, expectativas e afins. Tudo fazia parte do processo de experiência da marca.

De acordo com a funcionária, nós seríamos colocadas em mesas de dois com pessoas que tinham a maior probabilidade de *match* com a gente.

Cacete, eu estava bem ansiosa. Será que eu cairia com Yuri? Seria muita coincidência.

— Olha, a fila começou a andar! — Viviane sussurrou atrás de mim, me deixando ainda mais nervosa.

Ok, Nicole, respira. Vai dar tudo certo. Vai ser legal!, eu repetia como um mantra mentalmente. Até que chegou minha vez e um garçom muito simpático me ofereceu o braço para me levar até minha mesa.

Eles não estavam brincando sobre o lugar ser um completo breu. Eu não era capaz de ver absolutamente *nada* e só torcia para não ser

PERIGOSAS ACHERON

desastrada e, sei lá, acabar tropeçando ou batendo em alguma coisa e acabar estirada no chão.

Bom, pelo menos, caso isso acontecesse, ninguém veria, certo?

— Aqui, senhorita – o moço me ajudou a sentar na cadeira macia, empurrando-a para frente conforme eu me acomodava.

Passei os dedos pela tampa da mesa, sentindo nas pontas dos dedos o tecido de linho. Os copos e pratos eram feitos de plástico, daqueles duros, mas com um formato que parecia chique. Uma boa ideia, já que derrubar um copo de vidro poderia ser problemático para limpar.

— Seu parceiro virá em breve. Aceita um copo de água enquanto isso?

— Sim, por favor. – Água seria bom. Água é bom. Talvez com açúcar fosse melhor para me acalmar.

Ouvi o som de uma jarra sendo levantada e o líquido se derramando em meu copo. Eu não enxergava nada, no entanto podia sentir o movimento ao meu redor, assim como a destreza e

o jeito delicado e preciso do homem que me servia. O fato de todos os garçons serem cegos me fez perceber o quão incríveis são por suas habilidades sem um dos sentidos e como tudo parecia tão natural.

A proposta daquele jantar era realmente interessante, pois sem ser capaz de ver um palmo à minha frente, era como se meu corpo estimulasse meus outros sentidos. Eu era capaz de ouvir os murmurinhos, o som das cadeiras arranhando o chão, os passos pelo piso duro. Todos os meus sentidos pareciam mais aguçados.

Especialmente o olfato.

Cheiros de todos os tipos. Vinho, champanhe, pão quente e recém-saído do forno, azeite, queijos, temperos. Era uma mistura agradável, rica, saborosa.

Até que eu senti.

Um cheiro que eu reconheceria de longe.

Então a cadeira rangeu à minha frente e eu preendi a respiração.

— Nicole? — Guido perguntou, tão surpreso

quanto eu.

— Sou... sou eu.

— Aceita água, senhor? – o garçom ofereceu, e só então lembrei que não estávamos sozinhos.

— Hã... sim. Por favor.

Seu copo foi enchido e mesmo que eu não pudesse vê-lo, consegui sentir que Guido virara o líquido todo de uma só vez, o som das goladas descendo por sua garganta.

O garçom pediu licença e disse que em breve voltaria com nossas entradas.

A esse ponto, eu já estava completamente confusa. Aquele devia ser algum engano. Colocar eu e Guido... Guido e eu... na mesma mesa. Como se... como se fôssemos um tipo de par perfeito.

— Quais as chances, hein? – Guido comentou, mas a risada que escapou de sua boca não era espontânea. Parecia uma mistura de confusão e incredulidade.

Ele devia estar tão perdido quanto eu.

— Né? Não acredito que meu primeiro encontro vai ser com você – murmurei, me mexendo

PERIGOSAS ACHERON

desconfortavelmente na cadeira. Ela já não me parecia tão macia assim.

— Seu... espera. O quê? — a voz dele saiu um pouco esganiçada e eu me arrependi de ter deixado aquele segredo escapar. — Como assim, seu primeiro encontro?

— Ah, deixa pra lá. — Acenei com a mão, mesmo que ele não pudesse ver.

— De jeito nenhum! — retrucou. — Você nunca saiu num encontro? Isso não faz o menor sentido, Nick!

Droga! Por que eu fui abrir a porcaria da minha boca?

Praguejei um palavrão baixinho e Guido avisou:

— Eu ouvi isso e você não vai fugir do assunto. — Malditos sentidos supersônicos! — O Marco nunca te levou pra um encontro?

— Não é que eu nunca tenha saído e tal, só que a gente normalmente ia pra cafeterias ou coisas do tipo. Nunca fomos jantaaaar de fato. — Deus, eu estava muito constrangida agora.

— Sério, eu vou matar esse idiota — Guido disse e

PERIGOSAS ACHERON

pude ouvir o som de seu maxilar trincando.

Mordi uma bochecha, sem saber o que falar. De repente, um longo suspiro pareceu tomar o ambiente.

— Olha, Nick – Guido começou, a voz séria como eu raramente ouvia –, você se vestiu toda e tá tão linda que eu mal consegui respirar quando te vi. – Ai Deus! Agora, que não conseguia respirar era eu! – Não quero que você desperdice a noite ou a experiência de ter um primeiro encontro. O que você acha da gente... porra, sei lá, fingir que não se conhece e... e tentar aproveitar a noite como se fosse um jantar às cegas mesmo?

Por algum motivo, eu gostei da ideia. Eu estava mesmo ansiosa para ter um encontro e, por mais que ter com meu melhor amigo parecesse esquisito, fiquei ansiosa para ver como Guido se sairia se aquilo fosse um encontro real.

Poderia ser legal. Seria divertido. E talvez eu pudesse até mesmo pensar nisso como um treino para experiências futuras. Nesse caso, quem melhor que Guido para me mostrar como um encontro de verdade deve ser?

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem pensar muito, sorri e estendi o braço.

— Tudo bem? Muito prazer. Me chamo Nicole e você?

Não sei como Guido reparou que meu braço estava estendido, mas ele soltou uma risada rouca e apertou minha mão com firmeza.

— O prazer é meu. Eu sou o Guido. E aí, o que tá achando do cruzeiro?

E enquanto conversávamos sobre os assuntos mais variados, percebi que apesar de conhecer Guido minha vida inteira, ainda assim havia tanto sobre ele que eu não sabia.

Por exemplo, não tinha ideia de que ele preferia os filmes da Marvel aos da DC, nem que ele cogitou fazer engenharia durante o ensino médio. Parecia que eu estava mesmo conhecendo uma pessoa nova, *completamente* nova.

E ali, enquanto comíamos e falávamos sobre sonhos, viagens, hobbies e tudo o que vinha em nossas cabeças, compartilhando pensamentos e risadas sinceras, senti que estava em um encontro de verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Guido era charmoso e divertido e eu sequer sentia o tempo passar conforme conhecíamos as outras facetas um do outro.

O problema era que eu estava tão à vontade e imersa naquele jogo de “somos dois desconhecidos”, que, por um momento, o pensamento de terminar aquela noite enrolada com ele na cama da minha cabine veio com força e me deixou desesperada.

Céus... eu queria transar com o meu melhor amigo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 4 – BUENOS AIRES)

Chegamos enfim nas terras argentinas e isso significava duas coisas: hoje era dia de me encher de chorizo até pedir arrego e, teoricamente, eu levaria Nicole para um segundo encontro. Seguido.

Mal acreditei quando ela veio com aquele papo de nunca ter tido um encontro de verdade. Pareceu surreal demais para ser verdade. E se Marco já receberia um belo soco no nariz assim que voltássemos para o Brasil... bom, agora ele também ganharia de brinde um chute nas bolas.

Como diabos aquele energúmeno nunca levou aquela garota linda para jantar? Puta que pariu!

Seria mentira negar que me senti mal por Nicole. Ela, mais do que ninguém, merece um primeiro encontro mais do que digno. Porra, ela merece o PERIGOSAS ACHERON

melhor encontro do mundo! Com... sei lá, rosas... uma cascata delas e... uma banheira de champanhe e... chocolate. Com morango, que são os favoritos dela. Nicole merece *tanta* coisa em um primeiro encontro.

E, por completa ironia do destino, eu era o cara que deveria dar isso a ela. Mas tudo o que pude fazer foi sugerir uma brincadeira, um encontro falso. Era isso ou simplesmente arruinar sua noite, suas expectativas. Eu não era idiota o suficiente para não me ligar que ela queria uma noite especial. Aquele vestido de matar corações fracos era a maior prova de que ela estava levando aquilo a sério. Não pensei duas vezes em tentar pelo menos fazê-la se divertir um pouco.

Fiquei aliviado quando ela entrou no jogo e pareceu gostar de como o encontro seguia. Também foi curioso descobrir coisas que jamais tinha imaginado. Cacete, sempre achei que ela gostaria de ir para a Europa por toda questão da arte e cultura, mas sua vontade mesmo era de conhecer os Estados Unidos e, principalmente, os parques da Disney em Orlando. Quem diria...

PERIGOSAS NACIONAIS

Na verdade, até poderia imaginar a alegria dela em conhecer o parque do Harry Potter. Além de devorar todos os livros e amar os filmes, ela também tinha uma queda pelo ator quando éramos adolescentes.

Bom... Ela e quase todas as garotas do planeta.

Será que tinha a ver com a varinha mágica e poderosa dele?

Ok, deixando os pensamentos sujos de lado, consegui imaginar perfeitamente o sorriso enorme que daria assim que pisasse em Hogwarts. Invejei imediatamente a pessoa que estaria ao lado dela nesse momento.

Soltei o ar pela boca, cansado. Que porcaria de sentimento era esse? Algo... mesquinho. E não parecia mais tão fraternal como sempre foi. Eu me sentia estranho e confuso.

O tal jantar às cegas foi... diferente. Um diferente... bom, eu acho. Para falar a verdade, também nunca tinha tido um encontro de verdade. Minhas saídas normalmente eram em bares ou pubs. A diferença é que eu não me importava com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso. Achava até melhor.

Sempre imaginei que jantar de fato com uma garota seria... entediante. Aquela parada cheia de enrolação e frufus.

Mas com Nicole não foi nada disso. O assunto não parava de jorrar. A gente tinha uma sincronia de outro mundo. Sempre tivemos, na verdade. Nem sei porque fiquei tão surpreso por ter sido uma noite legal. Claro que seria. Porque era Nicole, e todo momento com ela era legal. Sempre.

Porém, em muitos momentos também senti que estava andando em um terreno perigoso. Volta e meia, meu cérebro travesso trazia com força a imagem de Nicole naquele vestido diabólico e fazia minhas mãos coçarem por vontade de sentir o maldito tecido em meus dedos.

Talvez enquanto eu tirasse a peça bem devagar... com ajuda dos dentes e...

Merda!

Balancei a cabeça, me sentindo patético com aqueles pensamentos insanos e pervertidos.

Ótimo, eu tinha me transformado em um garoto

PERIGOSAS ACHERON

virgem. Ou pelo menos estava agindo como um.

Eu não entendia direito o que estava acontecendo comigo. E, para ser sincero, nem sabia se queria entender. Às vezes é melhor ficar no escuro do que descobrir algo que pode ser assustador demais para lidar.

De qualquer forma, lá estávamos nós, passeando por Buenos Aires e fingindo que a noite passada nunca aconteceu. Como se tivéssemos mesmo saído com completos desconhecidos.

Não consegui deixar de me perguntar se caso o tal cara não fosse eu, o que ela faria depois? Flertaria com ele? Deixaria que ele entrasse no seu quarto? Permitiria que ele a tocasse por baixo daquele pano ridiculamente justo e sexy?

— Guido — Nicole chamou, atraindo minha atenção. — Quer ouvir uma coisa nojenta?

Se isso for desviar meus pensamentos de você com aquela merda daquele vestido, sim, POR FAVOR!

— Manda — falei, tentando parecer descontraído conforme passeávamos pela Casa Rosada, a sede

do governo argentino.

— A Helô me contou uma vez que originalmente, esse tom rosado da sede do governo se deu porque eles juntaram tinta branca e sangue de boi.

Porra, que nojo. Mas pelo menos eu definitivamente não estava mais pensando em vestidos ou a vontade de me livrar deles.

— Que bizarro – murmurei, encarando o edifício a nossa frente. – Pelo menos espero que tenham utilizado a carne pra um bom churrasco.

Nicole me deu um tapa no ombro.

— Não fala assim dos boizinhos – resmungou.

Acabei soltando uma risada baixa.

— Mas... – ela mordiscou um canto da boca. – Falando em churrasco, que horas temos que estar no lugar lá que você ganhou os ingressos?

Chequei a hora no celular. Ainda tínhamos bastante tempo.

— Nosso jantar é daqui há umas cinco horas.

Ela, de repente, soltou uma risada nervosa.

— Que foi? – perguntei, sem entender.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada, não. — E começou a olhar ao redor, evitando me olhar.

Estranho...

— Fala logo, ruivinha.

— Nada... — ela prendeu o lábio inferior entre os dentes. Puta merda, como era sexy quando ela fazia isso.

— Você é uma péssima mentirosa. Sabe disso, certo? — arqueei uma sobrancelha.

— É coisa boba... — sorriu amarelo. — É que, quando você falou *nosso* jantar, eu... bem, só tava pensando que o — arranhou a garganta, desconfortável — nosso encontro de ontem provavelmente foi o mais esquisito da galáxia. — Acho que fiz uma careta, porque Nicole arregalou os olhos, ofegou e continuou, agora tão rápida quanto o Ligeirinho: — Não que tenha sido ruim! Deus, não! Foi legal. Muito legal. Eu me diverti. Foi um bom primeiro encontro. Quer dizer, considerando tudo e que, você sabe..., mas você foi ótimo. Ótimo de verdade. Nossa, agora entendo porque as garotas... hã... se interessam tanto e tal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você tem um papo bom e...

E eu não aguentei. Comecei a gargalhar alto. Mesmo que, agora, Nicole não pare me encarar, ofegante e meio puta por eu estar rindo.

Céus, até as pontas das orelhas dela estão vermelhas!

— Seu idiota babaca — ela reclamou, fazendo aquele bico tão característico.

Não aguentei e me aproximei, apertando de leve suas bochechas.

— Você fica muito fofa quando tá nervosa.

Ela estalou a língua, mas não se afastou.

Era incrível como sua pele podia ser tão macia e quente sob meus dedos.

De repente, quem estava quente era eu. Meu corpo pinicava conforme minha mão se ajeitava no rosto dela, tomando os dois lados em concha e elevando bem de leve aquele queixo empinado em minha direção.

Deus, como a boca dela parecia deliciosa. Como parecia perfeita para beijar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os sons lá fora pararam. Nenhum ruído além das nossas respirações pesadas. O lábio inferior dela tremeu e rocei o polegar em sua bochecha inconscientemente. Como a pele dela podia ser tão sedosa? E qual seria a sensação de beijar cada maldito pedacinho?

Porra. Parecia ser o paraíso.

Seus olhos de um castanho-esverdeado tão vivo e intenso me encaravam. As pupilas estavam dilatadas e eu podia jurar que aquele brilho ali dentro denunciava desejo. O mesmo sentimento que fazia minha cueca apertar por debaixo da calça.

— Guido. — Caralho!

Meu nome saiu baixo dos lábios dela, como um sussurro bizarramente sensual e entregue que fez meu coração pular uma batida.

Ou duas.

Ou três.

Eu sequer tinha certeza se estava *mesmo* respirando.

Se eu me aproximasse alguns centímetros... só alguns... eu poderia...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Oops, sorry, mate* — um gringo disse, imediatamente depois de esbarrar contra meu ombro.

Nicole deu um pulo para trás no mesmo instante, comprimindo os lábios e parecendo tão confusa quanto eu me sentia. O. Que. Diabos. Foi. Aquilo?

Eu abri a boca, sem saber o que dizer.

Putá merda!

Parecia que meu cérebro entrou em modo tela branca e simplesmente esqueceu quem era a garota na minha frente e tudo o que ela significava. Que ela era território proibido e que sentir vontade de beijá-la era completamente inaceitável.

Jesus, como eu poderia olhar para os pais dela depois?

Mas...

Mas o jeito que Nicole me olhou e a forma que chamou meu nome... Aquilo era confuso, estranho e... surreal. Não fazia sentido.

O que teria acontecido se o cara não tivesse esbarrado em mim? Porra, eu ia mesmo beijar minha melhor amiga?

PERIGOSAS ACHERON

E o pior: ela ia... deixar?

Para minha sorte, Nicole se adiantou e, com uma voz esganiçada e alta, avisou:

— É melhor a gente se apressar pra conseguir fazer todo o passeio.

Soltei o ar pela boca e assenti, sem ter ideia do que fazer com aquilo, com ela e, especialmente, comigo.



Nos juntamos ao grupo com o guia do próprio cruzeiro e passeamos pela La Boca, o Obelisco, o La Bombonera e o Cemitério da Recoleta antes de enfim pegarmos um táxi até o local descrito nos ingressos.

Até então, junto de outras pessoas, podíamos fingir que estava tudo bem e que aquele quase beijo nunca aconteceu. Mas, agora, completamente sozinhos, o clima era tão denso quanto um pântano.

Se o monstro do lago Ness surgisse no meio de nós dois, eu dificilmente ficaria surpreso.

Mesmo assim, era um clima de merda e eu

PERIGOSAS ACHERON

odiava ficar pisando em ovos com a porcaria da minha melhor amiga. Porra, pelo amor de Deus, a gente se conhece a vida inteira e nunca tivemos problemas para conversar. Seria ridículo deixar que isso acontecesse agora.

Certo?

Certo!

— E aí, foguinho, tá animada pra encher a barriga de carne boa? — brinquei, assim que chegamos ao restaurante, recebendo um sorriso agradecido dela por ter puxado algum assunto depois de tanto silêncio constrangedor.

— Vou comer tanto, mas tanto, que na hora de voltar para o navio, corro o risco de ser confundida com uma das boias.

Acabei rindo. Ela também.

O clima pareceu aliviar no mesmo instante e logo fomos levados até nossos lugares.

O local era imenso, rústico e refinado, com mesas largas de madeira escura e cadeiras da mesma cor. Os guardanapos eram pretos, assim como as grandes cortinas que escondiam um palco

razoavelmente grande há menos de quatro metros de nós.

Luzes amarelas deixavam o ambiente com um aspecto quente, apesar do clima estar mais do que agradável lá dentro. Uma música ambiente toca ao fundo, se misturando aos burburinhos dos outros clientes.

Uma garçonete nos serviu de vinho tinto e Nicole estendeu a taça em minha direção.

— Brindaremos a...? — perguntei, elevando meu próprio copo.

Nicole pareceu pensativa e um pequeno sorriso se esticou no canto na boca.

— Ao fato de você ter prestado bastante atenção ao Channing Tatum.

Gargalhei.

— Aquilo era tudo sexy appeal natural, foguinho. Mas fico contente que tenha aproveitado o show — provoquei, batendo minha taça na dela e provando o vinho.

Eu não deveria falar esse tipo de coisa, mas, ao que tudo indicava, minha língua tinha vida própria.

PERIGOSAS NACIONAIS

As bochechas dela ganharam no mesmo instante um tom levemente rosa, que espiei por detrás do copo.

— Convencido — ela murmurou, tomando a própria bebida. — Mas fico feliz que tenha... hã — fez um gesto desengonçado com a mão me indicando —esse dom pra dança. Sempre quis assistir um show de tango ao vivo e aqui estamos.

Nicole ergueu um ombro, seus olhos encarando o palco com expectativa quando as cortinas se abriram e um casal de dançarinos fez um tipo de reverência aos espectadores.

Então ela se virou rapidamente e sorriu para mim, contente, animada, feliz. E todo o meu mundo pareceu fazer sentido.

A garçonete surgiu de forma sorrateira, servindo nosso jantar e enchendo nossas taças com mais vinho. Nicole comeu e bebeu sem tirar os olhos do palco. Eu fiz o mesmo. Pelo menos na maior parte do tempo, quando conseguia evitar de olhar para ela naquele estado de deslumbramento com o espetáculo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Num piscar de olhos, aquele mico das galáxias valeu a pena. Não só pela comida boa para caralho, mas por ela.

Sequer senti o tempo passar. Foi tudo rápido demais, breve demais. Eu estava alheio ao meu redor, apenas gravando na memória a expressão de Nicole, os olhos brilhando, o sorriso largo.

Só entendi que todos estavam olhando para mim quando Nicole chamou meu nome, me encarando com uma mistura de pânico e vergonha.

— Venha, meu jovem, prometo que será divertido. — Havia um homem de terno e gravata no palco. Quando foi que ele subiu ali? E por que diabos está com a mão esticada em minha direção? — O senhor e sua namorada sairão daqui como dois profissionais.

Namorada?

A dançarina que estava no palco desceu, oferecendo a mão para Nicole. Ela esfregou a testa e soltou uma risada nervosa antes de inspirar fundo e acompanhar a mulher.

O cara que fazia par com a dançarina veio até

PERIGOSAS ACHERON

mim, dando dois tapinhas em meu ombro.

Acabei me levantando e seguindo-o até o palco, ainda perdido, confuso e... namorada? Ele achou mesmo que éramos um casal?

— Venham, venham – o que parecia o anfitrião sorriu e logo Nicole estava na minha frente, ambos em cima do palco. Uma multidão nos olhando com tanta expectativa que quase engasguei. – Como comentamos, vamos demonstrar os passos básicos do tango com a ajuda de nossos queridos convidados. – E o maldito apontou para nós dois. Uma salva de palmas ecoando pelas paredes e fazendo meu corpo tremer.

Caralho, querem que eu dance tango? Como foi que isso aconteceu?

— O primeiro passo é simples – a dançarina começou a explicar, diretamente para mim –, basta você segurar sua companheira assim. – Ela pôs a mão na coluna de Nicole, obrigando-a a se aproximar mais, colando nossos corpos. Deus, próximo demais! – Segure a cintura dela, desse jeito. – Meu braço foi puxado pela mulher e enrolado na cintura fina. Senti Nicole prendendo a

PERIGOSAS ACHERON

respiração no mesmo momento em que prendi a minha. – E você, querida, coloque a mão no ombro dele. Isso! Com as outras mãos livres, segurem-se assim. – Ela nos ajeitou até que estivéssemos da mesma forma que ela e seu companheiro estavam no início do show.

Deus, acho que vou vomitar!

— Pelo amor de Cristo, Guido, não vomite em cima de mim! – Nicole meio gemeu, meio riu. Acho que olhei para ela com uma expressão confusa, porque ela deu de ombros e explicou simplesmente: – Você tá com a mesma cara de quando sua mãe te obrigava a tomar aquele suco verde esquisito.

Porra, laranja, hortelã e *couve*. Desde quando essa mistura bizarra pode ser chamada de suco?

Fiz careta com a lembrança e Nicole apertou meu ombro. Um gesto de conforto.

— A gente consegue fazer isso. Vai ser rápido e, caso sejamos uma bosta, nunca mais veremos essas pessoas de novo – ela sussurrou, acenando com a cabeça. Um sorriso travesso no canto de sua boca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco, mas acenei, sentindo o estômago se aquietar.

— Certo — falei, antes da dançarina continuar as instruções sobre pernas para trás, pernas para frente, abertura lateral e sei lá mais o que.

Nicole sorria, agora um pouco mais contida. Ela estava concentrada em acertar os passos, percebi.

Ela parecia se divertir, mesmo que estivesse tão nervosa quanto eu.

Inspirei fundo e tentei ignorar os olhares atentos sob nós. Senti meus músculos relaxarem quando em minha cabeça imaginei estarmos apenas nós dois naquele palco. Seu corpo quente colado ao meu, nossas respirações se misturando no pequeno espaço entre nossos rostos.

A música aumentou e continuamos seguindo os passos conforme a dançarina os repetia. Nicole parecia tão leve conforme eu a conduzia, respondendo perfeitamente ao meu toque, meu ritmo. Ou será que era o ritmo dela e era eu quem me encaixava ali?

Não importava. Apenas éramos como o encaixe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perfeito, flutuando por um palco aleatório, seu coração batendo no mesmo compasso que o meu em uma dança sensual que me permitia sentir cada pedacinho de pele dela.

Minhas mãos se permitiram sentir suas curvas e os olhos de Nicole se cravaram nos meus. Tão grandes e intensos. Segredos e promessas dançando naquelas íris que eu conhecia como a palma da minha mão.

Nicole ofegou quando a girei e em seguida a puxei de volta em um movimento firme ditado pela mulher. Seu tronco se chocou contra o meu e nos tornamos um só. Uma de suas coxas resvalou a minha na parte de dentro. O calor que veio a seguir parecia me queimar de dentro para fora.

Meus dedos apertaram a carne macia de sua cintura em resposta, e os lábios de Nicole se separaram, sua respiração rápida e curta.

Aproximei meu rosto, desejando findar aqueles malditos centímetros entre nós.

Foda-se, pensei.

Foda-se, foda-se, foda-se.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu apenas precisava beijá-la. Precisava tocá-la, sentir ela sobre minhas palmas. A pele, o corpo, a boca. Eu queria tudo. Absolutamente tudo.

Mas o barulho da salva de palmas irradiou o restaurante e só então percebi que o show já havia acabado e eu precisava aceitar que estava fodido.

Fodido pelo simples fato de ser obrigado a admitir que, sim, eu queria transar com a minha melhor amiga.

Queria muito.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 4 – BUENOS AIRES)

Os lugares do meu corpo onde as mãos de Guido percorreram não paravam de pinicar.

Era, literalmente, desesperador.

Cacete, eu mais parecia uma cadela no cio! Me desmanchando toda só porque dedos masculinos me tocaram com, bem, mais propriedade.

Mas, Deus, que mãos! Guido tinha uma pegada de outro mundo, algo que eu nunca tinha experimentado. Quando ele me segurou daquele jeito pela cintura, achei que queimaria de dentro para fora. Tudo em mim era incêndio, tudo em mim eram chamas. Quente, abrasadoras, irresistíveis.

Por um segundo, achei que Guido poderia me beijar. Assim como pensei que ele faria isso

naquele mesmo dia mais cedo. A forma como ele me olhava era... diferente. Havia algo ali, algo que eu nunca tinha visto no rosto dele.

Talvez... desejo?

Há, até parece!

Tive vontade de rir de mim mesma. Eu deveria estar viajando. Viajando na maionese meeesmo, porque não tinha a menor possibilidade de Guido me olhar de alguma forma que não fosse como a pirralha da sua praticamente irmã.

Por que diabos ele poderia me ver como mulher? Especialmente quando tinha uma gostosona como a Viviane doida pra dar para ele em cada canto daquele navio.

Não que eu não me achasse bonita ou tivesse a autoestima baixa, mas vamos combinar... como eu seria capaz de competir com aquele corpaço quando ainda estou no nível da família?

Não dava. Simplesmente não dava e eu deveria me sentir ridícula por pensar que Guido olharia para mim e veria uma mulher.

Não...

PERIGOSAS NACIONAIS

A verdade é que eu deveria sentir vergonha de mim mesma por *querer* que ele me visse como mulher.

Aquilo era insano. Quase como um incesto.

Putá merda, eu estava me transformando na Cersei Lannister!

Certo. Assim que retornasse para casa, eu procuraria uma terapeuta. Helô ficaria orgulhosa de mim.

Mas, acima de tudo, naquele momento, eu precisava tirar aqueles pensamentos sobre Guido da minha cabeça. Do meu organismo!

Quem sabe, se eu tivesse outro alguém para ocupar a mente...

Por isso, assim que chegamos ao navio, naquele silêncio desconfortável, e Yuri surgiu em meu campo de visão com um sorriso magnífico, eu nunca me senti tão aliviada.

— Ei, Nicole. Logo quem eu tava procurando! Queria te chamar pra uma gincana que tá rolando — Yuri disse, se aproximando e dando um beijo estalado em minha bochecha. — O que acha? Bora?

PERIGOSAS ACHERON

— Parece legal – comentei.

Guido pigarreou.

— E aí, cara – Yuri cumprimentou, analisando Guido com uma sobrancelha erguida. – Tá tudo bem? Você parece meio cansado.

— Exausto, na verdade – Guido resmungou, mal-humorado.

— E qual é dessa gincana? – perguntei, curiosa.

Passar um tempo com Yuri podia ser a solução dos meus problemas e eu não queria perder a oportunidade de jeito nenhum. Especialmente quando os pelos da minha nuca ainda se arrepiavam só de lembrar quando Guido me puxou, colando nossos corpos e... Inferno, Nicole! Se controle, mulher!

— Tá rolando lá no Louge do quarto andar. Estão dividindo as pessoas em equipes para aquelas brincadeiras de antigamente, sabe? Dança das cadeiras, corrida de saco de batata, essas coisas.

— Adoro gincanas! Topo fácil. – Yuri sorriu e eu retribuí.

Encarei Guido, que tinha o cenho franzido e

PERIGOSAS ACHERON

realmente uma expressão de quem quer se jogar na cama, roncar como um suíno e só sair no dia seguinte.

Abri a boca para sugerir que fosse para o quarto, mas ele foi mais rápido do que eu e avisou, dando de ombros:

— Também vou.

— Hã... tem certeza? – questionei, hesitante.

— É, cara, pode ficar tranquilo que eu cuido bem da Nicole. – Yuri piscou, passando um braço por meus ombros. Meu sangue gelou com o contato íntimo inesperado. Aquilo era bom, certo?! Certo? – Prometo deixar ela na porta da cabine em segurança.

Acho que Guido grunhiu. Ou era o que o som que reverberou por sua garganta deu a entender. Instinto fraternal, com certeza.

— Eu também vou – repetiu. Dessa vez em um tom de quem não quer ser questionado.

— Beleza – Yuri murmurou, assentindo. – Acho que vi a Viviane por lá, inclusive. Pelo jeito que ela te come com os olhos, acho que vai ficar feliz em te

ver.

Tentei ignorar o incômodo que aquele tom sugestivo de Yuri causou em mim e forcei um sorriso antes de dizer:

— Então, garotos, vamos?



O Lounge comportava aproximadamente cinquenta pessoas, que foram divididas em cinco grupos de dez.

Eu, Guido, Yuri e Viviane ficamos no mesmo time, o de bandeira vermelha, junto com mais quatro garotas – que não paravam de babar neles dois, diga-se de passagem – e os dois amigos do Yuri, que mal me dirigiam um olhar.

— Falei que se os visse sequer olhando na sua direção, eu postaria uma foto dos dois abraçados de cueca em todas as redes sociais – Yuri sussurrou em meu ouvido.

Acabei rindo.

— Queria saber como foi que essa foto aconteceu – comentei, tentando ignorar as conversas que as
PERIGOSAS ACHERON

garotas atrás de mim tentavam puxar com Guido.

Focar em Yuri, focar em Yuri, focar em Yuri!

— Um dia de muita bebedeira e lembranças da infância – explicou, abrindo um sorriso largo.

Assenti, mordiscando o lábio inferior. Yuri era tão bonito e divertido. E apesar de gostar de conversar com ele, simplesmente não passava disso.

Faltava... algo.

Uma conexão.

Ora, eu era uma romântica incurável, caramba. Não era à toa que escrevia romances!

Eu não era do tipo de garota que se sentia à vontade em transar com um desconhecido. Acho que precisava conhecer melhor a pessoa e, apesar de Yuri ser um cara legal, só nos conhecíamos há poucos dias. Ainda era tudo relativamente novo e estranho.

Diferente de Guido.

Mas Guido não era uma opção. Nunca seria.

— Olha, vai começar – ele murmurou, segurando

PERIGOSAS NACIONAIS

minha mão e nos juntando aos outros.

Engoli em seco quando os olhos de Guido pairaram em nossas mãos entrelaçadas. Uma veia saltou em seu pescoço no mesmo instante em que a mandíbula travou, mas logo puxei minha mão de volta e nossas atenções foram para o casal de apresentadores de sempre, que agora explicavam como funcionaria a gincana.

A primeira brincadeira seria de mímica e precisávamos escolher a dupla que iria nos representar.

— Que tal irmos eu e você, Nicole? — Yuri sugeriu.

Fiz uma careta. Merda, eu era uma bosta nesse jogo!

— A Nicole é uma bosta nesse jogo — Guido disse, erguendo um canto da boca como se soubesse exatamente que eu estava pensando a mesma coisa.

— Relaxa — Yuri falou, passando a mão pelo meu braço. — Eu costumo ser bom em mímica. Tenho certeza de que vamos nos sair bem.

PERIGOSAS ACHERON

— Hã... eu realmente sou bem ruim.

— Ela é mesmo – Guido murmurou, recebendo um agarre no braço por parte de Viviane, que encostou deliberadamente a boca cheia no ombro dele e sussurrou:

— Poxa, não fale assim, Guidozinho.

E passou as unhas longas e vermelhas pelo peito dele, em movimentos irritantemente circulares.

Precisei segurar a ânsia de revirar os olhos.

Ele, no entanto, não parecia desgostar daquilo pelo visto, já que não fez nenhuma menção para se afastar da morena boazuda.

Tsc... bom para ele, então.

— Quer saber? Dane-se! Vamos tentar – disparei, recebendo um sorriso de Yuri e uma careta de Guido, que ignorei com maestria.

— Show! Vamos. – Yuri pegou minha mão mais uma vez, nos levando até o meio o Lounge, onde as duplas das outras equipes se juntavam.

Os apresentadores avisaram que começaríamos com nomes de filmes e a regra era de que as garotas fariam a mímica e os garotos descobririam a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resposta.

Agora sim, fodeu de vez!

Em seguida, chamaram a dupla da equipe amarela para começar.

Eles erraram. Ufa!

E assim aconteceu com a equipe verde e roxa.

Já a dupla do time azul acertou em menos de dez segundos. Mas porra, o filme que saiu na rodada deles era Rei Leão... mais fácil impossível!

Então, chegou enfim a nossa vez e tudo o que eu conseguia pensar era em como estava fodida! Esfreguei as palmas e soltei o ar várias vezes pela boca.

Yuri me ofereceu um sorriso amigável, de como quem diz que tudo ficará bem. Qual a parte do *eu sou uma bosta em mímica* ele não entendeu, eu realmente não sei. Mas ele parecia confiante, então eu deveria pelo menos dar o melhor de mim.

A apresentadora se aproximou, mostrando o nome do filme que eu deveria interpretar.

Magic Mike.

PERIGOSAS ACHERON

Putá que pariu, isso só podia ser algum tipo de zoeira divina do destino!

— Pronta? — a apresentadora me perguntou, segurando o cronometro.

Soltei o ar pela boca e dei três pulinhos antes de assentir.

— E... já!

Comecei desengonçada, fingindo tirar um coelho da cartola.

— Mágica! — Yuri gritou e eu acenei com a cabeça, tocando a ponta da língua para avisar que a palavra era em outro idioma. — Magic, beleza!

Cacete, como eu poderia fazer a palavra *Mike* agora?

Não sei porque, mas meus olhos foram para a plateia, onde Guido me encarava de uma maneira ansiosa e um pouco incrédula, como se já tivesse desvendado o mistério.

Então, sabe-se lá porque, eu apontei para ele. Yuri o olhou e pareceu confuso. Em seguida, ondulei meu corpo da maneira mais ridícula do mundo e quase tive um infarto quando Yuri gritou:

— Porra, Magic Mike!

E a apresentadora avisou, em frenesi:

— Ele acertou em 9 segundos! O time vermelho é o vencedor da partida!

Tudo depois foi um borrão, porque quando vi, meus pés não estavam mais no chão e Yuri me rodopiava, ria e rugia em vitória. Pelo visto, nosso time também entrou na pilha, porque logo todos estavam ao nosso redor, nos parabenizando.

Menos Guido que, apesar de estar junto de nós, tinha uma expressão nem um pouco contente.

Yuri me colocou de volta no chão e elevou a mão para que eu batesse nela.

— Acho que fazemos um belo time, hein – ele comentou, sorrindo.

Concordei com a cabeça, ficando nas pontas dos pés para alcançar sua palma aberta.

— Você que foi incrível, mandou superbem!

— Muito bem, muito bem! – o apresentador disse ao nosso lado, se metendo na conversa. – Vocês arrasaram mesmo, estão de parabéns! Time vermelho está com dez pontos na frente. Agora, a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próxima brincadeira será a da corrida de saco de batata. A única regra é que não é permitido repetir o casal da outra rodada.

— Opa, então podemos ir eu e você, Guidozinho!

— Viviane bradou, batendo palminhas.

— Claro, linda. O que você quiser — Guido respondeu, erguendo um canto da boca.

— Humm, é mesmo? — Ela murmurou, passando aquelas unhas pelo antebraço dele como se já fosse dona da propriedade. Como se ele quisesse...

Certo... claro. Ele de fato queria trepar com ela.

Não comigo. Com ela, sim.

E... foda-se. Isso não importava, certo?!

Certo?

— Por favor, voltem todos aos seus lugares para organizarmos a brincadeira — o apresentador pediu e obriguei minhas pernas a andarem de volta para onde nosso grupo estava antes.

Yuri conversava algo com os amigos, enquanto as outras garotas comentavam sobre como Viviane era sortuda por estar entrando na porcaria de um saco de batatas com Guido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem perceber, cruzei os braços sobre o peito e esperei até o início da corrida. O percurso era pequeno. Não devia ter mais do que sete ou oito metros e eles só precisariam desviar de alguns cones laranjas em um ziguezague.

Com as pernas longas dos dois, não duvidava nem um pouco que ganhassem.

— Preparados? — o apresentador perguntou e as cinco duplas assentiram.

A outra anfitriã sorriu e levantou a mão fazendo uma contagem regressiva com os dedos. Então, soou um apito agudo que fez doer meu rins.

Sem esperar, todos saíram em disparada, contornando os cones com rapidez.

Exceto Guido e Viviane, que estavam esparramados no chão.

— Que porra eles estão fazendo? — Yuri questionou, encrespando a testa.

Pelo sorrisinho malicioso que Viviane tinha no rosto, eu não tinha certeza se queria saber a resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 4 – BUENOS AIRES)

Ela tocou no meu pau.

Putá merda, não!

Ela não *só* tocou. Sua mão *apertou* toda a minha extensão de uma maneira muito firme e lenta para ter sido qualquer coisa além de um toque proposital.

Viviane estava do meu lado no saco de batatas e eu queria muito vencer. Nada a ver com o fato de a Nicole ter olhado Yuri como se ele fosse o rei do mundo ou sei lá o que depois que venceram a última partida. Eles pareciam ridiculamente felizes girando no meio do salão.

Tsc... deveriam ir logo para um quarto. Ninguém é obrigado a assistir aquele flerte pré-sexo deles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque claro que ela estava interessada nele e naquela carinha de bebê. E obviamente o Yuri estava doido para enfiar as mãozinhas pequenas em cada pedacinho de Nicole.

— Você parece tenso. Talvez eu possa ajudar — foi o que Viviane disse antes de estrategicamente colocar a mão travessa por cima da minha calca e apertar meu pênis.

Obviamente eu não esperava por aquilo. E meu amiguinho carente também não, porque ele subiu no mesmo instante e latejou contra a cueca.

Cacete!

Viviane sorriu com malícia e esfregou o local com mais força.

Putaquepariu!

Era excitante. E bom para caralho!

Mas meu cérebro bugou e trouxe a imagem de Nicole, a boca entreaberta pronta para ser beijada, enquanto dançávamos tango naquele restaurante.

Então meu corpo simplesmente... murchou.

E Viviane me encarou com o cenho franzido, uma mistura de confusão e afronta.

PERIGOSAS ACHERON

Ótimo. Agora ela achava que eu era brocha.

Que dia maravilhoso, meus amigos. Que dia...

— É só nervosismo por causa das pessoas por perto, não é? — Eu queria poder dizer que era... — Não fique tímido, ninguém consegue ver.

Ela deu um sorriso confiante e piscou um olho antes de colocar a mão por dentro da minha calça e agarrá-lo com todos os dedos.

Putá que pariu, claro que eu queria foder com ela. Ela estava com a mão no júnior, pelo amor de Cristo! Porém, seria escroto demais da minha parte fazer isso, sendo que a qualquer momento minha mente traíçoeira poderia me sacanear e correr os pensamentos para Nicole.

Não seria justo com Viviane. Ela merecia um cara que chamasse o nome dela antes de gozar. Aparentemente, eu não seria ele.

Me sentindo um merda, suspirei fundo antes de tirar a mãozinha safada dela dali e pedir desculpas quando o apito soou e me desequilibrei, caindo em cima dela e perdendo vergonhosamente a corrida. E todo o meu orgulho no processo.

Viviane riu e piscou um olho. Percebi que estava entre as coxas dela e duro de novo – afinal, não era como se eu pudesse controlar... bem... ele. E, porra, ela praticamente me masturbava dentro daquele maldito saco. Se meu pau não reagisse a isso, eu definitivamente deveria ficar preocupado.

— Ora ora, acho que o time vermelho ficou para trás dessa vez! – a apresentadora disse, fazendo um biquinho.

Afastei a mão de Viviane na mesma hora, procurando Nicole com os olhos em busca de qualquer indício de que ela tinha alguma noção do que tinha acontecido.

Mas ela apenas me encarava com a testa franzida e os braços no alto, em uma pergunta muda de *o que diabos foi isso?*

Dei de ombros conforme me levantava e ajudei Viviane a sair do saco de batatas. Nos juntamos ao time enquanto a equipe verde era coroada vencedora da rodada.

— O que rolou lá? – um dos amigos do Yuri perguntou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com uma expressão falsamente inocente, Viviane respondeu:

— Eu apenas tropecei em algo... grande. — E ainda passou a língua nos lábios.

Bom, mais sugestiva do que isso, impossível.

E, aparentemente, Nicole entendeu que bom... alguma coisa indecente tinha acontecido, porque encarou descaradamente meu pênis rebelde e semiereto antes de olhar nos meus olhos com os lábios comprimidos.

Suas bochechas ficaram tão vermelhas quanto seus cabelos e antes que eu pudesse abrir a boca para falar qualquer porcaria, ela virou a cara e se juntou a Yuri.

Soltei um longo suspiro e deixei quieto. Era melhor assim.

Mas quando um garçom passou com algumas bebidas pelo Lounge, não pensei duas vezes antes de virar duas doses que imaginei ser vodca. Curiosamente, Nicole fez o mesmo.

A gincana continuou e a brincadeira da vez exigia os esforços de todo o time.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A ideia era que a equipe que encontrasse todos os itens da lista primeiro, ganharia a rodada.

— Onde vamos encontrar a merda de um chinelo de animais, uma cueca de super-herói e um sutiã vermelho? — Yuri comentou, pensativo.

— Hã... bom, sobre o último item... — Nicole começou, mordiscando uma bochecha.

Ah, não... ela não estava...

— Eu...eu estou usando um, na verdade.

Putá merda!

Yuri deve ter pensado a mesma coisa, porque só faltava a porra de um babador de lagosta pendurado nele. Acho que fez uma expressão bem feia, porque ele comprimiu a boca assim que nossos olhos se encontraram e foi falar com os dois amigos, orientando que fossem atrás de caras no navio e perguntassem se teriam uma cueca de super-herói para emprestar.

Uma das garotas da equipe disse que tinha um chinelo de gatinhos e correu para buscar. As outras fizeram uma cabaninha ao redor de Nicole para que ela tirasse a peça.

PERIGOSAS ACHERON

Meu Deus, aquilo era estranhamente excitante! Mesmo que eu não estivesse vendo muita coisa...

Cristo, como minha melhor amiga virou tão sexy assim?

— O meu é preto. De renda. E a calcinha faz par — Viviane sussurrou perto do meu ouvido e só então percebi que ela continuava do meu lado.

Mas tudo o que eu conseguia pensar era que vermelho era bom. Vermelho era bom demais. A melhor cor do Universo. A cor do sangue e sangue é essencial para viver, certo? Certo!

— Aham — murmurei em resposta, engolindo em seco quando Nicole conseguiu com maestria tirar o sutiã por debaixo do vestido.

E tudo o que eu conseguia imaginar era em como seria Nicole só com aquela lingerie vermelha. Com certeza ficaria sexy para caralho, principalmente por causa da pele branca e macia. Comecei a pensar em qual seria a sensação de passar meus dedos pelo fecho do sutiã e rasgar o elástico da calcinha fina que eu imaginava ser da mesma cor da peça de cima, e me afundar entre aquelas pernas, com os

dedos, boca e...

— Uau — Viviane disse, com uma risadinha orgulhosa, olhando para baixo. Acompanhei seu olhar e... porra, eu estava duro pela terceira vez. Cacete, eu era um adolescente cheio de hormônios de novo! — Pelo visto você ficou animadinho com a ideia de ver o conjunto pessoalmente.

Pigarreei e dei um sorriso curto, pedindo licença e avisando que ajudaria os caras na busca pela cueca nerd.

Ficar entre homens naquele momento era muito, muito mais seguro.

Acabamos ficando em segundo lugar na rodada e eu ainda mal conseguia olhar para Nicole sem encarar seus peitos, sabendo exatamente o que ela usava por baixo da roupa.

Era uma tortura maligna. Maligna, errada e mais desnecessária do que uva passa nas comidas de Natal.

Só que vai explicar para o meu subconsciente que ele não deveria pensar em Nicole nua. Muito menos embaixo de mim. E em cima. E... céus, em todos os

lugares!

Nunca imaginei que veria minha melhor amiga assim. Nunca mesmo. Ainda era um pouco surreal, mas eu simplesmente não conseguia evitar. Ela sempre foi tão... inalcançável, uma parte da minha família, alguém que eu mal reconhecia como mulher.

Principalmente depois de passar tantos anos comprometida.

Mas agora... esse cruzeiro veio para foder de vez com a minha vida e pelo visto com a minha sanidade, porque tudo na minha cabeça parecia embaralhado e louco. Eu estava quase que de forma literal – e muito constrangedora, preciso admitir – explodindo por causa da minha melhor amiga.

E não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Só... aconteceu. Não sei como, onde ou exatamente quando, mas eu estou morrendo de tesão só de olhar para ela.

Deus, que o pai dela nunca descubra!

Nem o meu.

Muito menos nossas mães!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito bem, pessoal! — o apresentador começou a falar, um sorriso enorme se espalhando pelo rosto. — Vocês foram ótimos esta noite! Agora, iremos para a última rodada para descobrir quem será o time vencedor. Todos aqui conhecem a dança da laranja?

— Sim! — a galera inteira respondeu em uníssono.

— Maravilha! Então decidam seus pares e venham aqui para frente.

Yuri, que estava próximo dos dois amigos, piscou um olho e lhes deu as costas. Claro que ele iria sugerir dele e Nicole participarem juntos.

E talvez eu não devesse me intrometer. Talvez eu devesse ter me obrigado a ficar parado.

Mas, quando vi, eu estava virando mais uma dose de vodca e minhas pernas estavam se mexendo sozinhas.

— Vamos? Eu e você — perguntei, a garganta ainda ardendo do álcool puro.

Nicole me encarou surpresa, os olhos levemente arregalados. Acho que ela engoliu em seco quando

PERIGOSAS ACHERON

acenou com a cabeça, mas minha mente parecia nublada demais para ligar.

Apenas coloquei a mão em suas costas e a guiei para o centro do salão. O corpo dela estava rígido. Algumas partes do meu também queriam ficar.

Foda-se.

É só uma brincadeira idiota e depois poderemos ir embora e fingir que aquele dia maluco nunca aconteceu.

Talvez eu passasse o resto da viagem inventando uma dor de barriga suprema apenas para não sair da cabine.

Isso parecia definitivamente mais seguro.

— Então... — Nicole murmurou, um pouco tensa, hesitante. — Você e a Viviane... hã... no saco de batatas... fizeram... você sabe.

— Você acha que a gente transou num saco de batatas? Porra, foram só alguns minutos. — Tá, me senti humilhado por ela pensar que eu seria rápido assim... Poxa, são muitos anos de experiência que devem ser levados em consideração, sabe?

— Ah, não sei... sei lá. É que pareceu que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu alguma parada lá – ela deu de ombros, mas não parecia nem um pouco descontraída. – Não aconteceu? – Por dentro da boca, parecia que ela estava rangendo os dentes.

Acabei assentindo, porque né, aconteceu. E não parecia certo mentir para Nicole. Nunca pareceu, desde que éramos pequenos.

Não nos considerávamos melhores amigos à toa.

Nicole mexeu o queixo em um movimento rápido e curto, apenas para denunciar que havia me escutado. Seus olhos agora encaravam qualquer outro lugar, menos eu.

Ela estava incomodada?

— Bom, agora que estão todos aqui, vamos começar? – o apresentador questionou, enquanto a outra anfitriã distribuía as laranjas para cada dupla. – Iremos colocar diversos tipos de músicas, desde animadas às mais calminhas. A dupla terá que dançar de acordo com o ritmo ou será desclassificado. A laranja deve começar nas testas um do outro e terminar nos tornozelos sem cair no chão. O casal que conseguir essa façanha mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rápido, será o vencedor. Ah, e não se esqueçam que usar as mãos é proibido. Dito isso, vamos começar!

O homem fez um gesto com a mão para o DJ mais ao fundo do Lounge e uma música elétrica começou a pulsar nas caixas de som, tomando todo o ambiente.

— Certo, a gente consegue — Nicole falou, mas parecia estar conversando consigo mesma.

Encarei-a por um segundo e vi quando seus pulmões se encheram de ar. Sua mão se ergueu e colocou a laranja na altura da testa. Prendi a respiração quando seus olhos encontraram os meus. Determinados. Uma chama de desafio tomando aquelas íris bicolor.

— Tá esperando o quê? — ela perguntou, erguendo uma sobrancelha. — Temos que ganhar essa, Guido! Para de moleza!

E lá estava, a Nicole competitiva que eu conhecia.

Soltei uma risada baixa ao me aproximar. Precisei abaixar a cabeça para que conseguisse segurar a outra extremidade da laranja.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos mostrar pra eles como se faz, foguinho.

Nicole assentiu, esticando os lábios em um sorriso.

Nossos corpos começaram a se mexer de acordo com o ritmo da música.

— Lembra quando a gente brincou disso naquela colônia de férias terrível que nossos pais nos obrigaram a ir? — Ela lembrou, estalando a língua.

— Claro que eu lembro — bufei. — Os desgraçados queriam se livrar da gente pra se entupir de queijos e vinhos naquela pousada na serra. — Mas tiveram que voltar antes do previsto porque entrei naquela briga com o garoto que levantou seu vestido.

Eu não me orgulhava disso, mas o sorriso que estampou minha cara provavelmente dizia outra coisa.

Nicole riu, balançando a cabeça.

— Aquele pestinha. — Nicole revirou os olhos com a lembrança. — Ainda bem que você tava lá comigo. Eu provavelmente teria degolado o

moleque se você não fosse mais rápido. E não seria bonito. Nem um pouco, confie em mim.

O sorriso que se formou em seu rosto me deu calafrios.

— Não duvido nada, foguinho. Você era cruel naquela época. Bom... continua sendo de vez em quando. — Pisquei um olho.

Nicole continuou com a expressão divertida e um tanto nostálgica. Acho que eu estava com a mesma cara, pois ela soltou um breve suspiro.

— Você sempre me protegia daqueles babacas — comentou. — Não podiam ver uma garota que parecia que os hormônios controlavam seus mini cérebros e micro pintos e eles precisavam fazer algo a respeito.

Acabei rindo, porque não existia descrição melhor para garotos de 12 anos em plena puberdade.

— E parecia que gostavam de implicar especialmente comigo — bufou, resignada.

— Não dá para julgá-los — falei, recebendo um olhar confuso e uma testa encrespada. — Ora, o que

você quer que eu diga? Você é linda, Nicole.

As palavras saíram em pura inocência, mas meu corpo reagiu a elas imediatamente quando Nicole gaguejou:

— V-você acha?

Suas bochechas ganharam um tom de tomate maduro e eu senti minha garganta pinicar.

Claro que ela era linda. E eu provavelmente já tinha dito aquilo para Nicole, não?

— Acho. — Fui sincero, mesmo que meu estômago parecesse querer se contorcer e pular para fora de mim depois disso.

Nicole mordeu uma bochecha, como se estivesse impedindo um sorriso de sair. Então, ela assentiu com a cabeça, porém o movimento não foi muito sutil e quase nos fez perder o compasso e a laranja desceu para nossas bochechas.

— Opa, foi mal — ela murmurou, sem graça. — Vou tomar mais cuidado.

Mesmo que eu não estivesse vendo completamente seu rosto, sabia que ela oferecia um sorriso amarelo como desculpas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é familiar – provoquei. – Pelo que me lembro, você também foi a culpada por derrubar a porcaria da fruta da outra vez.

— Não foi minha culpa! – ela bradou e a laranja desceu mais um pouco.

— Tem certeza? – fiz uma careta conforme tentávamos ajustar a laranja entre nossos queixos. Droga! – Olha, essa merda vai cair. Precisamos ajeitar pra uma posição favorável.

— Tá, beleza, vamos devagar. – Ela estava nervosa, tentando manter a respiração regular. – Hã... eu vou... passar pelo pescoço, ok?

— Certo. – Minha voz saiu um pouco rouca, porque no mesmo segundo, a música trocou.

Agora, uma balada lenta e sensual e muito, muito desnecessária começou a nos rodear.

E Nicole iria enfiar o rosto no meu pescoço.

Merda! Isso talvez fosse um problema.

— Se mexam, pessoal! Se mexam de acordo com a música – o apresentador praticamente gritou no microfone, fazendo doer meu tímpano como o diabo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai devagar — falei, engolindo em seco conforme Nicole passava a maldita laranja por minha mandíbula e descendo até a curvatura do meu pescoço e ombro.

Sua respiração estava quente, úmida e sem ritmo. Os pelos do meu corpo se arrepiaram. Aquela era uma área um tanto... sensível e ela estava perto demais, ofegante demais, sensual demais dançando praticamente colada a mim.

Ai, Deus!

Ela mexeu mais a cabeça, como se estivesse desconfortável e buscando a melhor posição. Seu movimento fez cócegas em minha pele e trinquei a mandíbula.

— Desculpa — ela pediu, sem jeito. — Tá incomodando?

— Relaxa. — Minha voz estava rouca. Precisei pigarrear para tentar fazer com que voltasse ao normal.

Nossos corpos não se encostavam, mas eu podia sentir os quadris de Nicole se mexendo em câmera lenta. De um lado para o outro, um vai e vem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensual conforme a música pedia.

— Guido – ela chamou e senti o frio quente de sua boca em minha clavícula.

— Hum?

— Você precisa dançar.

— Ah, sim. Claro. – Nem percebi que meu corpo estava rígido como uma parede de tijolos.

— Vamos lá, Guido! Liberta o Magic Mike de dentro de você. – Solto uma risadinha debochada.

Ótimo, agora ela queria fazer piada.

— Se eu fizer isso, acho que você não vai aguentar a pressão, bonitinha. Da última vez, estava quase babando em cima de mim. – Viu? Eu também podia provocar.

Remexi os quadris em movimentos circulares, tentando acompanhar o ritmo dela.

Mas Nicole engasgou e solto um gritinho esganiçado quando a laranja despencou sobre meu peito, parando na altura do meu umbigo.

— Desculpa, desculpa – ela disse, mordiscando o lábio inferior enquanto... merda... enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comprimia a fruta contra mim com seu próprio corpo.

Estávamos perto demais, colados demais. Seu corpo parecia emanar uma onda de calor para o meu. Eu já podia ver minha sanidade indo para o espaço.

— Tá, acho que... hã... eu sou uma bosta nesse jogo também.

— Aaah, você acha? – Ergui uma sobrancelha. Nicole fechou a cara e torceu a boca.

Olhei ao redor para comparar nossa situação com os dos outros times. Não estavam muito melhores que nós, para meu alívio. Além do mais, olhar para qualquer coisa que não fosse Nicole praticamente grudada a mim parecia mais sensato.

— Se continuarmos assim, acho que temos uma chance de ganhar – murmurei, virando o rosto para ela e conseguindo chocar meu queixo em sua testa.

— Ai, isso doeu – ela avisou, mas em tom de brincadeira.

— Quem mandou ser nanica? – brinquei, olhando para sua testa em busca de alguma vermelhidão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicole ergueu o rosto para me encarar e um pequeno sorriso travesso escapou de seus lábios.

— Dizem que é das baixinhas que eles gostam mais. — E deu de ombros. — Bom, talvez não você. Mas acho que se eu fosse homem, também estaria de quatro pela Viviane. Ela é gostosa mesmo.

— Ei, ei, ei! Quem aqui está de quatro?

Nicole me encarou com ceticismo e abriu a boca para retrucar, mas o apresentador foi mais rápido e trocou a música para uma animada dos anos 80.

— Eu amo essa música! — ela bradou, agitada.

— Vamos balançar o esqueleto, pessoal! — o homem gritou e fiquei imaginando se ele teria bebido alguns *shots* no bar minutos atrás.

Quando se aproximou de nós fazendo um tipo de coreografia e esperando que o imitássemos, eu tive quase certeza.

Agora, Nicole e eu mexíamos os braços de um lado para o outro, de cima para baixo no ritmo de “That’s the way I like it”.

Ela ria e se remexia com perfeição. Estava se divertindo.

PERIGOSAS ACHERON

Por acaso, percebi que eu também.

Inclusive, acho que comecei a me divertir tanto que esqueci completamente da porcaria da laranja, porque acabei me afastando mais do que deveria e deixei que a maldita descesse para... bem, minha pélvis.

— Merda – resmunguei.

Agora eu estava praticamente esfregando o júnior na barriga dela.

Nicole olhou para baixo, para... lá, especificamente. Suas bochechas esquentaram de imediato e não entendi o que aconteceu direito, mas acho que ela conseguiu tropeçar nas próprias pernas e cair de bunda no chão.

A laranja saiu rolando pelo Lounge, o apresentador avisando que tínhamos sido eliminados.

Nicole tinha uma expressão de dor e aquilo me deixou apavorado.

— Acho que machuquei o tornozelo – explicou, conforme eu me agachava perto dela.

Toquei o local com os dedos e ela se comprimiu,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gemendo baixinho.

— Precisamos colocar gelo – avisei.

Ela assentiu, torcendo a boca.

Peguei-a no colo e ela arfou em surpresa.

— Guido!

— Prefere mesmo ir andando e ferrar mais ainda o tornozelo? – Desafiei.

Nicole suspirou fundo e murmurou um “tem razão”.

— Se segura direito – pedi, ajeitando-a no colo.

Seus braços rodearam meu pescoço, um pouco hesitantes, indecisos. O cheiro do seu perfume rodeou meus sentidos, mas me forcei a andar.

Nos aproximamos da equipe e todos perguntaram se ela estava bem. Até mesmo a apresentadora chegou por trás perguntando se precisávamos de ajuda.

— Não é nada grave – Nicole avisou, constrangida. – Só pisei de mal jeito, mas vai passar rapidinho.

— Pode pedir pra enviarem gelo pra cabine 410?

PERIGOSAS ACHERON

— pedi para a apresentadora e mulher assentiu, se afastando com um rádio na mão.

— Poxa, que pena — Viviane comentou, fazendo um biquinho. — Ainda tínhamos tanto a fazer hoje à noite. Será que ela não consegue ir sozinha? Não deve ter sido tão feio assim.

Como é que é?

Cara, minha melhor amiga está machucada e essa garota me fala umas asneiras dessas? De repente, nem que ela fosse a mulher mais bonita do Universo que eu conseguiria ter qualquer mínimo interesse nela.

— Estamos indo — avisei, sem me preocupar se estava sendo rude ou não.

Todos desejaram melhoras para Nicole, que sorriu sem graça. Ela não gostava muito de ser o centro das atenções, eu sabia bem, e deveria querer sumir dali tão rápido quanto eu.

Yuri, no entanto, nos seguiu conforme eu caminhava até a saída com Nicole no colo.

— Ei, cara, não quer que eu leve ela? Você pode ficar e...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não.

— Guido – Nicole chamou e sua expressão dizia tudo. Ela iria sugerir que eu ficasse, porque não queria estragar minha noite.

Mal sabe ela que nenhuma noite em que eu esteja em sua companhia seria ruim.

Desviei o olhar para Yuri e falei:

— Eu cuido dela. Sempre cuidei, minha vida toda. Agora não vai ser diferente.

Ele acenou com a cabeça e deixou um pequeno sorriso de compreensão surgir em seu rosto.

Nicole estreitou mais o aperto ao meu redor e encostou a cabeça na curvatura do meu pescoço. Seu nariz resvalou minha pele e seus lábios também quando ela sussurrou:

— Obrigada.

Não demorei meio segundo para ir embora com ela nos meus braços.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 4 – BUENOS AIRES)

Se eu dissesse que o fato de Guido declarar que me acha linda não me deixou ridiculamente feliz, eu estaria sendo mais falsa que os silicones da Kim Kardashian.

Quando chegamos à cabine, o balde de gelo já nos esperava.

Guido me colocou gentilmente na cama e tratou de cuidar da minha torção. De fato, ele sempre cuidou de mim. E ainda cuida.

Por isso é o meu melhor amigo, a pessoa mais preciosa para mim.

E tudo o que eu faço é lhe causar problemas.

— Desculpa por ter estragado a sua noite.

Ele estalou a língua alto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não estragou nada.

Guido sequer me olhava, estava ocupado demais colocando o gelo na área avermelhada. O toque da água congelada fazia um frio percorrer minha espinha. Uma sensação de alívio e queimação ao mesmo tempo.

— Tá doendo muito? — Ele estava mesmo preocupado.

— Um pouco menos agora.

— Que bom.

Seus dedos resvalaram minha pele na marca rubra, subindo até perto demais do meu joelho em uma carícia lenta, gostosa e capaz de retornar com forças os pensamentos insanos que vêm invadindo minha razão nos últimos dias.

Tudo o que eu queria era que seus dedos subissem mais e mais e mais.

Isso era preocupante. Desesperador.

Eu precisava ocupar aquele silêncio, falar alguma coisa, *qualquer* coisa!

— Eu te impedi de transar hoje. — Bom, não era o melhor tópico, mas foi o que saiu.

PERIGOSAS ACHERON

Guido riu e não havia humor algum.

— Provavelmente foi melhor assim.

Aquilo me pegou de surpresa, não posso negar.

— E desde quando você não quer mais transar com garotas gostosas e que te dão mole? Essa é novidade pra mim.

Sua sobrancelha se ergueu e seus dedos deixaram minha perna quando seus olhos cruzaram com os meus. Uma intensidade que quase me fez perder o fôlego.

— Quem disse que eu não quero mais transar com garotas gostosas?

— Bom... — engoli em seco. — Você meio que deu a entender isso.

O canto de sua boca se ergueu lentamente, com uma ferocidade que eu nunca havia visto.

— Ah, não, acredite em mim. Eu adoraria transar essa noite. Muito. Muito mesmo. Eu faria durar a madrugada inteira se conseguisse. — Ele umedeceu os lábios e suas íris se tornaram opacas de repente, todo o brilho se esvaindo conforme ele retornava sua atenção ao gelo em meu tornozelo. — Só não
PERIGOSAS ACHERON

com uma garota que pense que sexo é mais importante do que qualquer outra coisa ou pessoa – explicou, baixinho.

— E... e agora?

Eu sentia uma atmosfera elétrica naquele quarto. Meus sentidos voando por cada cantinho com uma ventania, uma expectativa estranha pairando no ar.

— E agora o quê? – ele me encarou mais uma vez.

Minha boca estava seca, não sei se pelas doses que virei mais cedo ou se pela adrenalina de imaginar como seria Guido fazendo sexo. Como seriam seus músculos se mexendo, as mãos percorrendo meu corpo, a boca beijando cada centímetro de pele e...

— Você... – engoli em seco. – Vai passar a noite sozinho?

Guido abriu um sorriso de canto charmoso e minha respiração perdeu o compasso. Tudo em mim estava perdendo o compasso naquele quarto, somente eu e ele. E meu desejo.

Meu Deus, meu desejo iria me consumir mais

cedo ou mais tarde.

— Sempre posso contar com minha mão nessas horas, foguinho – respondeu, uma mistura de diversão e... decepção? – E você? Não me diga que tá pensando em chamar aquele carinha de neném para o seu quarto?

Seu cenho se franziu automaticamente e eu neguei com a cabeça mais rápido do que esperava.

As palavras não vinham, minha mente parecia atordoada e todo o meu corpo parecia alerta conforme Guido ainda tocava minha pele em carícias mornas e circulares.

— Devo deduzir que vai passar a noite sozinha, então? – Sua voz estava baixa, rouca, sexy.

Cristo, eu mal conseguia olhar para ele sem sentir a boca salivar. O que tinha de errado comigo? Algo muito, muito errado. Mas que me consumia e não me fazia pensar direito.

— Acho... – engoli em seco, reunindo coragem para terminar aquela frase. – Acho que depende de você.

E aí estava. O convite implícito. A indireta direta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora, haviam três opções: ou Guido iria gargalhar e levar na brincadeira ou iria fazer sua maior cara de nojo e dizer que estou fora de mim ou simplesmente não iria entender e ignorar.

Me arrependi imediatamente e torci para que ele optasse pela última opção. Seria menos humilhante.

— Nicole.

Merda, merda, merda!

Sua voz era séria e carregada de uma tensão que fez todo o meu corpo vibrar. Ele falaria que eu sou louca e que perdi o juízo.

Cerrei os olhos e soltei uma lufada de ar.

Eu precisava dizer que era uma piada antes que fosse tarde.

Só uma piada, uma brincadeira de mau gosto.

Mas quando abri meus olhos e minha boca para cuspir as palavras, seu rosto estava próximo demais, ofegante e... nervoso.

— Guido – consegui dizer, me preparando para as palavras seguintes.

Seus dedos roçaram minha boca, passando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lentamente pelo lábio inferior, causando um choque elétrico em cada terminação nervosa do meu corpo.

— Me diz... me diz que eu entendi certo o que você quis dizer. Me diz que você tá tão excitada quanto eu pra que eu possa fazer alguma coisa a respeito antes que enlouqueça de vez.

— Eu... — O que eu poderia falar? — Sim. Muito.

Estou mais excitada do que já estive em toda a minha vida e isso me assusta. Aí estava, a verdade que eu tentei negar sem sucesso.

Só que, naquele ponto, nada mais importava, porque Guido tomava a minha boca com pressa e fome.

Seus lábios eram macios, mais do que eu esperava e se misturavam aos meus com perfeição. Era insano, completamente insano.

Gememos juntos quando nossas línguas se tocaram.

Era quente e gananciosa, explorando cada pedacinho da minha boca, sugando meu lábio inferior e sussurrando meu nome de uma maneira que deveria ser considerado pecado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é... loucura – falei, entre um beijo e outro.
– Não podemos deixar que... – Guido desceu os lábios até meu queixo, mordiscando o local. A barba por fazer roçando minha pele de uma maneira deliciosa.

— Que...? – Ele me incentivou a continuar, mas meus sentidos estavam nublados, como se houvesse uma névoa ao nosso redor.

Era esse o poder de um desejo incontrollável?

— Que estrague a nossa amizade – consegui dizer e logo depois gemi seu nome quando seu braço envolveu minha cintura e me deitou na cama por completo.

— Não vamos. Nunca – ele sussurrou, passando a ponta da língua pelo meu pescoço e mordiscando o lóbulo da minha orelha.

Se eu estava quente àquela altura, agora eu pegava fogo de dentro para fora em um incêndio quilométrico.

— Regras – ofeguei, assim que ele voltou a dar atenção à minha boca. – Precisamos de regras.

— Certo – Guido passou a língua por meu lábio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inferior, sugando-o em seguida. Estava cada vez mais difícil raciocinar. – Regra número um: vamos fazer sexo até o Sol nascer.

Ele me ofereceu um sorriso que tinha a estampa “cafajeste” logo em cima.

— Temos... Ai, Deus – sua mão apalpou um dos meus seios e perdi o ar.

— Meu nome é Guido. Acostume-se a me chamar por ele essa noite – o sorriso devasso aumentou e sua boca percorria meu pescoço, descendo pela clavícula e deixando beijos molhados por onde passava.

— Temos que prometer que isso não vai atrapalhar nossa amizade, é sério. Somos...

— Somos só melhores amigos que vão fazer sexo até que não se lembrem mais quem são – Guido me interrompeu, se afastando poucos centímetros para me olhar nos olhos. Suas pupilas estavam dilatadas e os lábios vermelhos e inchados.

Nossas respirações ofegantes se misturaram em um ar quente e sedutor e todas as partes do meu corpo que estavam sendo pressionadas por ele

PERIGOSAS ACHERON

começaram a formigar em uma necessidade desconhecida.

— Se você quer que eu pare, diga agora, Nicole — avisou, a voz embargada pelo que entendi ser desejo cru e profundo. Eu também me sentia da mesma forma, sendo consumida pela vontade até que não restasse mais nada de mim.

— E então? — sussurrou, resvalando a ponta do nariz em minha bochecha. — Devo parar e fingir que isso nunca aconteceu?

E para deixar minha resposta mais difícil, ele colou a boca na minha mais uma vez. Um beijo lento dessa vez, sedutor, provocativo.

— Não vamos deixar que isso atrapalhe tudo o que já vivemos — Guido sussurrou, mordiscando minha boca de vez em quando. — É só sexo, certo?

Seu tom de voz me deixou na dúvida se ele tentava convencer a mim ou a si mesmo, mas com seus lábios cobrindo os meus daquele jeito e o corpo grande pressionado contra meus peitos, eu não tinha a menor chance de impedi-lo, pois eu queria aquilo tanto quanto precisava de água para

PERIGOSAS NACIONAIS

sobreviver.

— Certo. É só sexo, sem compromisso — murmurei, passando as mãos por seus ombros. Tão largos, tão tensos. — E podemos aderir aquela ideia de “o que acontece em Vegas, fica em Vegas.”

— O que acontece no cruzeiro, fica no cruzeiro — Guido disse, baixinho.

Bom. Parecia bom.

E seguro.

Seria apenas sexo sem compromisso, e somente durante nossos dias naquela viagem. Depois, tudo voltaria ao normal e nossa amizade permaneceria intacta. Sem drama, sem problemas.

— Gosto dessa ideia.

— Eu também — respondeu. — Gosto muito. Gosto demais.

Acabei sorrindo por constatar seu desespero. De alguma forma, parecia até mesmo maior que o meu próprio.

— Ótimo — falei, enlaçando seu tronco com minhas pernas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A dor no tornozelo pareceu sumir como fumaça com a adrenalina de transar com meu melhor amigo.

Guido rosnou meu nome quando ondulei meu quadril e rocei nossos sexos.

Deus, como ele estava duro. E como eu o queria dentro de mim.

— Acabamos com as regras? — ele perguntou, semicerrando os olhos e tencionando os ombros em busca do que parecia ser algum mínimo controle.

— Ah, sim, acabamos. Por agora, pelo menos.

— Garota cruel — grunhiu. — Cruel e linda. Tão linda.

Meu peito disparou e logo suas mãos estavam por todos os lados. Nas minhas coxas, bunda, barriga.

Guido apertava a carne com desespero e dedos firmes.

Sua boca já estava na minha mais uma vez e tudo o que eu conseguia pensar era que aquele beijo era completamente diferente do nosso primeiro. Naquela época, foi às pressas, com hesitação, algo apenas... morno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora, tudo em nós queimava e nossas línguas buscavam mais um do outro, querendo provar, explorar, sentir.

Ainda havia pressa, mas um tipo diferente. Não com o intuito de acabar logo e, sim, com a vontade de mais.

Céus, como eu o queria.

Eu o queria em todos os lugares, me enlouquecendo, me tirando o fôlego e me dando prazer.

Sua língua começa a brincar mais uma vez em minha pele e logo atíça meu descontrole, indo até minha orelha e mordiscando a área vulnerável.

Minhas costas se arquearam e meu baixo ventre se contorceu em excitação e expectativa pelo que faríamos.

Pelo que Guido faria comigo naquela noite.

Então, ele se afastou e ficou ajoelhado na cama, minhas pernas o rodeando com força.

Guido sorriu, de uma maneira tão sem-vergonha que o incêndio dentro de mim parecia querer pulsar para fora.

PERIGOSAS ACHERON

Há muitas roupas entre nós e pouco ar no quarto.

Acho que ele viu isso em meu olhar, porque suas mãos imediatamente tocaram a barra do meu vestido e lentamente foi subindo a roupa, desvendando minhas coxas e minha calcinha.

Os olhos castanhos brilharam de uma maneira que nunca tinha visto antes.

Sua boca se esticou em um sorriso satisfeito quando sussurrou:

— Eu sabia que seria vermelha, só não esperava que fosse tão pequena assim.

E como se estivesse tentando me matar de tortura, passou o indicador por toda minha extensão.

— Deus... — arfei em resposta.

— Guido. Já falamos sobre isso, foguinho. — Ele abaixou a cabeça para beijar por cima do tecido de renda. Tudo em mim se contraiu e minhas costas se arquearam. — Vamos, diz o meu nome — pediu, a boca ainda me estimulando por cima da calcinha. — Diz, Nicole.

Cerrei os olhos conforme ele brincava com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elástico do tecido, os dedos resvalando minha pele e meu ponto sensível com tanto cuidado que mais parecia o toque de uma pena me atijando, querendo me deixar louca.

— Guido. Guido, por favor.

Pude sentir quando ele sorriu contra minha pele e deixou um beijo bem no meu centro.

Minha calcinha estava mais molhada que a porcaria da piscina daquele navio.

— Vamos chegar lá – disse, baixinho, antes de erguer a cabeça e me encarar. – Quantas vezes você quiser.

Minha respiração estava ofegante e eu sentia que poderia morrer a qualquer minuto. Isso não o impediu de tomar minha boca em um beijo ardente e continuar subindo meu vestido até que estivesse completamente fora do meu corpo.

Ele imprensou-se contra mim. Seu peito roçando meus seios, a boca descendo até minha clavícula.

Sem pressa, ele abaixou as alças e em seguida o sutiã, erguendo um canto da boca antes de lambe um mamilo e abocanhar toda a área em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um grunhido escapou de sua garganta e aquele som só fez intensificar o meu desejo. Era um som animalesco, selvagem, puro e cru de quem está sentindo prazer. Ele só não poderia estar sentindo mais do que eu, pois sua língua fazia travessuras com meu seio, enquanto o outro recebia uma atenção especial de sua mão, apertando, roçando os dedos por todos os lados.

Eu sentia tudo. Cada toque, cada respiração dele contra minha pele.

Era delicioso e viciante.

Comecei a me contorcer nos lençóis de forma desajeitada. Nunca em minha vida alguém conseguiu me deixar tão molhada daquele jeito. Meus seios nunca receberam aquele tipo de atenção com tanta voracidade e carinho.

— Guido — seu nome saiu sem querer, em sussurro, enquanto eu tentava aproveitar cada pequeno choque que sua boca me trazia entre lambidas, chupões e mordidas.

Sua boca tremeu contra minha pele, um sorriso cínico se formando ali, eu tinha certeza.

PERIGOSAS ACHERON

— Que bom que aprendeu.

Então sua língua subiu por todo o meu colo, passando pelo meu maxilar e queixo antes de invadir minha boca mais uma vez.

— Agora – ele começou, entre um beijo e outro. –, eu preciso fazer você esquecer o seu nome, até que só se lembre do meu.

Arfei.

E, de repente, um instinto selvagem tomou conta de mim. Eu estava muito excitada, mais do que achava ser capaz.

Eu precisava dele. Precisava logo.

Consegui me sentar na cama brevemente apenas para arrancar o sutiã fora de vez e jogá-lo pelo quarto. Com o movimento, a luz do lustre quase me cegou.

Guido pareceu perceber, pois sua mão se esticou ao lado de minha cabeça e o estalo do interruptor veio meio segundo antes de todo o quarto se apagar.

Ambos olhamos para a varanda, onde a única claridade vinha para nos inundar. Uma luz

PERIGOSAS ACHERON

esbranquiçada e cheia, vinda da lua que nos observava sem vergonha alguma.

Talvez tão depravada quanto eu mesma me sentia naquele momento.

Quando voltei a olhar para Guido, sua atenção já estava toda em mim. Mesmo com a pouca claridade, ele me fitava, como se estivesse guardando na memória cada pedacinho meu.

Para minha surpresa, não senti vergonha.

Seus olhos brilhavam e queimavam, os lábios estavam separados e o vi engolir em seco.

— Puta merda, como você ficou gostosa – disse, enfim, e não perdeu tempo antes de trilhar beijos por meus seios até o umbigo.

Cada beijo deixava sua marca, uma trilha de fogo que me fazia contorcer sobre os lençóis.

— As coisas que quero fazer com você... – Um rosnado reverberou por sua garganta e tomou todo o quarto. – Deus, Nicole.

Suas mãos tiraram enfim minha calcinha e ofeguei quando sua respiração se chocou contra minha intimidade úmida. Uma sensação de quente

PERIGOSAS NACIONAIS

e frio percorrendo minha espinha e me dando dificuldade em respirar.

Ele me beijou lá. Tão intensamente que precisei morder a boca para não gritar.

Guido fazia movimentos circulares e firmes no meu ponto mais sensível, enquanto a língua travessa explorava cada centímetro de pele disponível.

Era... era... a melhor sensação do mundo.

Tudo em mim explodia e queimava, um formigamento subindo por todo o meu corpo, me tirando qualquer fio de consciência, qualquer... coisa que ainda restasse em mim que não fosse consumido por ele.

Então, ele veio. O orgasmo. Um orgasmo de verdade.

Ao menos eu imaginava que era isso, pois tudo em mim se contorceu e retorceu, minhas pernas tremeram e minha coluna ondulou em desespero. Um gemido alto escapou de minha garganta e eu mal conseguia manter os olhos abertos enquanto era levada do inferno ao céu em segundos. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensação de prazer percorrendo cada veia, cada terminação nervosa, cada pedacinho da minha alma.

Tudo, tudo era Guido naquele instante. Meu corpo o venerava. Eu o venerava. Porque aquela sensação... aquela sensação era extasiante, única e avassaladora.

Meu sexo estava dormente e meu corpo amolecido. Eu tentava puxar o ar com força pela boca quando consegui abrir um filete dos olhos.

Vi Guido me encarando. As mãos sobre meus joelhos, acariciando a pele com o polegar. Sua boca estava entreaberta, também com a respiração errática e pesada.

Ele passou a língua pelos lábios e uma expressão de prazer tomou sua face. Tudo em mim despertou mais uma vez com aquela simples cena.

Quando vi, minhas mãos estavam afoitas na barra de sua camiseta. Guido levantou os braços para me ajudar a tirá-la.

Estávamos ambos de joelho na cama agora e assim que o tecido se foi, me permiti beijar cada

PERIGOSAS ACHERON

pedacinho daquele tronco magnífico. O abdômen perfeito, a cintura estreita, o peito e os ombros largos.

Ele me deixou provar da sua pele. Uma mistura deliciosa de doce e salgado. Passei a língua por todos os lugares, apertando seus ombros e braços no processo.

Guido estremeceu e um rugido contido fez seu corpo chacoalhar.

Meu Deus, ele era o pecado em forma humana. Tão gostoso, tão bonito, tão vulnerável ao meu toque.

Gostei disso. Da forma que me senti desejada e no controle e da forma que o fiz se sentir tenso e desesperado conforme eu o provocava dessa vez.

Deitei-o na cama de costas. Guido sequer hesitou. Ele estava me deixando tomar o controle, fazer o que quisesse, dar prazer a ele da forma que eu escolhesse.

Continuei beijando todo o seu tronco, deixando beijos por todos os lados, até chegar ao cócs de seu jeans.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim como fez comigo, não tive pressa ao desabotoar a calça e passei a mão por toda sua extensão.

Enorme. Grandioso. Imponente.

— Caralho — ele ofegou, a respiração cada vez mais pesada e descompassada. Os olhos atentos ao movimento de minhas mãos.

Sorri, porque adorava aquele Guido à minha frente. Completamente à minha mercê.

Ele me ajudou a tirar o jeans pesado e praticamente chutou a peça para longe assim que conseguiu. Sua boxer branca denunciava todas as curvaturas que escondia ali embaixo.

Passei as pontas dos dedos no elástico e o abaixei, para enfim poder ver todo o seu poder.

Minha língua percorreu meus lábios, umedecendo-os. Eu queria prová-lo, assim como ele me provou. Senti-lo na boca, sugar cada centímetro e beijar cada pequeno pedaço.

Com essa vontade, me abaixei, deixando um beijo na cabeça.

O corpo inteiro de Guido se remexeu, tenso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei minhas mãos em seu abdômen liso, tão forte, tão perfeito. Mas isso não o acalmou, pois, todos os músculos se contraíram completamente quando o abocanhei de uma só vez.

Eu estava sentada entre suas coxas, completamente nua e excitada, me esfregando nele enquanto o chupava sem parar.

O gosto e a textura eram perfeitos. Tão macio e ainda assim tão imponente. Minha boca queria mais. *Eu* queria mais.

Guido, pelo visto, também. Pois seu quadril começou a se mexer de cima para baixo, acompanhando meu ritmo. Suas mãos seguraram minhas coxas e seus dedos se fincaram em minha carne.

Ele gemia palavras desconexas. Algumas eu identificava como o meu nome, outras pareciam apenas palavrões e súplicas.

De repente, um rosnado fez todo o seu corpo reverberar e suas mãos tocaram meu rosto para que eu o erguesse.

Quando meus olhos encontraram os dele,

PERIGOSAS ACHERON

ofeguei.

Havia tanto desejo em suas íris, em sua expressão como um todo, que minha garganta ficou seca e meu baixo ventre se incendiou mais uma vez. Dessa vez, com ainda mais força, se é que era possível.

— Você... é... tão, tão cruel — foi tudo o que disse, antes de me puxar e tomar minha boca em um beijo insaciável, insano e ardente.

Seu tronco nos virou e Guido agora estava em cima de mim. Em toda sua nudez incrível. Não. *Ele* era incrível. E me fazia sentir coisas que nunca experimentei.

Eu desejava mais. Muito, muito mais.

— Quero você — sussurrei.

Porque era verdade. Ou metade dela. Eu o queria, mas também *precisava* dele. Logo. O quanto antes. Imediatamente.

Guido sorriu com malícia e passou a língua pelo meu lábio inferior, o dedo indicador descendo lentamente por meu corpo, passando por minha barriga, rodeando meu umbigo e chegando ao seu

destino final.

Então ele passou o dedo lentamente por todo o meu sexo e meus pulmões, estômago e rins deram um salto cambalhota dentro de mim.

Pelo visto ele percebeu o quanto eu estava ansiosa por aquilo, pois sorriu satisfeito contra minha boca enquanto dizia:

— Você tá prontinha pra eu meter bem fundo em você. É o que você quer, Nicole?

Eu estava ofegante, desnorteada e abalada demais para pensar em qualquer outra coisa a não ser isso, ele metendo fundo em mim, me levando ao paraíso, tomando tudo de mim.

— Por favor, Guido – pedi com a voz embargada conforme ele fazia movimentos circulares em meu centro.

— Pedindo assim, como eu poderia recusar? – Seu tom era rouco e baixo. Ele também estava morrendo de tesão. Eu via isso nos olhos dele, chispando desejo e excitação naquelas íris castanhas.

Guido se afastou brevemente e pegou uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camisinha em sua carteira, cobrindo seu membro com tanta firmeza e maestria que foi quase um show para meus olhos.

Eu não conseguia tirar meus olhos dele. Guido era sexy de uma maneira que eu nunca tinha visto ao vivo e a cores. Incrível, maravilhoso, um homem de verdade.

E ele iria transar comigo. Transar até o Sol nascer, como prometera.

A adrenalina que ele desperta em mim me faz sentir mais viva do que estive nos últimos anos.

Minha respiração se intensificou com a expectativa, se transformando em algo curto e rápido. A dele estava densa e pesada, também ansiando pelo que faríamos a seguir.

Abri mais as pernas para que ele se encaixasse ali. Um convite mudo que ele logo atendeu.

Guido se encaixou entre minhas coxas e trilhou beijos começando por meu joelho e subindo até minha barriga, clavícula, queixo e enfim, minha boca.

Um beijo voraz, completamente faminto.

PERIGOSAS ACHERON

Então ele me invadiu. Cada delicioso centímetro.

E eu arfei, porque ele era grande, intenso, gostoso.

Seus olhos encontraram os meus, uma pergunta silenciosa aguardando uma resposta.

Ergui o quadril, convidando-o a ir mais fundo.

Guido me ofereceu um sorriso lento, presunçoso e lindo. E logo seus quadris estavam avançando e recuando em um ritmo lento, provocante.

Ele entrou devagar, indo contra mim em movimentos curtos, mas certos, fortes, como se estivesse conhecendo meu corpo, gravando a sensação na memória.

Enrosquei minhas pernas em seu tronco, precisando sentir mais, o choque entre nossos sexos, o roçar delicioso do seu corpo no meu.

Em um movimento instintivo, rebolei em busca daquele contato. Mais, mais, mais. Necessitava de mais.

— Porra, Nicole – Guido grunhiu e sua feição era de puro alarme, descontrole e desejo.

As estocadas se tornaram mais intensas, rápidas e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

profundas. Sua boca buscou a minha e me beijou com vontade. O único barulho lá fora era das ondas do mar quebrando no casco do navio, enquanto lá dentro daquele quarto, o som de nossos corpos se colidindo e o cheiro de sexo e suor nublava minha mente.

Eu já não sabia mais meu nome. Ou o dele. Ou o que éramos.

Tudo o que importava era aquela sensação, que queimava dentro de mim e me fazia explodir em milhões de pedacinhos.

Minhas costas arquearam, as pernas tremeram, meus braços o puxaram pelos ombros e eu gemi contra sua boca.

Não havia ar o suficiente ou qualquer resquício de razão naquele quarto. Só ele. Apenas Guido. Guido metendo em mim com força e me fazendo sentir tudo o que prometeu.

Mais três estocadas potentes e ele logo tinha os próprios músculos contraídos, uma expressão incrivelmente sexy em seu rosto com as linhas na testa e a boca inchada e entreaberta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que Guido chamou o meu nome, mas eu estava inerte demais para ter certeza. Meu corpo amoleceu e o cansaço chegou no mesmo instante em que seu corpo deitou sobre o meu, ofegante, suado e exausto.

Guido beijou meus lábios mais uma vez antes de se jogar ao meu lado na cama. Um braço em cima dos olhos e a outra mão na região do coração.

Nossas respirações sem ritmo algum eram o único som que preenchia o ambiente agora. Até que eu o senti se mexer perto de mim e Guido levantou para jogar a camisinha no lixo.

Me esforcei ao máximo para abrir os olhos e encará-lo.

Ele bagunçava os cabelos de forma nervoso e então seus olhos intensos sob a luz da lua se vidraram nos meus.

— O que houve? — perguntei, sentindo a garganta fechar.

Elealaria que aquilo foi um erro. Que nunca deveria ter acontecido. Que tínhamos perdido a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um desespero tomou meu peito e um buraco se formou em meu estômago.

Mas, então, diferente de tudo o que eu imaginava na minha cabeça, ele simplesmente disse:

— Eu preciso de mais.

E se aproximou, engatinhando pelo colchão como um gato sorrateiro e beijando minha panturrilha, subindo por meu joelho e coxa até chegar na minha intimidade sensível.

Chamei seu nome e enchi minhas mãos com seus cabelos enquanto ele começava a me dar prazer mais uma vez.

Como eu poderia ser capaz de resistir a um homem furiosamente sexy desse jeito?

Simples.

Não poderia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 5 – BUENOS AIRES)

Quando Nicole fez aquela proposta, achei que tinha ouvido errado ou que simplesmente havia enlouquecido de vez. Mas seu corpo se contorcia com meu toque em sua perna, os lábios finos se comprimiam toda hora e as pupilas estavam dilatadas. Se ela não estava excitada, então só poderia estar tendo algum surto neurológico e ela parecia bastante saudável ao meu ver.

Depois disso, a noite passou como um borrão enquanto eu realizava cada uma daquelas malditas vontades que andavam me atormentando nos últimos dias.

A verdade é que, se eu soubesse que transar com a minha melhor amiga seria tão bom, acho que teria colocado em primeiro lugar na minha lista de PERIGOSAS ACHERON

“coisas para fazer antes de morrer”.

Fomos dormir quando os primeiros raios de Sol invadiram a varanda, sem falar uma palavra qualquer. Estávamos exaustos demais para fazer qualquer coisa que não fosse respirar e deixar o sono vir.

Quando abri os olhos e senti um corpo colado ao meu, precisei de alguns segundos para lembrar exatamente o que tinha acontecido. E com quem.

Ao olhar para o lado e ver os cabelos vermelhos de Nicole espalhados por meu peito e travesseiro, senti todas as memórias da noite anterior invadindo minha mente.

Putá merda.

A cara dela quando atingiu o orgasmo e a boca dela me sugando e beijando...

Cacete, eu nunca poderia esquecer aquilo.

Seriam memórias que eu guardaria a nove chaves, porque sete não seriam o suficiente.

Estiquei a mão livre para pegar o celular na mesa de cabeceira. Já havia passado de meio-dia. Meu outro braço estava inabilitado, pois Nicole tinha se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acomodado em cima dele e dormia com um braço em minha cintura e uma perna embolada nas minhas.

Normalmente, quando eu acordava assim com uma garota, eu fazia questão de me mexer o suficiente para que ela acordasse e eu pudesse ir embora. Mesmo que eu deixasse claro minhas intenções, era comum que algumas garotas teimassem que eu poderia mudar de ideia e... sei lá, pedi-las em casamento e levá-las para uma lua de mel em Bali.

Mas com Nicole eu não precisava disso. Não havia nenhuma preocupação. E era um puta alívio.

Combinamos que seria apenas sexo sem compromisso e não poderia ter sido um trato melhor.

Nenhum clima estranho rolaria entre a gente, certo?

Ambos sabíamos que nossa amizade, todos os anos que vivemos juntos, valiam muito mais do que uma ou duas noites de prazer nu e cru.

Então... tudo ficaria bem. Não é?

PERIGOSAS ACHERON

Nicole começou a se mover e seu rosto se esfregou em meu peito. Ela estava naquele estado meio dormindo, meio despertando.

O aperto em minha cintura se intensificou e seu joelho subiu até roçar contra minha virilha. E... bem, acho que ela tomou um susto por eu estar... duro. O que é normal quando um espécime do sexo masculino acorda, independentemente de ter uma mulher nua embolada com ele ou não. Culpem a mãe natureza, ora!

Por fim, vi tudo em câmera lenta.

Nicole abriu os olhos no susto, olhou para minha cara e pulou do colchão, caindo de costas no piso de madeira.

Não aguentei e acabei rindo.

Não. Gargalhando era a palavra certa.

Até meu estômago doía e eu precisei pressioná-lo por alguns segundos.

— Para de rir, idiota — ela resmungou, se atrapalhando toda para levantar, enquanto tentava puxar o lençol para se cobrir.

Minha diversão morreu no mesmo instante em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que a vi de pé. Descabelada, a face vermelha e o corpo mal coberto pelo tecido fino.

Caralho, como ela é linda.

Nicole puxou com um pouco mais de força o lençol e só parou quando me descobriu, deixando meu membro completamente exposto.

Ela ofegou e se virou, me dando uma bela visão da sua bunda redonda. Fui atingido imediatamente por uma vontade insana de morder aquela pele branca.

Pelo visto ela percebeu que suas costas não estavam cobertas e tentou cobri-las. Ela estava nervosa, era compreensível. Bom, eu também estava, para ser sincero.

Eu poderia ter rido da sua forma desajeitada, mas a necessidade de tocá-la era mais pungente.

Fui até a beirada da cama e toquei as laterais de sua cintura.

— Você sabe que eu já vi tudo o que tem aí embaixo, certo? — comentei, agradecendo aos céus por ela não tentar fugir. — Inclusive, se você não se lembra, eu fiz muito mais do que ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicole arfou e eu identifiquei aquele som como o de alguém que se lembra muito bem do que fizemos na noite anterior.

— Desculpa — ela pediu, sem graça. — Acho que... hã... fiquei com vergonha, porque... você sabe... é... bom, você.

Virei seu tronco para que ficasse de frente para mim. Ela não titubeou e logo estava encaixada entre minhas pernas. Os lábios vermelhos e inchados de tanto que os beijei e mordi, os olhos com um brilho de medo, desejo e satisfação, as bochechas coradas e com pintas salientes por todos os lados.

— Quer conversar? — perguntei, sem conseguir controlar meus dedos de acariciarem aquelas curvas.

Ela fez que sim com a cabeça e suspirou fundo.

— Acho que precisamos mesmo fazer regras mais sólidas sobre isso.

— Certo — murmurei, me permitindo beijar sua barriga por cima do lençol.

Ela soltou um gemido baixo, como se gostasse.

PERIGOSAS ACHERON

Continuei beijando toda a área. Simplesmente não conseguia evitar.

— Assim fica... difícil – ela arfou quando desci um pouco mais a boca.

Suas mãos apertaram meus ombros e as unhas se cravaram em minha pele. Era interessante ver como seu corpo respondia ao meu toque. Eu gostava daquela sensação, das suas reações. Eram tão espontâneas, reais e... deliciosas.

— Talvez a gente devesse fazer outra coisa agora e pegar um lápis e papel para anotar as regras depois – sugeri. – Quero sentir sua pele. – E puxei o lençol para baixo, que desceu como uma cortina de seda, relevando aquele corpo incrível.

Passei os lábios pela barriga, agora sentindo sua verdadeira textura. Era tão macia, tão gostosa.

— Guido – Nicole chamou meu nome, mas não era repreensão e, sim, uma súplica.

Aquilo foi o bastante para eu me levantar e pegá-la no colo. Suas pernas me rodearam e eu a presei contra a parede.

Ainda bem que o quarto do lado era o meu e não

teríamos nenhum vizinho para reclamar do barulho.



Quem diria que a Nicole usando apenas a minha blusa poderia ficar tão sexy assim. Isso deveria ser contra lei ou algo do tipo.

Agora, ambos satisfeitos e exaustos mais uma vez, sentamos na cama para enfim conversar sobre... bem, tudo aquilo.

Graças a Deus, toda a vergonha que ela sentira mais cedo sumiu completamente depois que eu a fiz lembrar que conhecia cada cantinho daquele corpo esguio.

Mas, acima de todo o sexo e intimidade que tivemos nas últimas horas, éramos amigos desde sempre. Não havia motivo para desconforto.

— Já decidimos a regra número um sobre ser apenas sexo casual e somente durante a viagem, pra que não fique estranho quando a gente voltar pra casa — Nicole começou enumerando nos dedos. Concordei com a cabeça, esperando que continuasse. — A segunda regra é que ninguém pode

saber. Especialmente nossos pais. Se eles descobrirem, seria o caos na Terra!

— Céus, eles não podem nem desconfiar. Especialmente minha mãe, se não ela vai começar a preparar o casamento.

Nós dois nos encaramos com os olhos arregalados.

— Ela iria mesmo – Nicole comentou, assustada.

— Pois é. – Soltei um suspiro.

— Por isso é importante a gente manter esse segredo aqui. Não podemos levar isso pra nossa vida lá fora.

— Não vamos – concordei. Era realmente a decisão mais sensata. Ainda que a ideia de termos um prazo para transar me parecesse... desconfortável.

— Ótimo. Porque... – ela mordeu uma bochecha, parecendo apreensiva. Instintivamente, passei meu braço por seus ombros.

— O que foi, foguinho?

— Eu... – hesitou, mas inspirou fundo antes de continuar: – Fiquei com medo, sabe? Sei lá, da PERIGOSAS ACHERON

gente estragar nossa amizade. Ela é muito importante pra mim, Guido.

Meu peito se apertou e eu a puxei para mais perto. Dessa vez, mesmo que nua, eu apenas a queria perto para confortá-la. Para confortar a nós dois.

— Também tive medo – confessei.

Ela se ajeitou para me encarar. Aqueles olhos enormes me fitando com expectativa.

— Mesmo?

— Porra, muito. – Passei a mão pelo cabelo. – Mas acho que somos adultos o suficiente para lidar com isso.

Nicole se ajeitou novamente contra meu peito, pousando a cabeça em minha clavícula. Nossas respirações seguiam o mesmo compasso, como se fôssemos um corpo.

— Você tem razão. Sexo é só sexo, não vamos deixar que isso interfira na nossa amizade. Os dois estavam afim e, pelo menos pra mim, foi melhor do que fazer com um completo desconhecido sem intimidade nenhuma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que acontece no cruzeiro, fica no cruzeiro, certo? – falei, passando as pontas dos dedos pelo braço dela.

Nicole assentiu e sua mão tocou minha coxa. Subindo e subindo, acordando todo o meu corpo.

— O que acha de aproveitarmos enquanto podemos? – ela perguntou, travessa.

Mas como se revoltassem com a ideia, ambos os nossos estômagos roncaram ao mesmo tempo e acabamos caindo na risada.

— Talvez depois do almoço? – sugeri e ela assentiu, me dando um beijo estalado na bochecha antes de se levantar para colocar uma roupa.

Estranhamente, aquilo tudo parecia natural demais.

— Ah, tem mais uma regra – falou de repente, virando-se para mim.

Sua expressão era de puro sarcasmo.

Arqueei uma sobrancelha, curioso.

— E qual é?

— A cada batata frita que você roubar do meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prato, terá que me dar um orgasmo sem esperar nada em troca. – Um erguer de lábios vencedor salpicou em seu rosto.

Acabei jogando minha cabeça para trás e rindo.

— Acho que minha comida estará à salvo dos seus dedinhos pelo resto da viagem – ela sorriu, satisfeita.

Enchi os pulmões de ar e pulei para fora da cama. Coloquei a cueca e fui até a porta do banheiro, porém, assim que cheguei na entrada, olhei Nicole por sobre o ombro.

Ela parecia estar secando minhas costas e, provavelmente, minha bunda. Que danadinha que era a minha melhor amiga.

— Na verdade, foguinho, suas batatinhas continuam em perigo. E, agora, você também. Meus dedinhos têm muito trabalho a fazer ainda. – Pisquei um olho antes de me virar e fechar a porta.

Mesmo assim, lá de dentro, ouvi quando ela ofegou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 6 – MONTEVIDÉU)

O dia anterior não passou de saídas rápidas para comer alguma coisa e inúmeras horas explorando cada cantinho daquela cabine em uma posição diferente. Às vezes nos embolávamos na cama, outras vezes na banheira e, no final da tarde, estreamos até mesmo a varanda.

De alguma forma bizarra, tudo parecia extremamente natural. Como se o fato de já termos alguma intimidade entre nós ajudasse a fazer o sexo ainda mais... fenomenal. E fácil.

Era isso: era fácil transar com Guido.

Era fácil não precisar me preocupar com caras e bocas, ações e reações. O que significava estar ali, tocá-lo, beijá-lo. O nosso acordo era ótimo. Perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

Apenas sexo casual. Por tempo limitado. Uma experiência, certo? Assim como o cruzeiro como um todo nos oferecia.

Guido também parecia gostar daquele acordo. Inclusive, adorar seria uma palavra mais certa.

Eu sequer ficava na dúvida se ele estava aproveitando, como costumava ter um receio durante todo o meu namoro com Marco. Agora eu entendia porque o desgraçado quase nunca olhava para mim.

Mas Guido... eu o pegava me olhando em cada momento, cada segundo possível. Com ele, tudo parecia simples, mais... seguro de alguma forma. Não envolvia sentimentos, compromissos ou expectativas.

Era o que era e pronto.

Completamente diferente. Outra coisa.

Uma coisa... melhor.

Agora eu conseguia entender as loucas que viviam atrás do meu melhor amigo. O maldito era um tipo de Deus do sexo legítimo e, entre um orgasmo e outro, ainda me fez prometer que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia comer todas as minhas batatinhas pelo resto da vida.

Esse era o tamanho da loucura em que ele me deixava com as mãos, a boca, tudo.

Fizemos tanto, mas tanto sexo, que não tinha certeza se sobreviveria pela madrugada. Acho que o fato de termos um enorme cronômetro em nossas cabeças contando os segundos para aquela viagem acabar e, conseqüentemente, nossa amizade temporariamente colorida, fez com que uma vontade insaciável nos tomasse.

Porém, até as coisas mais prazerosas da vida têm suas conseqüências e meu corpo nunca ficou tão destruído como na manhã seguinte, no dia em que aportamos em Montevideú.

Guido parecia bastante ansioso para repetir o dia anterior, mesmo que eu não conseguisse entender de onde ele tirava toda aquela energia. Mas, sinceramente, acho que minha coluna se partiria ao meio se não descansássemos um pouco.

Além do mais, já tínhamos perdido um dia de passeio e eu não queria perder outro.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos tomar banho pra sair, então? — perguntei, pulando da cama.

Guido fez o mesmo, recolhendo suas roupas do chão.

— Sim, te vejo em vinte minutos, pode ser? — Caminhou até a porta da cabine.

— Ah, achei que ia tomar banho aqui — comentei.

Guido se aproximou sorrateiramente, ficando a poucos centímetros do meu rosto. O sorriso cheio de malícia que eu já tinha gravado no fundo do meu cérebro apareceu.

— Se eu tomar banho com você — murmurou, resvalando o nariz pela minha bochecha e descendo até minha orelha, onde mordiscou o lóbulo de uma maneira irritantemente sensual. — ... a gente não vai sair desse quarto tão cedo.

E mesmo com o corpo quase desfalecido, uma pequena chama surgiu em meu baixo ventre, no mesmo instante em que as pernas amoleceram com as lembranças do dia anterior.

Guido pareceu perceber tudo isso em meu rosto, porque sorriu travesso. O mesmo sorriso de menino

que eu conhecia bem.

— Até depois, foguinho. — Ele beijou minha testa e partiu, com tanta pressa que me fez pensar que se ele ficasse mais um segundo na minha frente, todo o passeio para Montevideu iria pelos ares.

E isso seria uma decisão mútua.



Me senti muito mais tranquila e confiante conforme andávamos pela Praça da Independência, pelo simples fato de que Guido e eu agíamos como os amigos de sempre pelas ruas da cidade.

Quem nos via de fora, jamais diria que entre quatro paredes fazemos as coisas mais perversas com o corpo do outro.

Enquanto conversávamos sobre lembranças do passado, o aniversário do meu pai que se aproximava, como ele gostava do próprio trabalho e outras coisas mais, eu sentia que Guido tinha razão. Éramos mesmo maduros e adultos o suficiente para lidar com tudo aquilo sem estragar as coisas.

Nossa amizade era a coisa mais importante para ambos, e não seriam algumas transas que mudariam isso. Nosso laço era muito mais forte do que qualquer desejo carnal.

Porém, de alguma maneira, estávamos mais... íntimos.

O que, claro, fazia total sentido. Depois de... bem, tudo o que fizemos. Pelados e tal.

E fizemos muito. Várias vezes.

Várias mesmo.

Era como se mais uma porta se abrisse para nós e pudéssemos ser cada vez mais sinceros um com o outro. Como se fôssemos capazes de conhecer um ao outro mais a fundo.

Eu gostava daquilo. Gostava de verdade.

Por isso que, ao final do passeio, quando decidimos sentar para tomar um café antes de retornar ao navio, perguntei:

— Qual foi o lugar mais bizarro em que você já transou?

Guido tomou um gole de seu expresso, me encarando sobre a borda com uma expressão

PERIGOSAS ACHERON

divertida.

A cafeteria era pequena e rústica, com quadros coloridos pelas paredes e apenas uma atendente que já deveria ter mais de cinquenta anos. Além disso, estava praticamente vazia.

— Humm, já fiz em alguns lugares bem duvidosos, mas acho que o mais diferente foi em um bote salva-vidas – ele respondeu, acenando com a cabeça.

— Uau. E eu quero saber como isso aconteceu?

Ele riu, levantando os braços para alongar a coluna. Os barulhos dos ossos se ajeitando ecoou pelo cômodo. Pelo visto, ele estava tão morto quanto eu.

— Um grupo de amigos me chamou pra sair de lancha com eles, mas quando chegamos até o meio do caminho, o motor pifou. O rádio não estava pegando bem, então as garotas começaram a ficar desesperadas. Não estávamos longe da praia e me ofereci de ir com o bote. Uma delas disse que iria junto e... foi isso.

Assenti, lentamente, beliscando um pedaço do

PERIGOSAS NACIONAIS

bolo de chocolate que veio acompanhando o café.

— Essa é uma história para os netos.

Guido ergueu um ombro e deu um sorriso orgulhoso.

— Sua vez – disparou.

— Minha vez o quê?

— Sua experiência sexual mais louca. Onde foi?

— Hã... acho que... na varanda.

— Na casa do Marco tinha varanda? E vocês fizeram mesmo com os vizinhos por perto? Uau, por essa eu não esperava, foguinho. – Piscou, divertido.

Acabei soltando uma risada baixa, negando com a cabeça.

— Não foi com o Marco.

Guido pareceu confuso, pendendo a cabeça para o lado.

— Mas, tirando o Marco, você só teve aquele babaca que tirou sua virgindade e... – E acho que a ficha caiu, pois seus olhos se arregalaram e a boca ficou escancarada. – Tá de sacanagem, né?

PERIGOSAS ACHERON

— Ué, não. — Torci a boca. — Qual o problema?

— Nossa, Nicole — suas mãos bagunçaram ainda mais os cabelos já rebeldes. — Que vida sexual monótona que você tinha. Vai me dizer que o Marco transava de meia também? — Bom... às vezes, mas... — Porra, ele usava *meia*, não é? Que desgraça!

Guido começou a balançar a cabeça de um lado para o outro. Uma mistura de pena e frustração a cada vez que seus olhos encontravam os meus.

— Você realmente vai ficar desaprovando minha vida sexual agora? — reclamei, fazendo careta.

De repente, sua expressão se tornou séria. Determinada.

Os olhos vaguearam pela cafeteria, os olhos semicerrados como um gavião prestes a encurralar uma presa. Eu quase podia ver as engrenagens girando sem parar dentro de sua cabeça.

Meio segundo depois, ele estava de pé e sussurrou em meu ouvido:

— Não vou ficar desaprovando sua vida sexual. Eu vou dar é um jeito nela — seus lábios tocaram de

PERIGOSAS NACIONAIS

leve a pele do meu pescoço, onde ele já tinha aprendido ser uma área sensível em mim. – Conta até dez e me encontra no banheiro lá atrás. Prometo cobrir sua boca com a minha pra ninguém te ouvir gritando meu nome. – E se afastou, como se não tivesse acabado de me convidar para transar loucamente em um lugar público.

Como se isso não fosse nem um pouco inconsequente, louco, espontâneo e... tentador.

Dez segundos depois, minhas pernas se levantaram automaticamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22



GUIDO
(CRUZEIRO – DIA 7 – ALTO MAR)

Fazer Nicole ter novas experiências sexuais acabou se tornando algum tipo de desafio pessoal.

Por Deus, ela merecia ter histórias mais interessantes para contar aos netos do que às vezes em que transou com o ex-namorado de meia enquanto ele provavelmente imaginava ela como um cara.

É, eu estava frustrado com o fato de nenhum homem ter valorizado Nicole pela mulher incrível que ela é. E, Senhor, aquela garota não tinha apenas o cabelo cor de fogo. Seu corpo inteiro era um incêndio e me queimava a cada toque.

Que delícia que era me afundar nela, lamber aquela pele pecaminosa e fazê-la se derreter na minha boca. Tudo o que eu conseguia pensar era

PERIGOSAS ACHERON

que tínhamos pouco tempo para que eu pudesse fazer todas as coisas obscenas que queria com Nicole.

Então, não havia tempo a ser perdido. Ainda que eu ficasse assado por semanas ou que mal conseguisse me manter em pé por alguns dias, trepar com a minha melhor amiga em cada chance durante aquela viagem era minha prioridade máxima.

É a mesma coisa se me falassem que eu nunca mais poderia comer pudim pelo resto da vida.

Putá merda! Eu acho que viveria de pudim por um mês inteiro, em todas as refeições, sem enjoar. Porque meu tempo com o pudim seria precioso e único e absolutamente prazeroso. Nicole, naquele último dia de viagem, era o meu pudim. E eu iria cair de boca e me deliciar quantas vezes pudesse.

Ela pareceu concordar com a ideia, pois depois de treparmos furiosamente naquele minúsculo banheiro da cafeteria, seus olhos tinham um brilho de luxúria que eram uma completa novidade para mim. Depois disso, Nicole quis experimentar sexo em alguns outros lugares bem... inusitados, como

PERIGOSAS ACHERON

no provador de uma loja de roupas e até na proa do navio em um momento que, por sorte ou ajuda do destino, ficamos a sós. Foi meio que uma paródia pornográfica de Titanic, por assim dizer. E não é por nada não, mas, na minha humilde opinião, nossa versão da cena era muito melhor.

Assim, a noite chegou em um piscar de olhos. Foi só então que percebi que nossas horas contadas estavam realmente terminando.

O navio chegaria ao ponto final na manhã seguinte e tudo aquilo que fizemos não passaria de uma lembrança distante e embaçada.

Se eu dissesse que aquela ideia não me incomodou, talvez meu nariz crescesse até chegar à África, mas trato é trato. E eu jamais poderia arriscar o que temos, ainda que uma vozinha irritante sussurrasse em meu cérebro de que poderíamos manter as coisas de forma casual no nosso dia a dia. Como se tivéssemos nascido para aquela amizade com vantagens, colorida e deliciosa.

Mas não seria justo. Nicole merecia um cara que pudesse lhe dar tudo. Ela sempre foi uma

PERIGOSAS ACHERON

romântica, mesmo que não demonstrasse com tanta facilidade. Mas, para quem leu com atenção cada palavrinha que ela escreveu em todos aqueles anos, saberia o que ela busca.

Nicole é do tipo de garota que quer um companheiro, alguém que possa oferecer compromisso, amor e paixão.

Então, tudo o que me restava era continuar com o plano e fazer valer a pena nossas últimas horas. É isso que um melhor amigo de verdade faria.

— Agora, para fechar com chave de ouro seu dia de experiências, tem um último lugar que quero te levar – murmurei contra sua orelha. Adorava como os pelos de seus braços eriçavam quando eu chegava perto daquela área vulnerável.

Girei Nicole até que estivesse frente a frente comigo, suas mãos espalmando meu peito em um gesto natural.

O sorriso que ela abriu era aberto, lindo e excitante ao mesmo tempo.

— Qual? – perguntou, animada.

— Vá botar seu biquíni, foguinho – sorri de

volta, sem conseguir me conter. – Vamos estrear a porra daquela hidro.

E quando eu digo “vamos”, é porque esse era um lugar que eu ainda não tinha provado também.



A lua estava alta no céu e a área da piscina estava completamente vazia. Além de ser noite, o frio que fazia em alto mar não era brincadeira e eu me sentia no Polo Norte com aquele vento frio da porra.

Podíamos nos considerar completos loucos, ou depravados, também serviria.

Nicole tremia um pouco e, por um momento, me arrependi de ter dado aquela ideia.

— Tudo bem? Quer desistir? – sugeri, recebendo um olhar quase mortal da minha melhor amiga.

— De jeito nenhum! – ela bradou, e em seguida mordiscou o canto da boca. A maldita ficava sexy quando fazia aquela porcaria. – Acho que vai ser o lugar mais legal – admitiu, sorrindo com confiança. Até que sua sobrancelha se ergueu e murmurou,

debochada: – Não me diga que tá com medo dele não funcionar no frio?

Uma risada sem humor algum escapou da minha garganta e não pensei duas vezes antes de jogar Nicole no ombro, dar um belo tapa naquela bunda redonda e caminhar até a merda da banheira de hidromassagem.

— Guido! – ela reclamou, provavelmente pelo susto.

— Sempre soube que você é cruel, foguinho, mas dessa vez não vou deixar passar. – Deslizei os dedos por sua coxa, até tocá-la lá.

Ela gemeu baixinho no mesmo instante e só aquele breve som foi capaz de acordar todo o meu corpo.

Já não existia mais frio ou vento, só o calor queimando dentro de mim e meu pau duro querendo se afundar nela.

Olhei para os lados, conferindo que não havia ninguém e, furtivamente, nos levei até a água quente e relaxante.

Nicole parecia um pouco nervosa, conferindo se

realmente não havia ninguém por perto. Quando constatou que estávamos sozinhos, relaxou, imergindo na hidro até o queixo.

Fiz o mesmo e me permiti fechar os olhos por um segundo. A temperatura estava perfeita e só era possível ouvir o som das ondas do mar, indo e vindo, se quebrando contra o navio e retornando à imensidão.

Aquele era quase como um paraíso particular.

Eu estava cansado. Não, morto. E naquela água quente, todo o meu corpo parecia mole, tranquilo.

Talvez por isso não percebi quando a água ao redor de mim começou a se mexer e mãos macias tocaram meus ombros em um carinho espetacular. O cheiro de Nicole me rodeava, a mistura do perfume, sabonete e seu próprio aroma.

Ameacei abrir os olhos. Queria vê-la. E tocá-la.

Céus... eu ainda queria fazer tantas coisas com ela.

— Shh, relaxa — Nicole pediu, passando as pontas dos dedos em minhas pálpebras. Sua boca começou a passear por meu rosto, beijando minha

testa, meu nariz, a bochecha e o canto da boca antes de enfim colar os lábios nos meus de uma maneira tão delicada que acho que meu coração perdeu uma batida. — Quero... aproveitar. Não temos pressa — ela avisou, descendo os beijos por meu pescoço, a clavícula e o ombro.

Deixei minhas mãos deslizarem pelo corpo dela. Sentindo com os dedos as curvas de seus seios e cintura. As medidas certas, perfeitas para as minhas mãos.

Toquei os laços laterais da parte inferior de seu biquíni e deixei que a peça se soltasse dela. Acaricieei sua bunda e a trouxe mais para perto.

— Isso é bom — sussurrei, quando ela sentou em meu colo, de frente para mim, e rodeou as pernas em minha cintura. A boca sem pressa ainda beijando cada pedaço de pele meu.

Abri os olhos, porque não aguentava mais a ideia de não vê-la. Eu queria guardar aquele momento e cada mínimo movimento dela na memória

Seus cabelos estavam molhados e grudado aos ombros e costas. A pele branca parecia levemente

prateada sob a luz do luar. Os olhos castanhos-esverdeados chispavam com o brilho das estrelas e seus lábios estavam levemente vermelhos e entreabertos, a respiração começando a pesar.

Acho que era a imagem mais linda que eu já tinha visto.

Meu rosto se aproximou do dela inconscientemente e logo eu a beijava de uma maneira que nunca beijei ninguém. Havia fome, sim. Mas havia algo mais. Algo que eu não compreendia.

Desvendi sua boca com a língua, como se aquela fosse a primeira vez que a explorasse. O gosto dela era incrível. Tudo nela era incrível.

O beijo durou muito tempo. Mais do que eu poderia contar.

Ofegantes, Nicole encostou a testa na minha e nossos olhos se encontraram. Fixos um no outro, uma confiança inabalável entre nós. Senti como se tudo o que vivemos juntos naqueles anos, servisse apenas para nos levar até ali.

Como se aquele fosse o momento pelo qual eu

esperei por toda a minha vida. Não fazia muito sentido. Nada fazia enquanto ela me olhava daquele jeito.

Nossas respirações se misturavam e o desejo dentro de mim aumentava, mas eu não tinha a menor vontade de correr com as coisas.

Minha sunga já me apertava, claro. Mesmo que uma parte de mim estivesse em completa tranquilidade, aquela parte do meu corpo parecia totalmente desperta e necessitada. Implorando por ela.

Nicole se ajeitou em meu colo, roçando nossos sexos de uma maneira que fez um frio percorrer minhas espinha.

— Tão cruel essa minha garota – sussurrei, passando a língua pelo seu lábio inferior.

Ela soltou uma risadinha doce e culpada.

— Sua garota? – ergueu uma sobrancelha, cínica.

— Você sempre será minha garota, Nicole.

Suas bochechas coraram e os lábios se comprimiram, segurando um sorriso.

Deixei que minhas mãos deslizassem por seus
PERIGOSAS ACHERON

braços em uma carícia lenta. Nicole suspirou em aprovação e senti seus pelos arrepiarem em resposta. Não resisti de beijá-la mais uma vez enquanto desfazia o nó da parte de cima do seu biquíni.

A peça saiu boiando, assim como a outra. E, agora, ela estava completamente nua, atrelada a mim, dividindo aquele momento sobre as estrelas comigo.

Era... diferente.

Diferente das outras vezes em que fomos levados pelo instinto e toda a necessidade de dar e receber prazer.

Dessa vez, não havia pressa. Não havia um desespero latente nos guiando para o fim. Havia apenas nós dois e um sentimento quente nos envolvendo além da água. Um sentimento estranho e... extraordinário.

Nicole enlaçou os braços em meu pescoço, os dedos brincando em meu cabelo. Sua expressão era serena, mesmo que suas pupilas denunciassem o seu desejo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é linda – sussurrei. – Linda demais. Sabe disso, não sabe?

O sorriso que ela me deu em resposta preencheu todo o meu peito de uma forma que eu achei que meus pulmões poderiam parar de funcionar.

— Você também não é nada mal – ela brincou, roçando o nariz no meu.

Seu quadril se movimentou contra o meu, em um rebolado firme, sensual e alucinador. Minha mão instintivamente desceu para a sunga, libertando meu membro para que eu pudesse enfim estar dentro dela.

E como se fosse a coisa mais natural do Universo, Nicole se encaixou em mim e desceu o corpo, deslizando completamente até eu estar dentro dela. Cada puto centímetro.

Gememos juntos e abracei seu corpo, colando-o ao meu. Eu a queria perto para senti-la inteira, o mais perto que a física permitisse.

Naquele instante, enquanto nos mexíamos juntos em busca do alívio, percebi que aquele era o momento de maior intimidade que eu já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

experimentei.

E a verdade é que, quando terminamos, senti medo de nunca mais experimentá-lo de novo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23



NICOLE
(CRUZEIRO – DIA 7 – ALTO MAR)

Guido estava dormindo, completamente exausto, na minha cama. Eu deveria estar fazendo o mesmo, porque meu corpo parecia que poderia se desintegrar a qualquer segundo.

Porém, meu inconsciente parecia insistente em enviar milhares de pensamentos desnecessários para minha cabeça e tudo o que eu conseguia pensar era em como aquilo que fizemos na hidromassagem havia sido... diferente.

Fizemos sexo, muito sexo, nos últimos dias, mas aquilo... aquilo não foi *só* sexo.

Pela primeira vez na vida, me senti como se estivesse de fato conectada com a outra pessoa, e não só no sentido carnal da coisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi um sentimento esquisito e novo, uma vontade maior que o mundo de continuar ali, naquele banheira, nos braços dele. Nos braços de Guido.

Aquele que voltaria para a zona da amizade em algumas horas e eu nunca mais poderia pensar nele como algo além disso, como o meu melhor amigo e só.

Por isso que, ao mesmo tempo, foi assustador o que fizemos juntos naquela hidro. Porque era mais profundo, mais íntimo, mais... real.

E ambos sabíamos que aqueles dias que passamos juntos eram tudo, exceto real.

Quando ouvimos vozes se aproximando e começamos a nos vestir rapidamente, um vazio enorme me preencheu e todo o meu corpo foi tomado pelo frio da noite. Não me senti desolada daquela forma nem quando descobri a traição de Marco. Nunca havia me sentido tão desamparada daquele jeito nem mesmo quando precisei aceitar meu bloqueio criativo.

Acho que eu estava em choque, com medo do que a angústia poderia significar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas, para o meu alívio, todos aqueles sentimentos confusos e conflituosos passaram quando reconhecemos as vozes de Viviane e Yuri próximos a nós.

Os dois andavam de mãos dadas em direção à outra extremidade do convés e, mesmo que com baixa iluminação, vimos com clareza quando ambos começaram a se pegar e se amassar ferozmente em um canto escuro.

Guido me encarou, tão surpreso quanto eu, e precisamos segurar uma risada cúmplice enquanto nos afastávamos do novo casal a passos silenciosos.

— Droga, eu tinha planos de fazer coisas bem sujas com você naquele canto — Guido disse, fingindo frustração.

Acabei rindo, dando um leve tapa em seu peito.

Internamente, agradei como uma santa fervorosa pela novidade inesperada de ver aqueles dois juntos, pois foi o bastante para nos fazer esquecer o que havia acontecido naquela hidromassagem pouco antes. Entramos logo em uma conversa sobre teorias de como Yuri e Viviane terminaram juntos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e, assim que chegamos no quarto, não demorou nem cinco minutos para Guido cair no sono.

E, agora, lá estava eu, sentada na cadeira da varanda encarando a lua, enquanto ela me encarava de volta, provavelmente me julgando por ser tão covarde a ponto de não querer entender o que se passava dentro do meu coração. O problema era a resolução que eu poderia chegar e as consequências que viriam a seguir.

Eu estava em uma zona perigosa demais para entrar. E eu sabia que, uma vez lá dentro, não haveria volta. Por isso, tentei apenas me desligar do mundo, da vida, da ideia de que o dia seguinte chegaria e faria tudo voltar ao normal.

Um normal que eu ainda não me sentia preparada para encarar.

Olhei os céus mais vez e soltei o ar devagar. O mesmo céu que presenciou nós dois, em nosso maior momento de privacidade. As estrelas nos rodeando como pequenas luzes curiosas, observando aquela ligação peculiar e simples que compartilhamos como se fôssemos feitos para aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos nos meus, a boca na minha, as mãos em todos os lugares certos.

Meu peito doeu com a lembrança.

“Você sempre será minha garota, Nicole”, as palavras percorreram meus pensamentos, sem nenhuma permissão. Apenas surgiram, como um lembrete de tudo o que éramos e tudo o que somos.

Sua garota. Eu era mesmo a sua garota. Sua melhor amiga, sua confidente, sua parceria e até sua amante.

Mas era isso.

Eu era até onde ele me permitia ser. E eu conhecia Guido bem o suficiente para saber que aquele era o nosso limite.

Guido é uma pessoa incrível, que amo e admiro com cada molécula do meu ser. Mas também é alguém que não busca compromisso, não busca sentimentos, não busca nada mais profundo do que sexo casual.

E foi exatamente isso que combinamos em nosso tempo aqui, nessa viagem. Uma viagem que deveria servir para me ajudar a descansar e

PERIGOSAS ACHERON

reavaliar toda a minha vida, minha carreira, meus sonhos, meus objetivos.

Só que tudo o que eu sabia fazer, já não existia mais. Havia partido há anos e me deixara apenas um buraco, uma ausência e um sentimento de incapacidade.

Isso, pelo menos, até Guido me fazer sentir tão viva quanto eu jamais tinha me sentido. Os últimos dias foram cheios de aventuras, experiências e sensações.

Foram dias inesquecíveis que eu gravaria na memória pelo resto da vida e eu só podia agradecer a Guido por aquilo. Por tudo.

O grande problema é que uma parte de mim teimava em dizer que não era o suficiente, que eu precisava de mais.

E essa parte de mim fazia meus dedos coçarem.

Coçarem...

Eles estavam mesmo coçando. Uma sensação que eu conhecia bem, nostálgica e familiar.

Engoli em seco conforme as palavras inundaram minha mente e corri para a mesa do quarto,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acendendo o abajur e puxando uma folha e uma caneta antes que fosse tarde.

Se eu soubesse pintar,

te eternizaria na tela da minha memória.

Se eu soubesse cantar,

te gravaria nas melodias das minhas lembranças

Se eu soubesse dançar,

te moldaria ao meu movimento.

Se eu soubesse voar,

deixaria que a vida me jogasse ao vento.

Mas eu só sei escrever

e palavras não parecem o suficiente para dizer

tudo o que eu quero ou espero de mim.

E de você.

A caneta caiu na mesa e, mesmo que o som de seu baque fosse tão ínfimo, em minha mente ecoava um estrondoso baque.

Meus olhos percorriam cada letra, cada palavra e cada linha sem acreditar que eram minhas. Completamente minhas. Aquilo era eu. Eu de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As lágrimas começaram a cair sem se importar em molhar o papel. Os sentimentos confusos que pulsava em minhas veias, agora se misturavam a uma felicidade e um alívio sem igual.

Depois de anos... eu havia conseguido, enfim, escrever algo.

Eu estava transbordando, de dentro para fora, de fora para dentro, de todos os malditos lados! Senti como se uma barreira houvesse sido quebrada e que a luz no fim do túnel era quente e acolhedora.

Mais palavras vieram, tão fortes quanto as ondas quebrando lá fora, inundando tudo o que eu tinha, tudo o que eu era, e me deixei levar por aquela sensação que eu conhecia bem. Meu dom, minha habilidade, meu prazer em escrever.

Meu bloqueio se quebrava cada vez mais, a cada palavra que eu colocava no papel, dando espaço para que eu fosse eu mesma mais uma vez, enquanto que a alegria de fazer o que amo fazia meu peito explodir em milhões de pedacinhos.

Mais alguns versos saíram e eu amei cada um deles com tudo de mim. Sequer me lembrava a falta

PERIGOSAS ACHERON

que sentia daquela sensação, da escrita, daquele sentimento de me dar por completo às palavras.

Era quente, aconchegante e íntimo.

Quando a última frase foi finalizada, me permiti fechar os olhos, realizada, e encher os pulmões com o cheiro de maresia, que de maneira sutil se misturava ao de Guido.

Me deixei observá-lo enquanto dormia, tão pacífico e lindo que fez meu pulso acelerar.

A brisa que vinha lá de fora era morna, a lua continuava no alto me observando e as estrelas percorriam os céus em festa.

De repente, suas pálpebras tremeluziram sob a luz fraca que vinha da varanda e logo os olhos castanhos me fitavam em clara sonolência.

Então, Guido sorriu. Apenas um simples esticar de lábios, mas tão incrível que fez tudo em mim se arrepiar.

Ele esticou os braços em minha direção em um convite mudo.

Um que aceitei sem hesitar.

Desliguei o abajur e me deixei deitar junto
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquele corpo quente, que me aninhou entre os braços e me colocou para dormir em um sono profundo e satisfeito, enquanto uma voz fraca dentro de mim rezava para que o amanhã nunca chegasse.

Mas ele chegou mesmo assim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

GUIDO

Já havíamos retornado para casa há uma semana e ainda não tinha conseguido encontrar uma maneira de falar com Nicole sem que uma parte do meu cérebro insistisse em tentar seduzi-la e mandar nosso acordo pelos ares. Seria um puta egoísmo da minha parte, então, precisei encontrar uma forma de me conter até que aquela vontade de levá-la para cama passasse.

Porque em algum momento iria passar, certo? Tudo passa. É a lei da vida.

Ainda que eu quisesse muito ficar com ela mais uma vez, quem sabe *algumas* vezes, a verdade é que de nada adiantaria prolongar aquilo entre a gente. Afinal, estaria fadado a terminar de qualquer jeito em algum momento, quando ela encontrasse

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém que gostasse. Então, só acabaria sendo muito mais difícil parar lá na frente.

Eu só estava meio que... sei lá, mal-acostumado, talvez.

Provavelmente era normal precisar de um tempo para digerir tudo depois daqueles dias intensos.

Ela também não tinha me mandado sequer uma mensagem e tentei, inutilmente, não me sentir decepcionado. Nicole deveria estar passando pelo mesmo processo de desintoxicação. Acho que precisávamos disso antes de voltar a ser o que éramos.

Caí de cabeça no trabalho para evitar pensar no assunto. Evitar pensar *nela*, para ser mais específico. Na forma como ela franzia a testa antes de atingir o orgasmo ou como gemia meu nome depois disso. Na sensação de sua boca na minha e como sua pele parecia macia sob meus dedos.

Eram muitas coisas para esquecer. E mais difíceis do que eu jamais poderia imaginar. Meus esforços não pareciam estar adiantando de porcaria nenhuma.

PERIGOSAS ACHERON

Até que o final do expediente de sexta-feira chegou e a Mirela, do RH, se aproximou:

— E aí, Guido – ela apoiou os braços no balcão de frente a minha mesa. – Queria saber como foi lá no cruzeiro. Se divertiu?

Ótimo... exatamente sobre o que eu queria falar. Só que não.

— Foi legal.

Ela torceu a boca, parecendo decepcionada pela minha resposta curta.

Seu dedo indicador deslizou pela beirada do meu monitor, lentamente.

— Sabe, eu tava pensando em fazer um cruzeiro ano que vem. Se você pudesse me contar melhor sua experiência, talvez me ajudasse na decisão. O que acha de tomarmos uma cerveja hoje pra conversar sobre sua viagem?

Mirela abriu um pequeno sorriso contido e ajeitou os óculos na ponte do nariz.

Não era de hoje que ela tentava puxar papo comigo e, apesar de ser muito gostosa com os olhos azuis, cabelos loiros e um corpo cheio de curvas,

PERIGOSAS ACHERON

nunca gostei muito de misturar a vida pessoal e profissional. Sabia que essas paradas nunca davam certo e a última coisa que eu precisava era me meter em uma cilada em pleno ambiente de trabalho.

Por isso, uma desculpa esfarrapada já estava na ponta da língua quando uma mensagem piscou na tela do meu computador.

CARA, SE VOCÊ NÃO SAIR COM A MIRELA, EU JURO QUE VOU HACKEAR SUA CONTA NA STEAM E VENDER TODOS OS SEUS ITENS.

Era o Eric, o cara que trabalhava comigo no desenvolvimento e aquele que me deu seu ingresso para o cruzeiro para que eu levasse Nicole em seu lugar.

E, sim, estava tudo em caps lock mesmo. E o maldito ameaçou minha conta de jogos. A ameaça era séria.

Revirei os olhos e logo mais uma mensagem piscou:

Olha, você tá com uma cara de cu desde que voltou de viagem e pela primeira vez em anos eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não ouvi nenhuma história de putaria sua essa semana. Não sei o que tá rolando, mas mesmo que seja só pra se distrair, aceita o convite dela. Toma uma cerveja, bate-papo e vê o que rola. Sem pressão. Espairecer a cabeça nunca é ruim.

Bom, por mais que eu odiasse admitir, Eric tinha certa razão. Uma distração talvez fosse boa. E não era como se eu tivesse qualquer coisa para fazer além de continuar tentando, sem sucesso algum, tirar Nicole da minha cabeça.

Suspirei fundo e encarei Mirela, que ainda me olhava com expectativa.

— Claro. Vamos, sim — respondi, esperando não me arrepender daquela decisão quando os olhos azuis brilharam e um sorriso de orelha a orelha surgiu no rosto dela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25



NICOLE

Eu não sabia como, mas meus dedos simplesmente não paravam de cuspir palavras para o computador. Passei a semana inteira imersa entre versos, contos e poemas, como eu não fazia há anos.

A maioria das frases não fazia muito sentido, no entanto eu gostava do que saía ainda assim. Pelo simples fato de sair.

Porra, eu estava de volta à escrita!

Céus, eu me sentia livre de novo. Desimpedida. Cheia de sentimentos e emoções borbulhando como bolhas de sabão de meus dedos para os ares.

Tudo o que eu tinha que colocar para fora estava simplesmente vazando de dentro de mim como uma cascata incansável. E a cada palavra digitada, eu

PERIGOSAS ACHERON

me sentia mais leve, mais pura, renovada e cheia de esperança.

Acho que apenas por isso não me incomodei tanto por Guido não ter enviado uma mensagem. Ele deveria estar ocupado, certo? Eu também estava, afinal.

Claro que não nos falávamos todo santo dia como se fôssemos parte de uma seita secreta com planos para dominar o mundo, mas uma semana sem trocar sequer meia palavra era realmente inédito.

Mas eu não podia perder tempo pensando nisso. Não podia deixar que a cascata secasse. O que tivesse que sair, deveria sair. Aquele podia ser mesmo o fim do meu bloqueio e nada, absolutamente *nada*, me tiraria da frente daquele computador.

— Chega! — Helô bradou, desligando meu monitor e puxando consigo meu mouse e teclado sem fio.

— Ei, o que você tá fazendo?

Tentei pegar as coisas de suas mãos, só que a maldita as escondeu atrás das costas. Sua expressão

não era nem um pouco amigável, mas a minha não deveria ser muito diferente.

— Porra, amiga, eu preciso continuar. Me devolve logo!

Ela negou com a cabeça freneticamente, a franja em sua testa se mexendo de um lado para o outro com o movimento.

— Não, Nicole, chega! Você passou a porcaria da semana inteira vidrada no computador. Fico feliz que esteja conseguindo escrever e, como sua agente, eu deveria te incentivar a continuar, só que, como sua amiga, não posso deixar você se transformar em um vegetal digitante que sequer come ou dorme direito.

— Mas...

— Nada de *mas*, mocinha! – ela soltou um longo suspiro. – Me preocupo com você e realmente acho que precisa espairecer, trocar um pouco os ares. Minha proposta é o seguinte: vamos sair, eu e você. Abriu um barzinho novo que falaram que tem a melhor batata com cheddar e bacon da cidade e... – Ela soltou uma risadinha divertida. – Pela baba que

tá escorrendo agora da sua boca, acho que você tá afim de provar.

Sorri amarelo e passei a língua pelos lábios.

Um prato cheio de batata com queijo e bacon era sempre uma boa pedida. Helô sabia como me ganhar. E a última vez que eu tinha comido batata frita foi...

Ah, certo...

Com Guido, no cruzeiro. Ele roubou quase todas as minhas.

E compensou cada uma delas depois...

— Ei, Nick, tudo bem? Você tá um pouco vermelha, parece um pouco febril.

Pigarreei, afastando aquelas lembranças. Elas deveriam estar escondidas em uma caixa de Pandora lá no fundo do meu inconsciente e eu sequer deveria lembrar que existiam.

Infelizmente, na prática é muito mais difícil do que na teoria. Igual a tirar a carteira de motorista. Na hora de fazer o teste teórico, gabaritar é moleza. Agora, vai fazer baliza com dois instrutores te pressionando e um cronômetro na sua cabeça...

— Tá tudo bem, relaxa – respondi.

— E aí, vamos, então? Espairar um pouco, jogar papo fora, coisa e tal.

Assenti, porque espairar parecia uma boa ideia.

Na verdade, qualquer coisa que não fosse pensar em Guido parecia uma ótima ideia.



O barzinho era mesmo legal e estava cheio pelo fato de ser sexta à noite.

As mesas de madeira escura eram altas, pequenas e redondas. Comportavam no máximo quatro já apertados. Ao fundo, uma música de rock antiga tocava e os garçons corriam de um lado para o outro com baldes de cerveja e pratos fundos com o que parecia ser as famosas batatinhas.

Minha boca salivou no mesmo instante. Aquela semana tinha mesmo sido cansativa, apesar de produtiva. Vivi praticamente de torradas e café e meu estômago não parecia muito contente com isso.

— Cacete, chegamos bem no *happy hour*, por

PERIGOSAS ACHERON

isso tá lotado. Aaah, mas olha, bem ali, acho que tem uma mesa vazia. Vem! – Helô pegou meu pulso, nos espremendo entre as pessoas no caminho, até chegarmos ao fundo do bar, onde de fato havia uma pequena mesa, mas com apenas uma banquetta disponível.

Helô pediu que eu segurasse a mesa enquanto procurava outra cadeira para nós.

Porém, ao me aproximar mais alguns passos, avistei a última pessoa que eu esperava encontrar.

Guido.

E, claro, uma garota.

Ela tocava no braço dele enquanto ele virava uma caneca de cerveja.

Contato físico. Sinal de que estava interessada.

Guido pousou o copo na mesa e... ergueu o canto da boca em um meio sorriso.

Devia estar interessado também.

Porra, claro que estava. Ela era mesmo bonita. Bonita demais.

Eu não deveria ficar tão surpresa. Era Guido,

afinal. Era o que ele fazia. Saía com garotas para se divertir e terminar a noite em sexo casual. Provavelmente seria o que os dois fariam em poucas horas.

E mesmo que eu não quisesse admitir, algo em mim murchou.

Meu estômago embrulhou e um vazio se instaurou no meu peito onde há poucos segundos meu coração batia.

Helô se aproximou e, por sorte, não reparou em quem eu estava olhando. Claro que eu não havia contado nada sobre o que aconteceu com Guido no cruzeiro. Aquele era o nosso segredo e deveria morrer com a gente no túmulo.

Porém, minha amiga me encarou preocupada e perguntou:

— Você tá com uma expressão abatida. Tá passando mal, Nick?

— Acho que sim – respondi, confusa. Porque algo em mim não parecia certo. Eu só não sabia exatamente o quê. – Desculpa, amiga, mas podemos ir pra casa? Acho que não tô muito bem

PERIGOSAS NACIONAIS

pra comer batatinhas.

Talvez eu não conseguisse comê-las nunca mais...

E, sem perguntar mais nada, Helô acenou com a cabeça e nos levou de volta para a saída daquele bar.

Agradei aos céus quando cheguei na minha cama e me permiti chorar baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26



GUIDO

Mirela tinha mesmo algumas perguntas sobre o cruzeiro e até que o papo estava legal, no entanto que, quando ela tocou meu braço e sugeriu que tinha um vinho ótimo no apartamento dela, eu cogitei seriamente aceitar.

Mas, então, bastou o pensamento de beijar aquela boca ou fazer mil e uma coisas com seu corpo, que tudo pareceu completamente errado e meu sorriso se desmanchou.

Acho que foi a primeira vez na vida que recusei sexo fácil com uma garota linda de morrer.

Fui para cama tentando me convencer de que foi apenas pelo fato de trabalharmos juntos e eu ter minha própria regra sobre não me envolver com mulheres do trabalho. Não tinha nenhum outro

motivo, com certeza.

No dia seguinte, me senti inquieto, checando o celular de meia em meia hora. Nenhuma mensagem da Nicole até então. Queria conversar com ela, falar sobre o bar que tinha ido ontem e contar sobre as batatas incríveis que provei. Ela ia adorar aquela bomba calórica de cheddar e bacon.

Também queria ter certeza de que as coisas estavam bem entre nós. Mas por que não estariam? Claro que estavam, certo? Só tivemos uma semana atarefada. Faz parte, isso deixa as pessoas um pouco alheias mesmo. Ainda assim, queria ouvir sua voz. Cristo, eu gostaria até de ouvi-la me xingar por roubar sua comida.

Mal conseguia parar de retorcer os dedos. O que tinha de errado comigo? Se eu queria tanto assim falar com a porcaria da minha melhor amiga, por que simplesmente não mandava uma mensagem? Isso nunca foi um problema.

Bufei enquanto pescava o celular de cima da mesa. Eu iria falar com ela agora e tudo estaria bem. Eu sabia que sim.

Mas, assim que coloquei o aparelho em mãos, ele começou a vibrar com uma ligação. Uma parte de mim prendeu o ar antes de visualizar quem era do outro lado da linha e essa parte murchou quando viu o nome da minha mãe estampada na tela.

— Oi, mãe. Tudo bem?

— Oi, querido. Tudo bem, sim. Só estou te ligando para lembrar do almoço de aniversário do Manuel amanhã, não se esqueça.

E claro que, com tudo o que eu tinha na cabeça, já havia me esquecido do aniversário do pai de Nicole.

— Claro, mãe. Pode deixar. Estarei lá.

— Ótimo, meu amor. Tanto eu e seu pai quanto a Lúcia e o Manuel estamos loucos para saber da viagem. Você e a Nicole nem nos contaram nada desde que voltaram.

Ai, Deus.

— Foi legal, mãe. Nada de especial para contar.

— Bom, amanhã falamos sobre isso, tudo bem? Preciso preparar o almoço do seu pai. Te vejo amanhã.

— Certo. Até amanhã.

Desliguei a chamada e encarei o celular em mãos.

Eu veria Nicole amanhã, ao vivo e a cores. Escutaria sua voz, beijaria seu rosto e a provocaria durante todo o almoço como fazíamos desde que nos entendemos por gente.

Só que, diferente de todas as outras vezes, eu nunca me senti tão ansioso por isso.



Era sempre uma nostalgia chegar no bairro em que cresci. As ruas arborizadas pareciam as mesmas, assim como as casas de cores diferentes.

Passei pela casa dos meus pais no caminho, que ficava há apenas uma quadra antes da casa dos pais de Nicole. Aqueles quatro eram tão ligados que moravam até no mesmo quarteirão.

Saltei do táxi assim que chegamos à entrada e me permiti observar as paredes de um tom salmão. A mesma cor desde que me entendo por gente. Aquele lugar sempre foi como uma segunda casa e eu conhecia cada cantinho do terreno. Quase podia

ver eu e Nicole correndo pelo pequeno jardim da entrada, lembrando da vez em que a mongoloide conseguiu cair em cima da roseira da mãe durante uma brincadeira de pique-pega.

Sorri com a lembrança. E, principalmente, da imagem da bunda de Nicole cheia de espinhos. Tinha sido uma queda feia e seu rosto ficou tão inchado de chorar que a pele se igualou a cor dos cabelos.

Precisei comprar um litro de sorvete de chocolate para ver se ela se acalmava. Sua compulsão por doces começou a partir desse dia.

Vinte anos depois, aqui estávamos. Para mais um dos milhares de almoços que compartilhamos nessa mesma casa. Só uma situação corriqueira de sempre.

Só que não.

Eu me sentia estranho. Ansioso, nervoso e uma lista de outras dezenas de sentimentos que eu não sabia catalogar.

Queria ver Nicole. Queria tocá-la, ainda que fosse em um abraço simples. Queria conversar com

ela, saber como andava as coisas, o que fez naquela semana. Cacete, queria apenas passar algum tempo com a minha melhor amiga.

Porque isso era o que eu tinha de mais precioso na vida.

Ela era o que eu tinha de mais precioso na vida.

Caminhei até a porta branca e toquei a campainha, tentando ignorar a sensação de suor por toda a minha mão.

Não fiquei surpreso quando minha própria mãe me recepcionou, com os cabelos curtos castanhos e os olhos alegres de sempre. A casa era tão dela quanto da Lúcia.

— Entre, meu amor, entre. A Lúcia está colocando a mesa com a Nicole.

Engoli em seco somente com a menção do nome dela.

Deus, eu sou patético. Por favor, jogue uma bigorna na minha cabeça agora.

Minha mãe me guiou até a sala, onde meu pai e Manuel assistiam algum jogo na televisão.

— Guido – meu pai chamou, se levantando do

PERIGOSAS ACHERON

sofá bege para dar alguns tapinhas em minhas costas. Seus cabelos estavam um pouco mais ralos desde a última vez que o vi. – Chegou bem na hora, o almoço já está saindo. Quer uma cerveja?

Sorri, apertando seu ombro.

— Acho que você já tomou todas, não? – Encarei sua barriga, definitivamente maior também.

Manuel gargalhou do amigo, enquanto meu pai resmungava algo sobre começar a caminhar na semana que vem sem falta.

— Parabéns, tio Manuel – falei, dando um abraço forte naquele que era meu segundo pai. Ele era um pouco mais baixo e tinha um sorriso largo. Os olhos pareciam cansados, apesar de terem o mesmo brilho e cor dos de Nicole. – E então, está fazendo quantos anos? 102?

Seu corpo chacoalhou com a risada e meu pai o acompanhou, falando que o amigo estava mesmo acabado.

Minha mãe nos chamou em seguida, avisando que o almoço estava servido e nos encaminhamos para a mesa de madeira grande. Aproveitei para dar

um beijo na bochecha de Lúcia em cumprimento. Em resposta, ela apertou meu rosto com tanto carinho que quase me deixou deformado.

— Vamos, sentem-se todos. Nicole está abrindo um vinho para nós e já vem. — Dito isso, nos acomodamos em nossos lugares. Os mesmos desde que me entendo por gente.

Meu pai e Manuel sentaram ambos na cabeceira, enquanto minha mãe sentava ao lado do meu pai e Lúcia ao lado do marido. Na outra extremidade da mesa, eu e Nicole deveríamos nos sentar juntos, lado a lado.

Só que nenhum sinal dela até o momento.

Estiquei o pescoço, os olhos vidrados na porta da cozinha, esperando que ela saísse.

E... nada.

Ruídos e resmungos saíram do cômodo e, assim que reconheci sua voz, meu corpo pareceu travar. Eu estava respirando? Não tinha tanta certeza.

— Nicole, filha, por que a demora? — Lúcia perguntou, franzindo a testa.

E então ela apareceu na porta em um vestido

PERIGOSAS ACHERON

branco soltinho, a respiração pesada e o lábio inferior entre os dentes. Tão linda.

Putá merda, eu tinha esquecido o quanto ela é linda. E gostosa. E, céus, eu quero tocá-la. Quero tocá-la em cada pedacinho.

— Eu... hã... não estava conseguindo abrir o... vinho. — Levantou a garrafa na altura dos ombros.

Seus olhos cruzaram com os meus e um brilho de pânico saltou de suas íris. Era aquele mesmo olhar de quando sua bunda atingiu os espinhos da roseira: dor, tensão e desespero.

Acho que eu parecia nervoso também, porque seu pai disse:

— Você nem cumprimentou o Guido, querida. Acho que ele já estava com saudades. Olha como seus dedos estão batendo na mesa. Isso é ansiedade, filho. — Manuel brincou e todos riram.

Exceto eu e Nicole. Por sorte, ninguém pareceu notar.

Nicole forçou um sorriso, que mais parecia com o rosto de um filho do Grinch com a Peppa Pig.

Acho que franzi a testa, porque ela desviou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar e mordeu uma bochecha enquanto se aproximava da mesa.

Nicole se acomodou na cadeira ao meu lado e disse:

— Oi.

— Oi. Tudo bem? – perguntei.

Ela assentiu e se virou para falar algo com a mãe. Nicole estava me ignorando, não estava? Porra, ela estava me evitando completamente.

Não tínhamos combinado que nada estragaria nossa amizade? Então... o que era aquela porcaria entre nós? Aquele desconforto e o desinteresse, a sensação de que não somos mais os mesmos. E de que nunca mais seremos.

Como duas pessoas que transaram em todas as posições do Kama Sutra poderiam se falar com tanta falta de intimidade assim?

Um sentimento angustiante tomou meu peito.

Aquilo não estava certo. Ela mal me encarava e eu queria sacudi-la. E fazer tantas outras coisas...

Coisas que eu não deveria querer, mas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nicole — seu nome saiu baixo e sem querer, perto do ouvido dela. Só percebi que havia me aproximado tanto quando ela arfou e seu ombro bateu em meu queixo.

O vinho que estava a caminho de sua boca se derramou no colo e entre os seios.

Engoli em seco, contendo a ânsia de lambar cada gota. O gosto da bebida em sua pele deveria ser... espetacular.

— Que droga — ela resmungou, colocando a taça na mesa e se levantando. Após um suspiro, avisou: — Vou trocar de roupa, já volto. Não precisam me esperar, podem começar.

E saiu, subindo as escadas para o segundo andar enquanto esfregava o vinho em si.

Cristo, eu queria esfregar vinho nela inteira.

Nossos pais não hesitaram em começar a se servir, discutindo algo sobre em que casa passaríamos o Natal daquele ano. A discussão começou a ficar tão animada sobre quem faria o peru ou quem faria as rabanadas que sequer perceberam quando avisei que iria ao banheiro e

PERIGOSAS ACHERON

sumi de suas vistas.

Cheguei no andar de cima em menos de cinco segundos e não hesitei em empurrar a porta entreaberta do quarto de Nicole. Precisávamos conversar com urgência.

Eu só...

Deus.

Eu só não estava preparado para vê-la apenas com uma lingerie branca.

— Guido! – ela bradou, tentando se cobrir com as mãos, espalhando ainda mais da bebida escura em sua pele.

“Por que você está me evitando?”

“Por que não fala comigo direito?”

“O que houve com o acordo de não mudar nossa amizade?”

Essas eram somente algumas das perguntas que eu queria fazer. Mas aquela visão mexeu comigo, embaçou minha mente e fez minha garganta secar, e a única coisa que saiu foi:

— Você não pode usar algo assim na minha

frente.

A testa de Nicole se enrugou e ela torceu a boca.

— Ah é? E por que não? — E colocou os braços na cintura em desafio, sem mais esconder seu corpo, as curvas que eu queria beijar e morder.

Minhas pernas começaram a se mexer instintivamente, como se o corpo dela fosse um ímã para o meu próprio.

Estávamos perto demais e meu corpo inteiro formigava e queimava com o fato dela estar assim, há apenas poucos centímetros de distância. Nossas respirações não tinham ritmo e se misturavam em uma só, o hálito dela era delicioso e me deixava desnortado. Eu já não estava mais pensando racionalmente. Pelo visto, ela também não.

Seus olhos tinham um fogo que eu conhecia bem, porque os meus ardiam de desejo igual.

— Por quê? — perguntei, rindo sem humor algum. Balancei a cabeça, sentindo meus músculos tencionarem, o maxilar completamente rígido. — Porque provoca coisas estranhas em mim e me faz querer fazer coisas ainda mais estranhas com você.

E quando um gemido escapou da boca de Nicole e seus lábios se separaram em surpresa e excitação, eu não hesitei em enlaçar sua cintura e beijá-la com tudo de mim.

Capítulo 27



NICOLE

Eu não deveria me deixar levar por aquela vontade insana de beijar Guido. De beijar cada centímetro daquele corpo magnífico que apareceu em meus sonhos durante toda a merda daquela semana.

Não poderia querer ele desse jeito nem quando saímos do navio, mas, principalmente, não deveria desejá-lo daquele jeito depois de vê-lo com outra garota. Saber que ele já estava saindo e provavelmente transando com outras apenas fez com que eu me sentisse... descartável.

Mas toda a nossa relação naquele navio foi descartável e esquecível, não foi? Ao menos deveria ser. A ideia era essa, certo? Esquecer tudo o que fizemos e seguir em frente como amigos, como

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre fomos e nada mais.

Só que... porra! O que tivemos não era nem um pouco esquecível. A não ser que um vaso caísse na minha cabeça e me desse uma bela de uma amnésia.

Porém, do jeito que meu corpo inteiro respondia e acendia perto dele, talvez nem tendo uma concussão adiantaria.

E agora lá estávamos nós, nos agarrando e nos esfregando loucamente no meu antigo quarto, quando eu havia prometido para mim mesma que tentaria apagar aquela vontade dele da minha mente, corpo e alma.

Eu tinha absoluta certeza de que poderia lidar com aquele almoço. Que conseguiria agir normalmente e tratá-lo como de costume. Mas bastou a campainha tocar e todos os meus músculos se tornaram rígidos como cimento. Minha língua parecia pesada e a cabeça girava.

Vinho. Eu precisava de vinho. Um montão.

Talvez eu devesse me mudar para um vinhedo. Seria mais fácil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só que não daria tempo, então eu precisaria me contentar com uma garrafa.

Guido estava sob o mesmo teto que eu e tudo o que eu queria era evitá-lo.

Se eu simplesmente... sei lá... fugisse, será que meu pai ficaria chateado? Sessenta anos é tão importante assim?

Mas então, minha mãe me chamou e eu não tive escolha a não ser me juntar a eles e, no instante em que coloquei meus olhos em Guido, meu corpo inteiro pegou fogo.

Cacete, como ele era bonito. O cabelo estrategicamente bagunçado, o maxilar marcado, as sobrelanceiras grossas, os lábios deliciosos e os olhos...

Céus, quando ele me encarou com aquela intensidade toda e senti que minhas pernas poderiam se tornar aquela gelatina que esqueceram fora da geladeira, eu sabia que estava perdida. O jeito que ele me afetava não era normal. Não deveria ser.

Engoli em seco, tentando colocar algum juízo na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabeça e me lembrar de como me senti mal na sexta à noite, depois de vê-lo flertando com a menina.

Eu tinha que esquecer Guido e tudo aquilo que fizemos. Só que naquele momento, eu simplesmente não conseguia nem lidar com ele sem que minha calcinha ficasse molhada.

Sério, era vergonhoso.

Tentei evitá-lo, achando que era o melhor caminho. Mas bastou o desgraçado colocar aquela boca diabólica perto do meu ouvido e seu hálito tocar o ponto sensível do meu pescoço para desabar por completo.

O vinho pegajoso em minha pele não ajudou em nada na minha excitação, porque tudo o que minha mente depravada pensava era em como seria uma delícia a língua quente e macia dele sugando cada resquício da bebida de mim.

Então, me levantei o mais rápido que pude e fugi para o meu quarto. Meu refúgio. Onde eu poderia me manter afastada dele o suficiente para tentar acalmar a cabeça e... bem... outras partes insistentes

PERIGOSAS ACHERON

do meu corpo.

Eu só não esperava que ele fosse me seguir até ali e dissesse aquelas coisas tão... absurdamente tentadoras. Estava magoada e com tesão, e o último acabou vencendo sem nem mesmo ter uma luta justa. Não quando Guido me olhava daquele jeito e me tomava nos braços.

E, mesmo que eu devesse ser forte e me afastar, eu simplesmente não fui capaz.

Agora, ele me beijava como se precisasse daquilo para viver e eu o retribuía com a mesma fome e necessidade.

Os lábios dele são exatamente como eu me lembro. Quentes e macios contra os meus, capaz de incendiar minha alma em desejo, saudade e algo mais.

E a forma que as mãos dele me tocavam e me apertavam parecia certo demais para parar. Meus braços já estavam rodeando seu pescoço e trazendo sua boca para mais perto. Sua língua era tão deliciosa que me fazia lembrar da sensação dela por toda parte. Guido talvez lembrasse de algo parecido

também, já que sua ereção latejava como doida na altura de minha barriga.

Uma voz dentro de mim gritou a plenos pulmões para que eu parasse com aquilo, para que desse um fim naquela loucura, mas todas as minhas moléculas gritaram em resposta mandando-a se calar de uma vez, porque estávamos todas tão excitadas que nada mais importava.

Guido apertou minha bunda, me erguendo. Minhas pernas não perderam tempo e enlaçaram seu tronco. Seu pau rígido roçou contra meu sexo e ambos gememos com o contato.

— Porra, como eu senti sua falta – ele grunhiu, descendo a boca para a curvatura entre meu pescoço e ombro.

Beijos molhados eram depositados em cada pedacinho de pele.

Sequer lembrava onde estávamos ou o fato de nossos pais estarem no andar de baixo, almoçando tranquilamente e alheios ao fato do sexo loucamente gostoso que estávamos prestes a fazer.

Guido parecia desesperado, as mãos afoitas para

PERIGOSAS NACIONAIS

me tocar onde pudesse, mas nada parecia o suficiente, até que ele prendeu um rosnado irritado na garganta que fez reverberar todo o seu tórax. Nesse momento, ele parece um homem das cavernas gostoso e faminto. E eu sou sua próxima refeição.

Guido me depositou na cama, o corpo em cima do meu. Sua boca faminta beijava e chupava meus seios, sugando os resquícios de vinho que ainda estavam em mim.

A mão ávida puxou meu sutiã para baixo, até abocanhar o mamilo e sugá-lo como se não o visse há anos. Minhas costas se arquearam instintivamente, em um pedido mudo para que continuasse.

— Meu Deus, que delícia. — A rouquidão em sua voz é absurdamente sexy e faz meu corpo tremer como se fosse um terremoto humano. — Eu amo vinho. Vinho é minha nova bebida favorita.

— Aah, Guido! — Seu nome escapuliu junto de um gemido quando a ponta da língua brincou com meu mamilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Adoro quando você diz meu nome assim. — E desceu a boca até minha barriga, beijando meu umbigo e sorrindo contra minha pele. — Adoro o seu gosto.

E sem esperar, encaixou o rosto bem ali, no meio das minhas pernas. Os dedos travessos puxaram minha calcinha para o lado e sua língua me explorou de cima à baixo em uma lentidão de matar.

É nesse momento que um arrepio me atravessa, me vira do avesso e me tira todo o ar dos pulmões.

Consigo sentir o desgraçado rindo contra minha intimidade antes de me penetrar com um dedo. O polegar faz movimentos circulares no centro do meu prazer e eu penso que meu mundo está prestes a acabar enquanto me contorço como uma lagartixa em água quente.

O que esse homem faz comigo não é desse mundo. Simplesmente não é, porque todos os meus sentidos estão no espaço, buscando algum porto seguro no qual me segurar.

Sua boca me beija lá embaixo mais uma vez,

PERIGOSAS ACHERON

tomando tudo de mim, me fazendo delirar, gemer e implorar para que não pare, porque se parar, eu provavelmente morrerei.

Então, o formigamento que cresce dentro de mim se espalha como brasa e, de repente, tudo explode. Meu corpo, minha mente, minha alma.

O orgasmo vem com força, levando tudo de mim, deixando minhas pernas moles e o corpo trêmulo.

As mãos de Guido sobem por meu tronco e logo sua boca buscava a minha. O beijo era violento e feroz. Meu corpo pareceu reviver com a mesma facilidade que desfaleceu.

Guido tinha esse poder sobre mim, o de me virar de cabeça para baixo e ainda me fazer desejá-lo urgentemente meio segundo depois.

Minhas mãos foram para seus ombros, peito e abdômen.

Céus, como eu queria senti-lo. Sentir sua pele em meus dedos, meus lábios.

Mas haviam muitas roupas. Por que diabos ele continuava vestido?

Inimigos. Tudo aquilo que impedia que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colasse minha pele na dele eram meus inimigos.

Estamos tão desesperados para sentir um ao outro que nos tornamos dois adolescentes desengonçados e afoitos tentando tirar sua camiseta e calça. Quando ele enfim está apenas com uma boxer preta, eu a abaixo às pressas e o agarro com todos os dedos.

Guido geme meu nome e fecha os olhos com força conforme eu dou beijos por toda sua extensão.

Tinha me esquecido de como sua pele tem um sabor bom e como sua textura é macia.

— Preciso... — ele ofegou. — Preciso estar dentro de você. Agora. — Não foi um pedido.

Eu tiro minha calcinha com rapidez e o posiciono entre minhas pernas, porque a verdade é que também preciso dele dentro de mim o quanto antes. E quando Guido arremete fundo, sua boca se move contra a minha com uma selvageria instintiva, me levando do céu ao inferno e vice-versa milhares de vezes.

— Deus, Nicole... isso é...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Eu sei – sussurro, cerrando os olhos conforme seus lábios macios deixam beijos quentes em meu pescoço.

As estocadas se tornam mais rápidas e fortes. Minhas pernas estão ao seu redor e meu quadril erguido, instigando-o a ir mais fundo.

A sensação dele dentro de mim é incrível e indescritível e eu não quero que ele pare. Guido se afasta alguns centímetros, colocando os braços nas laterais de minha cabeça enquanto continua deslizando para dentro de mim.

Sua expressão tensa e a forma com que se move, os quadris ondulando e a boca comprimida, é perturbadoramente erótica.

Todo o meu corpo implora por ele.

— Diz que me quer – ele pede, a voz baixa e rouca, a respiração entrecortada. – Porque eu te quero mais do que tudo.

Seus lábios estão inchados, o rosto corado, os cabelos em uma perfeita bagunça e a pele com uma leve camada de suor. Nunca em minha vida tive uma visão tão estupenda quanto essa. Guido era

PERIGOSAS ACHERON

sexy de morrer e talvez eu estivesse no céu e não sabia.

— Eu te quero. Te quero muito. — Um gemido me acompanha, conforme ele aumenta as estocadas em um ritmo quase animalesco.

Um grunhido de satisfação sai de sua garganta e sua boca se junta a minha mais uma vez em um beijo exigente.

Nesse beijo, Guido pede tudo de mim. Pede tudo o que eu sou.

E eu lhe dou, porque constato que é isso... eu sou dele. Aquilo já não era mais sexo para mim. Não... aquilo era outra coisa. Algo parecido com o que fizemos na hidromassagem.

Algo em mim borbulha e acho que é paixão. Talvez algo mais. E então eu lembro quem Guido é, o que representa e o que aquilo significa.

Uma sensação de pânico toma meu estômago.

Eu sou dele. Mas... ele não é meu.

Guido arremete com mais força, sussurrando que sou linda e perfeita em meu ouvido, dizendo o quanto me deseja, o que sentiu minha falta.

Ele não tem permissão de falar essas coisas. Não quando está saindo com outras garotas e fazendo sabe-se lá com elas.

E agora... comigo. Ele faz sexo comigo, enquanto eu faço amor. Isso é errado.

Da minha parte, claro.

Mas da parte dele também, pois esse não era o acordo.

Ainda assim... ainda assim o meu corpo reage ao dele e se contorce de prazer quando ela puxa meu lábio inferior com os dentes e mete em mim com força até que eu atinja meu ápice.

É como cair e voar ao mesmo tempo. Tudo gira em um borrão delicioso e culpado, até que seu corpo inteiro se tenciona e ele cai em cima de mim, juntando nossas testas e sorrindo como bobo.

Engulo em seco, sentindo o ar arder ao entrar nos pulmões.

— Nicole — ele me chama e seus olhos brilham.

Aquilo me deixa apavorada e eu o empurro para longe.

— Merda, Guido! — Bagunço meus cabelos,
PERIGOSAS ACHERON

colocando de volta a calcinha, completamente atrapalhada. — Não podíamos ter feito isso. Esse não era o acordo. — Eu precisava me cobrir. Puxei um vestido qualquer de dentro do armário e o coloquei em tempo recorde.

Ele nega com a cabeça.

— Dane-se o acordo. Você me deixa louco, não vê? Eu te quero todos os dias. Porra, Nicole, eu quero você todas as horas!

Meu coração se parte em mil e eu quase posso ouvir o barulho dos caquinhos dentro do meu peito.

— Mas eu não quero... isso. — Ser só mais uma das garotas que você leva pra cama, eu quis dizer, mas passos ecoam pelo corredor e ambos arregalamos os olhos em desespero.

Aponto para o armário e Guido não pensa duas vezes antes de juntar suas roupas e correr lá para dentro.

Minha porta se abre menos de dois segundos depois e minha mãe surge, preocupada.

— Você estava demorando — explicou. — Tudo bem, filha? Seu cabelo está uma bagunça. — Seu

cenho se franziu.

Passei as mãos pelos fios da mesma cor dos seus, tentando acalmá-los.

— Estava falando com a Helô no telefone — menti. — Mas vamos, já tô pronta.

Minha mãe assentiu e me ofereceu um sorriso antes de seguir para a porta.

— Aliás, acho que o Guido não está se sentindo muito bem. Ele está no banheiro há algum tempo. Será que deveríamos checar se está passando mal? — ela pergunta, pensativa.

— Melhor não, mãe — sussurrei, tentando ignorar o bolo que se formou em minha garganta. — Daqui a pouco ele sai.

— Você está certa, querida, mas vamos voltar antes que a comida esfrie.

Acenei com a cabeça e me virei para encarar o armário antes de fechar a porta e retornar para a sala com o estômago embrulhado e uma vontade imensa de chorar.

Guido desceu cinco minutos depois e não voltamos a nos falar o resto do dia.



Também não nos falamos de novo até o fim do mês.

Nem mesmo uma mensagem trocada. Nada.

Aquela era a primeira vez em que eu e Guido ficávamos tanto tempo sem nenhum contato um com o outro e a verdade é que o silêncio parecia cada vez mais insuportável.

Me sentia ansiosa e inquieta, como se meu sangue borbulhasse aos poucos dentro das veias, pronto para se transformar em uma erupção de lava, membros e sentimentos.

Nossa amizade estava mesmo arruinada. E a culpa disso era toda minha.

Eu o quis, eu sugeri o acordo e eu... eu me apaixonei.

Era isso. Essa era minha realidade: idiotamente apaixonada pelo meu melhor amigo.

Ex-melhor amigo...

Porque como eu poderia pensar em Guido como amigo novamente quando suas mãos e beijos estão

PERIGOSAS ACHERON

marcados na minha pele e alma?

Meus sentimentos por Guido são desnecessários e inconvenientes. Mesmo assim, lá estão eles, gritando contra meu cérebro que minha vida não será completa sem ele.

De fato, jamais seria.

Mas fui eu que arruinei tudo. Não tive maturidade para lidar com sexo casual.

Achei que o tempo e a distância fariam seu trabalho e me curariam. Mas, pelo visto, ambos estavam de férias e sem previsão de retorno.

Os sentimentos continuaram pulsando em meu peito, tão fortes e intensos quanto no dia em que os aceitei.

Nada passou. E agora eu o perdi.

Perdi para sempre, porque havia descoberto no dia anterior, através da minha mãe, que Guido recebera um convite para se mudar para Miami e coordenar uma equipe da empresa na sede americana durante um ano.

Ele aceitou.

E não me contou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei sabendo por outros uma notícia daquelas. Provavelmente uma das mais importantes de toda a vida dele.

Guido iria embora, talvez até para sempre caso quisessem mantê-lo lá, e nós não estávamos nos falando. Tudo o que tínhamos havia ruído e o único impulso que eu tinha era de me abrigar na cama e ficar ali, apenas respirando como uma inválida.

Aquela merda toda doía demais e não havia dentro de mim vontade de fazer qualquer coisa que fosse. Nem mesmo escrever, ainda que palavras rodeassem minha mente dia e noite, insistindo para que eu as colocasse no papel.

Mas a disposição não vinha e eu só queria me esconder do mundo. De tudo o que sentia e não deveria sentir.

Então, enquanto eu o imagino pegando aquele avião e partindo para tão longe, eu desabo mais uma vez e choro de um jeito que nunca chorei antes.

Não é uma coisa bonita.

Cada soluço faz meu corpo tremer e os barulhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que escapam de minha boca arranham minha garganta.

Acho que exagero dessa vez, porque Helô escancara minha porta com uma expressão impaciente, furiosa e preocupada.

— Eu me recuso! — Sua voz era alta, quase um grito. — Eu me recuso a deixar você continuar desse jeito, sentindo pena de si mesmo e não tomando nenhuma merda de atitude antes que seja tarde.

Helô já sabia da verdade, de toda ela.

Logo depois do almoço de aniversário de meu pai, cheguei em casa e desabei toda a história em cima da minha amiga.

Ela poderia ter jogado um “eu te avisei”, mas apenas me abraçou forte e me consolou por toda a madrugada. E me consolou também no dia anterior, quando recebi a notícia da mudança.

— Você não pode mais ficar sofrendo desse jeito, Nicole — ela disse, puxando meu braço e me obrigando a sentar na cama. — Você está morrendo de saudades do Guido.

— Estou tentando não sentir.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah é? E como tá indo com isso? — Arqueou uma sobrancelha, cínica.

Soltei uma risada tão amarga que mal me reconheci.

— Falhando miseravelmente. Meu coração está cheio de coisas que eu queria dizer pra ele e não posso. Essa merda dói — reclamei, puxando as cobertas e tentando me aninhar entre elas mais uma vez.

— Então vamos desinchar isso aí, cacete! Bote para fora, libere esse dor, mande-a para a puta que pariu ou para o papel, onde preferir, mas ela precisa sair de dentro de você.

Solucei, me sentindo uma completa inútil e imbecil. Eu queria que ela saísse. Na verdade, isso era tudo o que eu queria.

— Eu não sei... como — admiti, esfregando o rosto com força.

Helô, de repente, sumiu do quarto.

Retornou meio minuto depois com meu laptop e uma bandeja de madeira.

— Eu sei. — E colocou tudo em cima de mim. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Escreva – disse. – Escreva até que tudo suma. Deixe sair, fluir tudo o que sente pelos seus dedos. Isso vai te fazer sentir melhor, confie em mim.

Não sei se pelo seu olhar determinado ou se pelo fato de eu estar cansada daquele estado meio-viva-meio-morta, mas confiei em Helô. Eu queria me sentir melhor. Não. Eu *precisava* me sentir melhor de alguma forma.

Ajeitei o laptop na bandeja e comecei a digitar.

Escrevi e escrevi sem parar. Pela semana inteira que se passou.

E, por algum milagre, consegui ignorar o fato de que Guido partiria no dia seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28



GUIDO

Praticamente um mês inteiro sem falar com Nicole. Sem ouvir sua voz, sentir seu cheiro ou provar seu gosto.

Eu estava enlouquecendo, mas que outra opção tinha?

Porra, ela deixou claro que não queria nada comigo. E eu não era ingênuo o suficiente para achar que conseguiríamos manter a amizade depois de eu ter praticamente me declarado para ela e recebido um “não, obrigada” do tamanho da Rússia.

Ah, vale lembrar que a Rússia é o maior país da Terra.

Então, tudo o que me restava era respeitar seu tempo e espaço. E também o meu. Porque

PERIGOSAS ACHERON

claramente eu precisava de *muito* tempo e *muito* espaço para poder esquecer aquela paixão que me consumia a cada vez em que eu pensava em Nicole.

Era isso. O imbecil aqui tinha se apaixonado e agora não sabia lidar com o sentimento.

Ótimo. Era tudo o que eu precisava.

A pior parte era não saber como seguir em frente ou esquecê-la. Só de pensar em sair com outras mulheres praticamente me causava uma gastrite. Tentei cair de cabeça no trabalho, mas ainda assim me pegava lembrando dela e maquinando maneiras de me reaproximar.

E então eu lembrava que não poderia. Não enquanto eu a queria debaixo do meu corpo, gemendo meu nome e muito mais... Eu queria que ela me retribuísse. Só que isso era um sonho distante. Na verdade, está mais para um delírio descontrolado.

Talvez um dia, quando isso passasse, nós pudéssemos nos ver de novo e tudo seria como antes. Mas esse dia demoraria a chegar, eu tinha certeza. Porque a forma que ela me afetava somente

PERIGOSAS NACIONAIS

com lembranças estava consumindo tudo o que eu era e essa merda ia me enlouquecer mais cedo ou mais tarde.

Acho que por isso fiquei bizarramente aliviado quando meu chefe me chamou para conversar. O relatório que eu havia feito sobre a viagem e todas as minhas sugestões de melhoria, não apenas para a experiência quanto no aplicativo em si, estavam à sua frente.

O resultado daquela reunião foi um convite irresistível de me mudar para Miami e trabalhar com a equipe de programadores de lá por um ano inteirinho.

Era a porra de uma puta oportunidade do caralho e eu não tinha como recusar.

Aceitei imediatamente, sem pensar muito.

E, quando saí da sala, meu primeiro impulso foi discar o número de Nicole. Queria que ela fosse a primeira a saber, que surtasse comigo e compartilhasse aquela chance ao meu lado.

Mas então, eu lembrei que não estávamos nos falando e guardei o celular no bolso, com uma raiva

PERIGOSAS ACHERON

absurda de mim mesmo. Meu dentista me daria um esporro se visse o péssimo hábito de ranger os dentes que adquiri depois desse dia.

Só que eu não conseguia evitar. Estava sempre com ódio de mim mesmo, porque eu estraguei tudo. A culpa era toda minha.

Eu a desejei, a tomei nos braços e me apaixonei.

Lá estava eu, o otário que se apaixonou pela melhor amiga. Mesmo quando ela só queria um casinho sexual de poucos dias.

Agora, não havia nada entre nós. E eu iria embora...

Iria para bem longe dela.

De início, entrei em pânico com a ideia. Mas, com o passar dos dias, me convenci de que essa era a melhor solução.

Se eu não era capaz de esquecê-la daqui, de longe eu talvez conseguisse. Com tempo e distância, meu coração poderia parar de palhaçada e voltar a ser de gelo como era antes.

Então, as semanas passaram num piscar de olhos.

Perdi a conta de quantos momentos pensei em
PERIGOSAS ACHERON

ligar para Nicole ou de quantas vezes passei perto de seu apartamento para fingir um encontro por acaso e poder contar sobre minha mudança.

Achava que ela merecia saber, mesmo que não soubesse como contar. Ou sequer se ela sentiria a minha falta.

Seu silêncio por todo aquele tempo depois da minha confissão me convencia de que não. Ela teria entrado em contato caso sentisse, certo?

Ainda assim, uma parte estúpida e esperançosa dentro de mim insistia que eu deveria falar com ela antes de ir.

O problema é que minha parte covarde e magoada falou mais alto e meu voo seria na manhã seguinte.

Era isso. Eu ia embora.

Eu ia embora sem falar com a minha melhor amiga, com a mulher que amo, pelo simples fato de que não tinha coragem de dar o primeiro passo. Porque me sentia rejeitado, magoado e como um idiota.

Um idiota dos grandes. O maior idiota. O idiota

supremo das galáxias.

Talvez devessem me contratar para o próximo Jackass. Eu seria o idiota fazendo idiotice.

Quando a noite chegou, finalizei de arrumar as malas e me joguei no sofá da sala, completamente exausto.

Meu celular apitou um segundo depois.

E eu não entendi nada quando vi o nome de Helô saltando nos meus e-mails.

Capítulo 29



NICOLE

Acho que nunca escrevi tanto em um espaço de tempo tão curto.

Helô estava certa, como sempre. Escrever faria com que eu me distraísse e, especialmente, me aliviasse.

Meu peito ainda doía, mas um pouquinho menos. E as lágrimas não vieram pela semana inteira. Para mim, aquilo era uma vitória, considerando que nos últimos tempos eu havia adquirido um choro crônico. Acho que eu tinha voltado a ser um bebê de dois anos de idade ou algo assim.

De qualquer maneira, quando a última palavra saiu e a fonte secou, o mesmo vazio de antes preencheu meu peito e tudo doeu.

Escrever foi uma boa maneira de me desligar do

PERIGOSAS ACHERON

mundo, mas o mundo não se desligou de mim e o tempo passou, mesmo quando eu desejava que ele parasse apenas para Guido não partir.

Mas ele partiria em algumas horas e não havia nada que eu pudesse fazer.

Queria ligar para ele e vê-lo. Queria ao menos me despedir. Mas eu não era ingênua o suficiente para acreditar que se isso acontecesse, eu não pediria para ele ficar. Porque eu pediria.

Eu seria egoísta a esse ponto e Guido merecia mais.

Por isso que, quando Helô apareceu em meu quarto tarde da noite com um copo de leite quente, eu me permiti tomar cada gota, colocar meu laptop em seu colo e me aconchegar na cama.

Minha amiga sentou-se na beirada, afagando meus cabelos em um carinho bom. Não me importei com o fato dela estar lendo o que eu escrevi. Já era algo natural, considerando que Helô era minha agente.

Um bom tempo depois, enquanto ela corria os olhos pela tela e descia até o final para conferir o

PERIGOSAS NACIONAIS

desfecho, ela disse:

— Você escreveu um livro sobre você e Guido e tá... uau, muito bom, Nicole. Sério mesmo. O pouco que li já... mexeu comigo. — Fiz um breve aceno com o queixo em agradecimento. — Mas o final não é feliz.

Engoli o choro que ameaçou vir e falei, simplesmente:

— Não tinha como ser.

Helô me encarou em um misto de pena e tristeza antes de beijar minha testa.

— O que você pretende fazer com isso? — Ela se referia ao documento.

— Pode apagar. Isso foi apenas pra mim, mais ninguém.

Ela me encarou com um sorriso complacente.

— Durma agora, você quase não descansou nos últimos dias. Deve estar exausta.

Assenti, recebendo um beijo na testa enquanto o sono me embalava como uma melodia gentil.

— Tudo vai ficar bem, eu prometo. — Foi tudo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ouvi antes dela se afastar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30



GUIDO

Um arquivo estava em anexo e tudo o que Helô dizia era que eu deveria lê-lo.

Fui para o computador e fiz o download, reconhecendo no mesmo instante a escrita de Nicole. Li todos os seus livros, mesmo que não fosse muito fã de romance, mas eu seria capaz de reconhecer seu estilo em qualquer lugar.

E ela... Deus...

Meus olhos corriam pelas páginas, reconhecendo milhares de cenas, pois foram momentos nossos, juntos.

Nicole retratou lembranças de quando éramos pequenos, as vezes em que nos acobertamos dos nossos pais, em como formávamos uma dupla incrível. Ela escreveu até mesmo sobre nosso

PERIGOSAS ACHERON

primeiro beijo na adolescência e em como ela tentou negar que sentiu o corpo todo formigar depois disso.

As páginas iam passando enquanto eu as devorava sem descansar. Dane-se que a área atrás dos meus olhos começava a doer. Eu precisava sugar e absorver cada palavrinha, cada sentimento exposto que ela colocou ali.

Eu estava na cabeça de Nicole. Dentro de seu corpo e alma. Tudo pela sua escrita, sua forma de expressar.

Era a experiência mais pura e extraordinária que eu já vivenciei.

Até que chegamos aos dias atuais e ela descreveu cada momento nosso. A forma com que ela reagia ao meu toque, em como se perdia em meu beijo e em como adorava me sentir junto dela.

Meu coração acelerou e eu podia sentir a pulsação por todo o meu corpo. Quente, instável e veloz.

“É engraçado como a vida pode ser inesperada a ponto de transformar uma relação da água para o

vinho com apenas uma pequena mudança de percepção. Porque bastou me permitir enxergar Guido como o homem que era para que eu não fosse mais capaz de vê-lo com os mesmos olhos de antes. Ele se tornou tudo, tomou tudo de mim e tudo o que eu era. Quando vi, estava apaixonada pelo meu melhor amigo e sem saber o que fazer com isso. Não quando ele queria sexo casual e eu um relacionamento.”

Baguncei os cabelos, sentindo que poderia ter um infarto a qualquer segundo.

Putá merda!

Nicole estava apaixonada por mim? E achava que eu não a correspondia...

Ao continuar lendo, cheguei no momento em que ela descreve como se sentiu ao me ver com a garota no bar.

Mirela. Ela nos viu, então.

E saiu deduzindo as coisas...

— Caralho! — Eu ia acabar com um ataque cardíacos antes do Sol nascer.

Mas, ainda assim, me forcei a ler cada palavra,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cada frase, cada maldita página até chegar ao fim.

Um fim que fez tudo dentro de mim doer. Doer de verdade. Dor física.

Porque aquela história não acabava bem.

E eu não gostava daquela ideia, daquele final onde estávamos separados e seguindo nossas vidas.

Assim como a realidade em que nos encontrávamos. Uma realidade que eu odiava com todas as minhas forças.

Mas o dia já nascia lá fora e o táxi que eu tinha agendado me aguardava lá embaixo para me levar até o aeroporto.

Estava na minha hora.

E eu tinha perdido tempo demais.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31



NICOLE

Eu não queria acordar. Não mesmo.

Porque eu sabia que se abrisse os olhos e encarasse aquele dia, talvez eu nunca mais fosse a mesma, pelo simples fato de que aquele era o dia em que Guido me deixou.

E pior: o dia em que eu o deixei ir, como uma completa covarde.

Por mim, eu passaria a manhã, a tarde e a noite imersa nos cobertores, fingindo que o mundo lá fora não existe e que o tempo dentro do meu quarto parou.

Mas a porcaria da campainha não parava de tocar como uma louca e Helô provavelmente não estava em casa para atender.

Pensei que, se fingisse não ouvir, a pessoa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ridiculamente insistente apenas desistiria e me deixaria em paz.

Cinco minutos depois, isso ainda não tinha acontecido e o zumbido da campainha fazia latejar meus tímpanos.

Me obriguei a sair da cama, resmungando e ignorando o cabelo bagunçado para todos os lados.

Fui até a sala de estar e destranquei a porta. Quando comecei a abri-la com raiva incandescente, avisei:

— Desgraçado, espero que seja algum incêndio de verdade.

— E é. Um incêndio dentro de mim, foguinho. E a porra da culpa é toda sua.

Aquela voz...

— Guido? – Meus olhos se arregalaram quando focaram nele, à minha frente. Os olhos faiscando determinação, pressa e... algo mais. – O que você tá fazendo aqui? – Encarei as malas na porta. – Seu voo...

— O voo pode esperar. Isso não. – Ele sorriu, vitorioso, estendendo o telefone para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Completamente confusa, peguei o aparelho, vendo o arquivo aberto.

— Meu Deus! — ofeguei, cobrindo a boca com a mão. — Co-como v-você...

— Helô. Mas, foda-se, isso não importa. É verdade? Tudo o que escreveu?

Prendi o ar, uma ansiedade do tamanho de Júpiter se acomodou em meu estômago.

Guido se aproximou, tomando meu rosto com as mãos. Ele estava tão perto que seu nariz tocou o meu em uma carícia que fez meu corpo acordar de vez.

— Me diz, Nicole, você tá apaixonada por mim?
— Ele soltou uma risada, balançando a cabeça com incredulidade e felicidade tomando sua expressão.
— Porque eu tô completamente apaixonado por você e se cada maldita palavra que você escreveu é verdade, então eu vou te beijar agora mesmo e nunca mais te soltar. Estamos entendidos? Então seja sincera e... puta que pariu, não me deixe esperando!

Acho que meus olhos se arregalaram e a boca se

PERIGOSAS ACHERON

abriu enquanto eu absorvia o que ele tinha acabado de me dizer.

— Você... gosta de mim?

— Se eu gosto de você? Caralho, não acabou de ouvir o que eu disse? Eu *te amo*, Nicole! E não, eu não estive com mais ninguém depois de você. Ninguém servia, ninguém sequer se compara. Você é única pra mim, entendeu? Eu quero você e *só* você. E não só pra transar loucamente a qualquer hora. — Ele riu, tocando nossas testas. — Bom, isso também, mas não apenas isso.

Ele parecia tão genuinamente feliz que meu coração se encheu de alegria e... amor.

As lágrimas que caíram dos meus olhos eram uma mistura de pura felicidade e medo. Medo de ainda estar sonhando, pela ínfima chance de eu estar dormindo e nada daquilo ser real.

Mas seu toque era quente, assim como a respiração que batia em meu rosto. Seu cheiro estava em todos os lugares, me trazendo conforto e esperança.

— Eu quero que você seja minha, tanto quanto eu

já sou seu – Guido continuou, os polegares acariciando minhas bochechas e secando algumas lágrimas que caíram sem meu consentimento. – E se eu entendi certo pelo que li, você deseja a mesma coisa. Então, mulher cruel e linda, pelo amor de Cristo, me diga que é recíproco e me peça para te beijar agora antes que eu me jogue pela janela.

Eu não queria que ele se jogasse pela janela. Seria uma bagunça enorme e eu precisaria lidar com a polícia. Isso seria um saco, com certeza.

Mas não foi por isso que eu o puxei pela nuca e o beijei.

Eu o beijei porque o amava e, contra todas as possibilidades do mundo, Guido me amava também.

Ele ofegou aliviado quando nossas línguas se tocaram e seus braços de repente rodearam todo o meu corpo e me juntou a ele em completo desespero, saudade e paixão.

Nunca em toda a minha vida me senti no lugar mais certo quanto naqueles braços. Seu beijo era

quente, apaixonado e tão delicioso que tudo o que eu queria era levá-lo para o meu quarto e percorrer seu corpo com os lábios, tê-lo dentro de mim e me perdendo nele pelo resto do dia.

Porém, mesmo completamente entregue às sensações e aos sentimentos incríveis que me inundavam, eu não podia esquecer que ele estava de partida.

As enormes malas logo atrás não me deixariam esquecer isso.

— Guido – chamei, pousando as mãos em seu peito.

Deus, tão forte, tão gostoso...

Seu coração pulsava tão rápido quanto o meu.

— Que horas é seu voo?

Ele balançou a cabeça em negativa e me sorriu.

Um sorriso tão aberto e lindo que perdi o ar e me desmanchei por completo. Os ossos das minhas pernas decidiram que era uma boa para se desintegrar.

— *Nosso* voo. Você vai comigo. Qual a parte do “eu nunca mais vou te soltar” você não entendeu? –
PERIGOSAS ACHERON

E beijou cada cantinho do meu rosto, conforme esperava que eu compreendesse seu convite.

E quando a ficha caiu, acho que engasguei, porque ele se afastou, rindo como bobo e batendo em minhas costas.

— Você quer que eu me mude pra Miami com você? — Eu realmente corria o risco dos meus olhos saltarem de órbita.

Guido inspirou fundo e pegou minhas mãos, beijando cada nós dos dedos com um carinho sem igual.

— A decisão é sua, claro, mas já liguei pra companhia aérea no caminho e pedi pra reservarem outra passagem caso aceite vir comigo. Pense bem, Nicole, uma semana em um cruzeiro fez você escrever seu melhor livro. Eu já li todos algumas vezes e esse... céus, esse é sua obra-prima. Imagina o que você poderia fazer estando comigo em Miami, podendo focar na escrita e conhecendo tantos lugares novos. — Ele levou minhas mãos ao seu rosto e beijou cada palma com um amor inquestionável. O mesmo amor que fazia meu coração sambar como se estivesse em pleno

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carnaval. – Mas, o mais importante, imagina nós dois juntos, pra sempre. Seja lá ou aqui, onde for não importa. Eu só quero estar com você, com a minha melhor amiga.

Fui atingida por milhares de estrelas cadentes no peito, no estômago, no rim e nos pulmões. Tudo em mim vibrava e estourava enlouquecidamente.

Estar com ele, com Guido, o homem que eu amo e a pessoa mais importante da minha vida, não tinha nada que eu quisesse mais do que isso. Nada poderia me deixar mais feliz e completa. Absolutamente nada.

Meu sorriso foi tão escancarado que minhas bochechas doeram.

Então, sem pensar muito, gritei:

— MALAS! Rápido, precisamos fazer minhas malas!

Ele riu, agarrou meu rosto e selou nossos lábios mais uma vez.

— Opa, precisam de ajuda com as malas, é? – Helô disse, ridiculamente cínica, adentrando o apartamento com uma sacola de mercado. – Então

PERIGOSAS ACHERON

vamos logo com isso, pombinhos. E, por favor, não fiquem se pegando na minha frente. É meio nojento. — Mostrou a língua em uma careta para reforçar sua opinião.

Guido e eu trocamos um olhar cúmplice e uma risada baixa antes de nos amassarmos em um beijo mais caloroso que o último.

Helô resmungou alguma coisa sobre nos merecermos e se encaminhou para o meu quarto sem olhar para trás.

— Não esquece de deixar seu laptop na mala de mão — ele avisou, com um sorriso malicioso. Em seguida, enfiou o rosto em meu pescoço, sussurrando em meu ouvido entre um beijo e outro: — Temos que alterar aquele final desprezível o quanto antes. De preferência durante o voo. Depois de nos escondermos naquele banheiro minúsculo e torcer para nenhuma aeromoça nos escutar enquanto eu faço amor com você que nem um louco.

Ofeguei só com a lembrança de como era ter Guido dentro de mim, as mãos e boca por todos os lados, rosnando meu nome e me fazendo gemer o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu.

— Gosto dessa ideia – confessei. – E nossos pais? Como vamos contar pra eles?

Guido abriu um sorriso travesso e disse:

— Podemos fazer um FaceTime do aeroporto. Aposto que minha mãe vai desmaiar.

Ri.

— E a minha provavelmente vai vomitar no chão inteiro.

Ele me acompanhou na risada, me puxando pela cintura.

— Você e seus flertes relacionados a vômito... – balançou a cabeça em uma reprovação divertida.

— Ah, cala a boca! – Bati em seu ombro, sorrindo como uma idiota. Mas quando ele beijou meu queixo e pescoço, um arrepio bom subiu por toda a minha coluna.

Foi uma guerra interna para tentar conter o calor e a vontade de tirar as roupas dele e transar ali mesmo, no chão da sala de estar.

Acho que Helô ficaria bem puta, mas eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disposta a lidar com as consequências.

Porém, como se lesse meus pensamentos depravados, ela gritou do quarto avisando que não faria o trabalho pesado sozinha.

Guido riu, beijando a ponta do meu nariz e se afastando.

Acabei puxando-o para um beijo rápido, porque a ideia de me afastar dele parecia dolorosa demais naquele momento.

Pelo visto, ele sentia o mesmo, pois tomou minha boca de uma maneira faminta e apaixonada, abraçando minhas costas e nos colando em cada centímetro como uma promessa.

Uma promessa de que seria assim todos os dias. Pelo resto de nossas vidas.

E, mesmo que não quiséssemos nos desgrudar de novo tão cedo, tivemos que nos forçar a lembrar que teríamos todo o tempo do mundo e que, agora, precisávamos correr para arrumar o máximo das minhas coisas possíveis.

O resto levaríamos em uma outra oportunidade. Ou não, tanto faz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque quando se tem o amor da sua vida ao seu lado, nada mais importa.

E eu tive a sorte de descobrir esse amor com o meu melhor amigo.

Eu poderia ser mais sortuda do que isso?

Duvido muito.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32



GUIDO
(2 ANOS DEPOIS)

Faziam exatamente quinze horas, vinte e dois minutos e três segundos que eu estava casado com Nicole. Quase morri quando a vi vestida de noiva, olhando para mim como se eu fosse o homem mais incrível do mundo.

Naquela mesma noite, adorei arrancar cada um daqueles malditos botões e fazer amor com ela em cada canto do quarto de hotel que reservamos. Fiz minha mulher gritar e gozar como nunca e, como a linda, gostosa e cruel esposa que era, Nicole retribuiu o favor muito bem. Especialmente com aquela lingerie preta que tinha o objetivo de deixar qualquer homem enlouquecido e duro em tempo recorde.

A ligação da recepção informando as
PERIGOSAS ACHERON

reclamações dos vizinhos algum tempo depois não foi tão divertida, no entanto.

Mas isso definitivamente não impediria que continuássemos a provar um ao outro por mais incontáveis horas. Era nossa noite de núpcias, então... foda-se. Eu queria tomar minha esposa nos braços, beijá-la, venerá-la e meter nela até que estivéssemos completamente exauridos.

Para a sorte dos vizinhos, caímos exaustos e satisfeitos na cama um pouco depois da ligação.

Bom, talvez não exatamente satisfeitos, já que algumas horas de sexo jamais seriam o suficiente para me satisfazer com Nicole, mas tínhamos mesmo que acordar cedo para a lua de mel.

Pedi ela em casamento um ano depois de morarmos juntos em nosso apartamento em Miami, durante nossa vinda ao Brasil para o lançamento de seu novo livro.

“De Repente Nós Dois”, foi o título que ela deu para a nossa história. Não poderia ser mais perfeito. *Ela* não poderia ser mais perfeita.

Ainda lembro de como Nicole esbugalhou os

olhos quando abriu o exemplar que comprei para ela autografar em sua estreia e o pedido estava escrito ali dentro.

Ela demorou alguns segundos para entender, mas quando pigarreei, nervoso e ansioso pela maldita resposta, ela viu que era sério e simplesmente pulou por cima da mesa e me agarrou pelo pescoço dizendo um sim atrás do outro.

Os livros caíram no chão, junto de algumas canetas e uma garrafa de água. Os leitores, no entanto, ficaram alvoroçados e a livraria inteira entrou em êxtase entre palmas e gritos conforme eu a beijava em completo alívio.

As fotos daquela cena estão penduradas na parede da nossa sala de estar e faço questão de olhar para cada uma delas sempre que chego em casa.

Nicole faz a mesma coisa, além de encarar, orgulhosa, a matéria do jornal que mandamos emoldurar sobre seu livro ser um enorme sucesso e o mais vendido do país.

Mas, também, como um casalzão da porra que

PERIGOSAS NACIONAIS

somos, não tinha como ser diferente.

A maior prova disso é que lá estávamos nós, começando nossa viagem de lua de mel e já nos embolando nos cobertores da cama. Eu me impulsionando para dentro dela e Nicole arfando meu nome enquanto atinge um orgasmo colossal. Duas estocadas depois, eu a acompanho e a beijo com carinho.

Então, uma voz ressoa pela cabine:

— Senhoras e senhores passageiros, favor comparecer ao deck para as instruções de segurança.

Sorrimos um para o outro, cheios de amor, companheirismo e diversão.

E, no mesmo instante, tive certeza de que, assim como eu, Nicole pensava em quais espacinhos de um navio ainda não tínhamos estreado.

PERIGOSAS ACHERON

Biografia



DEBORAH STROUGO é a autora do romance Inesperadamente Você e uma publicitária carioca que se encantou pela literatura na adolescência, quando começou a escrever poemas que logo se espalharam pela Internet. Decidiu se aventurar em fanfics tempos depois e, desde então, nunca mais parou de escrever. Além de ser uma leitora voraz, também adora viajar e se perder em séries, filmes e animes.

Instagram: @deborahstrougo

Facebook:

<https://www.facebook.com/deborahstrougo/>

www.deborahstrougo.com

Agradecimentos



Esse e-book lindo só saiu graças a ajuda de algumas mulheres incríveis e eu gostaria de dedicar essa história a elas: Fabi, Dani, Nick, Mari, Isa, Nat e Cellinha. Muito obrigada por todo apoio e suporte de sempre. Amo vocês!

E se você, querido leitor, chegou até aqui, quero deixar o meu agradecimento também. Espero mesmo que tenha se divertido com a Nicole e o Guido tanto quanto eu!

Também adoraria ver todos vocês em Inesperadamente Você, compartilhando comigo a história da Alice e do Theo (acredite, é impossível não se apaixonar por eles!).

Até breve, seus lindos!

Com muito amor,

PERIGOSAS NACIONAIS

DEBORAH STROUGO.

PERIGOSAS ACHERON